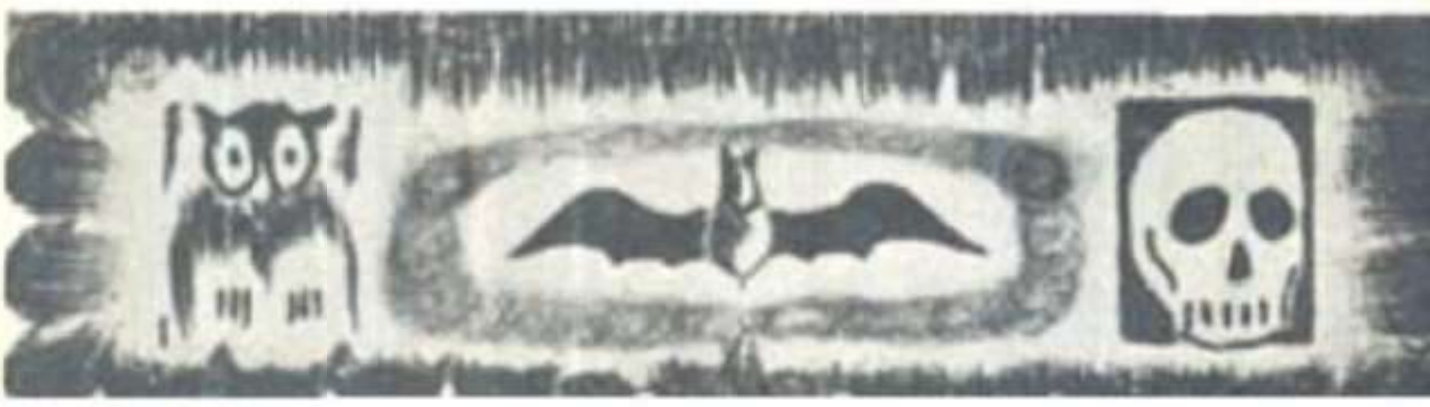
Série "São Cipriano"

SÉRIE "SÃO CIPRIANO"

O BOI DA CARA PRETA

TAMBÉM CHAMADO "LIVRO DO TOURO NEGRO", OU SIMPLESMENTE "O CARA PRETA".



O LIVRO DO TOURO NEGRO

SÉRIE SÃO CIPRIANO

O LEGÍTIMO E ÚNICO LIVRO DO BOI DA CARA PRETA,

chamado também

LIVRO DO TOURO NEGRO,

ou ainda

O CARA NEGRA:

Trasladado em língua portuguêsa
e atualizado por

SIRIH BAKKATUYU,

natural de Goa e cavaleiro da
ORDEM DE BELÉM.

Com 16 ilustrações originais

Edições Artesanato

A ANTIGUIDADE DESTE LIVRO

A PRIMEIRA referência que se faz à existência deste livro em Portugal está num pergaminho da Torre do Tombo, no qual se lê o seguinte, feita a mudança para a ortografia moderna:

"E houve naquele burgo um homem de muito maus instintos, e que parecia ter parte com o demônio; e foi denunciado pelos seus vizinhos de mais perto como feiticeiro e bruxo, e o Santo Ofício logo o filhou (prendeu). E havia ele consigo um livro de feitiçarias e mágicas e outras coisas demoníacas e imundas; o qual livro era todo escrito sobre pergaminho com tinta preta e vermelha, e era cosido na lombada com tiras estreitas feitas com o mesmo pergaminho. E o homem não quis dizer onde havia escondido o livro, para que o Santo Ofício o não fosse buscar e queimar. E tão empedernido estava aquele homem no seu erro e engano, que mesmo quando ameaçado de morte na fogueira se obstinou e não confessou qual tinha sido o lugar em que o escondera (o livro). E foi consumido pelo fogo, mas o livro ficou em lugar não sabido. E dizem que continha fórmulas mágicas e encantamentos que vinham dos árabes, dos assírios, dos caldeus, e dos hebreus. E embora estivesse vertido (em) mais da metade em linguagem português(a), tinha partes em letras rúnicas, e outras em letras hebraicas, e também nas letras do alfabeto grego e do árabe. E isto era para que os que o vissem não soubessem o que estava escrito. E na primeira folha do livro, a qual servia de capa, estavam escritas as palavras: Livro do Boi de Cara Preta. E era assim que se chamava o livro maldito."

Este documento é do século XIV, e até agora constitui a mais antiga referência ao Livro do Touro Negro, ou Livro do Touro de Cara Negra, ou ainda ao Boi de Cara Preta, em terras portuguesas. Documentos posteriores fazem, todavia, menção de livros semelhantes, encontrados em diversos lugares de Portugal. E num desses documentos, já do século XVIII, há a seguinte narrativa de umas escavações que se fizeram numa aldeia situada ao norte daquele país:

“Quando se cavava o chão para construir o alicerce de uma casa, eis que a pá de um dos homens foi de encontro a um objeto duro que parecia feito de metal. E cavando ele em torno, logrou sacar da terra um vaso, que era todo de barro vidrado, e estava tapado para que não entrasse nele água nem umidade; e como lhe parecesse tratar-se de coisa mui séria, tomou aquele homem o vaso e o levou ao bailio daquela região, o qual bailio era homem de muito estudo. E tendo ele aberto o vaso, encontrou dentro um livro feito de pergaminho, no qual estavam escritos vários conjuros, esconjuros, exorcismos e rezas. E eram as palavras escritas com tinta preta, com as letras iniciais de cada capítulo escritas com tinta vermelha; e se bem que a maior parte estivesse escrita em linguagem portuguesa, havia também partes escritas em hebraico e arábico, e outras em letras rúnicas. E viu logo o bailio que aquilo era coisa de feitiçaria e artes mágicas, e pensou que, se guardasse em casa aquele livro, poderia vir a ter embaraços com o Santo Ofício; pelo que disse ao homem que lhe trouxera o vaso: que ele podia voltar ao trabalho, e que aquilo não era nada. E o bailio quebrou ali mesmo o vaso para que o homem visse, e guardou consigo o livro, para depois o esconder. E assim fez, mas não se sabe se tirou proveito dele.”

E parece que este era o mesmo livro que o feiticeiro havia enterrado alguns séculos antes para que o Santo Ofício não o destruísse.

Há várias outras referências ao Livro do Boi de Cara Preta, o qual devia ser muito perseguido pelo mesmo Santo Ofício, devido à sua força mágica e às partes que podem ser consideradas anticristãs. Com efeito, o livro constitui verdadeira mistura de rezas cristãs e conjuros de cunho pagão: há pedidos feitos a Deus e aos santos da Igreja de Roma, como há esconjuros e invocações às forças do bem e do mal. Ora, é justamente com essas forças que trabalham os bruxos e mágicos, pois eles em geral não recorrem a Deus nem ao diabo, e sim ao poder metafísico.

Seja, porém, como for, o livro do touro de cara negra nunca chegou a ser impresso: de início, porque não havia sido inventada a

imprensa; e depois, em vista de os livros mágicos não poderem ser impressos, dadas as suas características extraordinárias. E era o livro sempre copiado a mão, como convém aos livros desse gênero, os quais se acreditava que, se fossem compostos e impressos em letra de forma, perderiam parte da força que tinham. Vale a pena, a esse respeito, transcrever aqui o que diz J. C. Jung no seu livro Coisas Que Se Vêem No Céu e Na Terra (página 104):

"Em casa de um mago (na Suíça), encontrei um desses livros dos fins do século XIX (livros mágicos tradicionais, manuscritos, como de rigor); esse que vi começava com o salmo de Merseburg, escrito em alto alemão moderno, e trazia logo em seguida uma fórmula de encantamento amoroso de época desconhecida."

J. C. Jung foi cientista de grande renome, discípulo de Freud, e criador de um sistema de psicanálise. No mesmo trabalho que acabamos de citar, diz assim:

"A Pré-História, a Antiguidade e a Idade Média não estão mortas de todo, como pensam alguns sujeitos sabidos: continuam a existir em muitas camadas sociais. A mitologia mais antiga e a magia florescem como nunca em nosso meio: quem não sabe isso é porque se afastou da condição primária de homem, graças a uma formação racionalista. A par do simbolismo da Igreja, visível em toda a parte (o qual representa e repete sempre seis mil anos de história do espírito), vivem também, apesar de toda a educação acadêmica, seus parentes mais obscuros: as teorias e as práticas mágicas. Sem dúvida, é preciso ter vivido muito tempo entre camponeses para conhecer este aspecto mágico do homem, aspecto esse que nunca se manifesta na superfície; mas quem descobre o meio de alcançá-lo, tem surpresas e mais surpresas. Encontrará não só o curandeiro primitivo, na figura dos numerosos magos, mas também seus pactos de sangue com o demônio, seus bonecos espetados com alfinetes, e ainda seus livros mágicos tradicionais (manuscritos, como de rigor). Os magos têm considerável clientela, tanto nas cidades como no campo. E eu mesmo vi uma coleção de centenas de cartas de agradecimentos que um feiticeiro havia recebido por ter expulsado espíritos que perturbavam

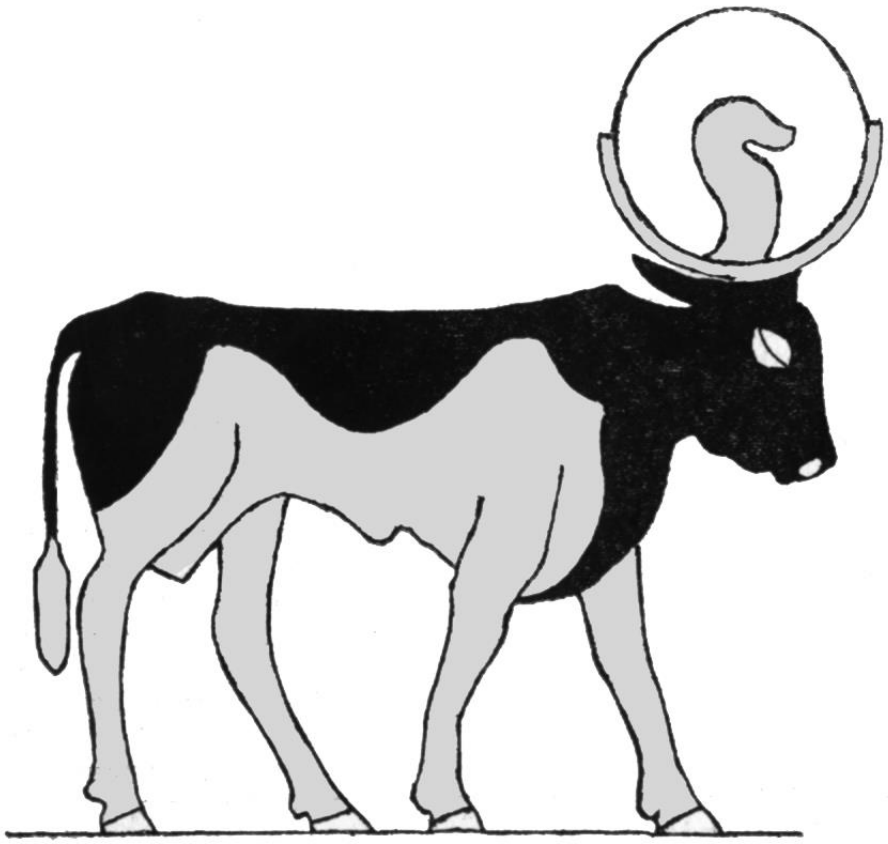
os habitantes de casas e currais; por haver livrado de feitiço homens e bichos; e por haver curado todas as enfermidades imagináveis.

E aos leitores que não sabem estas coisas, e sejam, por isso, tentados a duvidar de quanto aqui descrevo, lembrarei que o florescimento da Astrologia não se deu na obscurantista Idade Média, mas sim a partir da segunda metade do século XX, pois até os jornais sérios publicam horóscopos."

*

* *

O título deste livro talvez esteja ligado ao boi Ápis do antigo Egito. Como se sabe, os egípcios de antigamente adoravam diversos animais como deuses. O mais conhecido desses animais era talvez Ápis, o boi sagrado que eles consideravam como a expressão mais completa da divindade sob a forma de animal, e que procedia simultaneamente de Osíris e de Ftas. Devia ter certos sinais ou manchas: na fronte, uma mancha branca em forma de crescente; no dorso, a figura dum abutre ou duma águia, e na língua a imagem dum escaravelho (besouro). Ao fim de certo tempo, os sacerdotes afogavam o animal numa fonte consagrada ao sol, e transformavam-no, depois de morto, em múmia. Esta era, então, venerada.



O boi Ápis — pintura existente em diversos templos egípcios

I N T R O D U Ç Ã O

QUEM tiver em casa uma Bíblia poderá ver que no livro do Êxodo já se fala em magia. Com efeito, no capítulo em que se conta a saída dos judeus do Egito, mencionam-se os encantamentos praticados pelos magos de Faraó. Está assim na Bíblia:

"E tomou Arão a vara de Moisés, e deitou-a em terra ante Faraó; e (ela) tornou-se cobra. E chamou Faraó uns encantadores, e lançou cada um deles sua vara em terra, e tornaram-se cobras." (Êxodo, cap. 7, vers. 10, 11 e 12.)

"Feriu Arão a água do rio, e foi tornada em sangue, e foi sangue em toda a terra do Egito: nos rios, e nas lagoas, e em todos os vasos que tinham nas casas. E cavaram os egípcios poços a redor do rio, e acharam sangue. E os encantadores de Faraó fizeram bem assim da água sangue. Estes magos eram dois, e um havia nome Janes, e o outro Mambres." (Êxodo, cap. 7, vers. 20.)

"E saíram tantas rãs, que cobriram a terra do Egito. (...) E os encantadores de Faraó fizeram outro tal." (Êxodo, cap. 8, vers. 6, 7 e 8.)

Admitem, portanto, as religiões cristãs (não apenas a católica, mas também a protestante), e outrossim a judaica, a possibilidade de vir alguém a praticar artes mágicas. Porque o Velho Testamento, onde está o livro do Êxodo, é aceito não sàmente pelos cristãos, mas também pelos judeus.

Muitos dos mágicos, bruxos encantadores, feiticeiros, ou que outros nomes se lhes queira dar, e que existem modernamente em

todas as partes do mundo, não recorrem à força de Deus nem à do diabo, mas sim acreditam somente nas forças do bem e nas forças do mal. Não é preciso recorrer a Deus, nem ao demônio, para desencadear as forças que existem por toda a parte no universo. Quando se descobriu a teoria que desintegrou os átomos, não se recorreu nem a Deus nem ao diabo: coube ao cérebro do homem pesquisar profundamente a constituição da matéria para que chegasse à conclusão de que os átomos podiam ser desviados do norte para o sul, e do ocidente para o oriente. E a potência que daí resultaria (como, aliás; resultou na bomba atômica) foi coisa que pôs nos corações um grande medo.

Qual é o segredo das explosões? A explosão nada mais é do que a passagem de um corpo de um estado para outro, com muita rapidez. Os chineses descobriram isto há muitos e muitos séculos, e então começaram a fabricar a pólvora. Que é a pólvora, se não o meio fácil de fazer com que um corpo sólido (pulverizado) se transforme ràpidamente em fumo? É a rapidez da transformação que provoca o deslocamento de ar e o estrondo. No caso da explosão atômica, dá-se a transformação de um corpo sólido, compacto, em corpo gasoso. A velocidade da transformação e a diferença de estado dos corpos determinam explosão muito mais violenta do que no caso da pólvora. (Com a pólvora, a mudança de estado não é tão grande, porque o corpo sólido já está em forma de pó.)

Outro poder muito grande é o do pensamento. Pensamento é força. No dia em que aprendermos a usar toda a potência do nosso pensamento, dominaremos o universo. O pensamento é capaz de botar no ar um avião dos grandes, modernos, que conduzem quatrocentos passageiros. Já houve casos de pessoas que fizeram movimentarem-se os motores porque os tocavam, isto é: assim que punham a mão num motor, começava este a funcionar. Não era a mão que acionava o motor, e sim a força do pensamento, a qual era transmitida através da mão.

Os livros antigos falam de grandes naves espaciais que se movimentavam no ar pela força da música. Mas eu creio que não era

a música, e sim o pensamento dos homens daquela época remota que fazia com que se movimentassem os navios aéreos. Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia; mas essas coisas não são utilizadas por nós, porque não sabemos utilizá-las.

Nos livros que se escreveram sobre a Atlântida, fala-se das grandes naves que cruzavam os céus daquele continente. E as naves eram acionadas pela força psíquica, ou do pensamento, a qual servia para acionar certos tipos de motores rudimentares de que eram providas as naves.

O poder do pensamento (ou força psíquica) se perdeu porque os homens começaram a aplicá-lo para fins egoísticos. As forças normais da natureza não podem ser aplicadas para fins negativos, a não ser ocasionalmente, e não como sistema. Se um país aplica a força do cosmo para destruir outro país. poderá ela voltar-se contra o país agressor, e destruí-lo também. São formas de vingança que a natureza reserva para os homens que só cuidam dos seus próprios interesses.

Agora mesmo vemos as grandes potências do mundo tentarem aplicar a telepatia quando se trata de fazer comunicações a grandes distâncias. Qual é a vantagem da telepatia numa nave espacial? É que, sem aparelhos de rádio, torna-se mais leve a nave, e o homem que nela viaja não precisa de premir botões para transmitir o que está vendo ou pensando; ao passo que, com o aparelho de rádio, tem o homem de utilizar interruptores e falar através de um microfone qualquer; além disso, tem de conduzir consigo o aparelho, o qual, por pequeno que seja, ocupa algum espaço da nave, e tem algum peso; e os pesos devem ser reduzidos o mais possível, uma vez que a nave é relativamente pequena por dentro, e tem de conduzir outros aparelhos imprescindíveis.

O uso de motores ou de foguetes para acionar as naves é uma prova da estupidez humana. Com efeito, o que se faz com os motores é neutralizar a lei da gravidade por meio da força bruta, quando o natural seria que se utilizasse o pensamento com o mesmo resultado.

O russo Gregório Efimóvitch, mais conhecido no mundo inteiro

como Rasputim, sabia como utilizar sua força anímica, e por isso fez coisas extraordinárias durante o reinado do czar Nicolau II. Chegou a nomear e a destituir ministros, e sua vontade era lei na Rússia daquele tempo. Rasputim não era homem de grande instrução, nem tinha requinte nenhum; no entanto, possuía dentro de si uma força magnética medonha, que ele sabia como aplicar nas ocasiões oportunas. Essa força magnética lhe dava uma espécie de dinamismo terrível, que despertava a atenção de todos quantos dele se aproximavam. Um simples camponês como era ele, com pouquíssima instrução, devia sentir-se constrangido, e até desorientado, na corte magnífica do czar; nada o fazia tímido, porém: conservava, em qualquer circunstância, a audácia e o sangue frio. E na verdade, entrou Rasputim pela primeira vez no palácio com tanta calma e desenvoltura, que causou grande impressão no czar e na czarina, bem como nos aristocratas que freqüentavam a corte. Parecia estar em sua choupana de Pocroviscóie. Esse desembaraço e o tom familiar com que tratava as pessoas mais importantes da corte muito contribuíram para o seu enorme êxito como homem santo. Pensaram todos que aquele camponês rude e vestido à maneira siberiana fosse um enviado do Céu, pois de outra forma teria ficado constrangido numa atmosfera tão diferente daquela a que estava acostumado.

Mas a força anímica de que era naturalmente possuidor foi por ele cultivada cuidadosamente: ficava muitas vezes sem dormir e sem comer, tal como os faquires indianos, para desenvolver ainda mais o magnetismo que já possuía quando nasceu. Usou, porém, aquela força extraordinária para coisas negativas da vida, e assim foi destruído. Ele, que evitara a desgraça de muitos (porque adivinhava muita coisa que estava para acontecer), não teve a intuição de que alguém o queria derribar. E assim caminhou sem resistência para a morte que lhe preparava o príncipe Félix Iusupof. Embora soubesse que ia morrer naquele ano, jamais desconfiou de Félix Iusupof, e logo aceitou o convite que este lhe fez para ir ao palácio da Moica, onde seria assassinado.

Também Adolfo Hitler, que foi ditador da Alemanha até 1945,

tinha muita força magnética. Porém ele a usou para a destruição de muitos, e por causa dele morreram cinqüenta milhões de pessoas na guerra que terminou em 1945. E só judeus, foram seis milhões os que morreram por causa daquele homem cruel e sanguinário. Por isso, ele próprio se destruiu, pois veio a matar-se quando percebeu que o seu país estava derrotado.

Edgar Cacey foi outro homem que teve muita força magnética, e realizou curas notáveis (mais de 3.000). No entanto, ele jamais atribuiu seus poderes às almas do outro mundo, nem mesmo aos santos, e sim exclusivamente ao magnetismo de que era dotado. E ele chegava a descrever, quando estava em transe hipnótico, o interior de casas situadas na Europa (e ele nunca saiu dos Estados Unidos). E as descrições que fazia eram depois confirmadas em todos os pormenores pelas pessoas que estavam nos locais por ele descritos. Mas ele nunca disse que os espíritos desencarnados o ajudavam, e sim que trabalhava sozinho, com a sua força magnética. E curou muita gente com o seu hipnotismo.

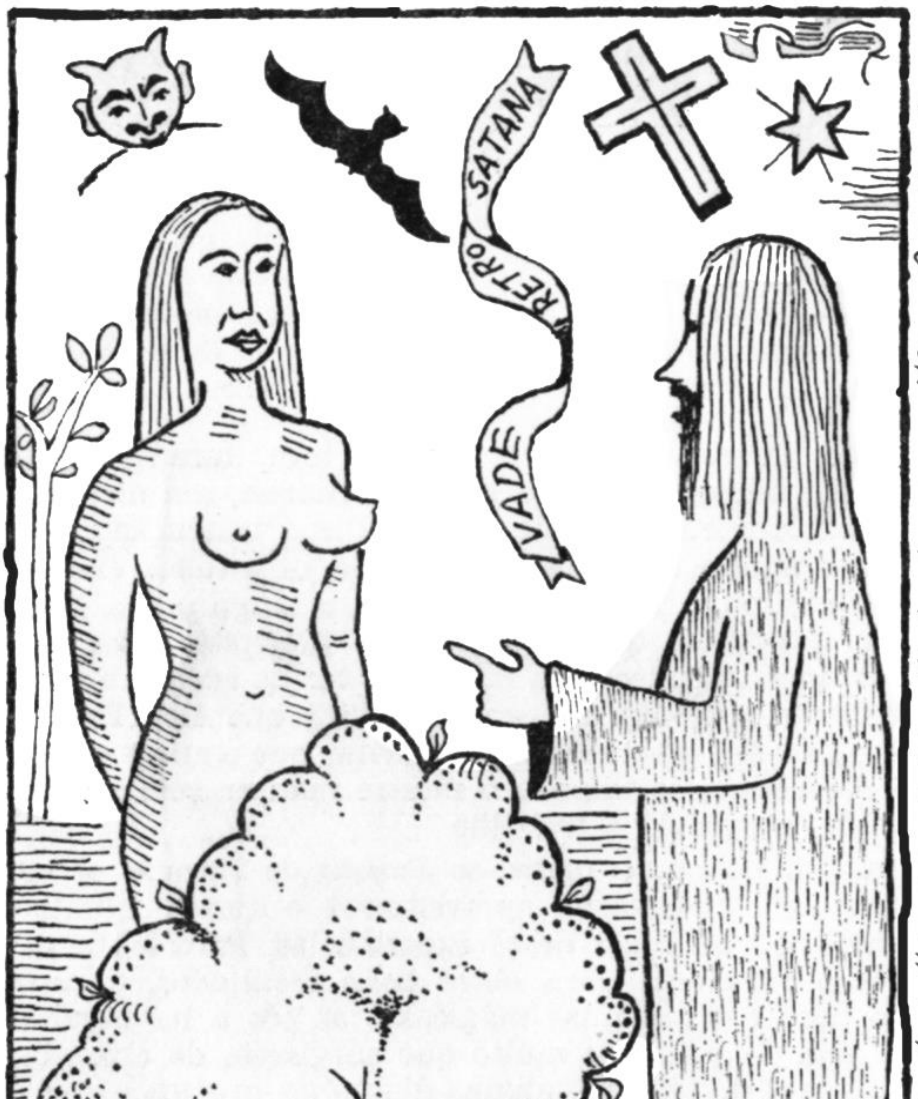
O APRENDIZ DE FEITICEIRO, OU ADVERTÊNCIA ÀQUELES QUE VÃO LIDAR COM AS FORÇAS OCULTAS SEM QUE PARA ISTO ESTEJAM PREPARADOS

O doutor Fausto, alquimista famoso, teve, durante algum tempo, um criado que desejava tornar-se, um dia, feiticeiro. Concordou Fausto em dar-lhe a instrução necessária para aquele fim, mas avisou que os estudos exigiam muita disciplina, a máxima dedicação, e longo prazo. Recomendou, sobretudo, que não tentasse precipitar as coisas, nem buscasse aprender uma lição sem ter de cor a anterior; e, finalmente, que não bulisse nos livros que ele (Fausto) mantinha no seu laboratório. Para evitar que o criado-aprendiz desobedecesse, costumava o mestre manter bem fechada a porta do seu local de trabalho.

Um dia, porém, esqueceu-se Fausto de trancar aquela porta, ao sair. Vendo isto, aproveitou-se o aprendiz, entrou na câmara, e quis fazer umas experiências. Parecia-lhe que já sabia o suficiente para

obter bons resultados, e assim abriu o livro das fórmulas mágicas e se pôs a ler algumas em voz alta. Não tardou muito que surgissem do chão, das paredes, e até do telhado, alguns diabinhos graciosos que se puseram a dançar em torno dele.

Muito alegre se sentiu aquele rapaz com isto, porque acreditou que não era só o patrão que podia evocar demônios: ele também podia fazer outro tanto, conforme veria quem ali entrasse naquele momento. Virou, pois, algumas páginas do livro mágico, e recitou novas fórmulas.



a de mulher nua, surge diante de um ermitão. Gravura do século XIV

Desta vez, porém, foi-lhe desastroso o resultado: ouviu ruídos como de enormes correntes que se arrastavam, assobios como se se tivesse desencadeado uma tempestade, sentiu cheiro forte de enxofre, e logo apareceram diabos grandes que lhe puxavam as orelhas, o nariz e as pernas; que lhe davam bofetadas sonoras ou valentes pontapés.

Em vão gritava por socorro, em vão procurava defender-se das pancadas; e ainda em vão tentava descobrir que livro — de tantos que ali havia — continha as palavras adequadas à expulsão daqueles inimigos inesperados.

No meio de tanto sofrimento e medo, abriu um dos livros do mestre e leu em voz alta a primeira frase que encontrou. Foi pior: ao contrário de desaparecerem aqueles demônios grandes e pequenos, vieram ainda outros — cada qual mais imundo e mais fétido; os quais, além de lhe darem pancadas, cobriram-no agora de toda casta de imundície.

Parecia-lhe, ao rapaz, que ia morrer asfixiado, se antes não morresse das pancadas.

Abre-se de repente a porta, e entra o doutor Fausto. Ao ver aquela cena tragicômica, não pôde deixar de rir, muito embora lhe parecesse que devia zangar-se pela desobediência do aprendiz. Este lhe

implorava que o livrasse daquele verdadeiro inferno, onde tantos demônios o torturavam.

Deixou Fausto que aquilo continuasse por mais algum tempo, a fim de castigar o rapaz, e dizia-lhe:

— Aprende bem esta lição, desgraçado! Não tinhas o que fazer cá dentro. E bem te avisei que não quisesses avançar mais depressa do que devias. Agora toma, e que para outra vez te sirva isto de lição.

Quando considerou que o doidivanas tinha sofrido bastante, foi ao livro certo, leu com segurança as palavras de exorcismo, e em pouco tempo desapareceu tudo aquilo: na câmara só ficaram o patrão e o criado (este quase sem vida). E ele nunca mais se meteu noutra.

Serve este caso de exemplo àqueles que tentam lidar com aquilo que não conhecem. Quem desejar fazer alguma coisa bem feita, deve preparar-se convenientemente. Quando não, poderá sofrer dissabores.

MANEIRA DE UTILIZAR MESA PARA EVOCAR OS ESPÍRITOS

NUMA sala tranqüila e penumbrosa, aonde não cheguem os ruídos urbanos, reúnem-se umas cinco pessoas amigas entre si, honestas, e que não estejam com o sistema nervoso alterado. Devem estar interessadas na experiência, devem ser sérias e não ter intuito de brincadeira.

Sentam-se em torno da mesa (a qual deve ser, de preferência, redonda, e com um pé só, daquelas que se chamam "pé de galo"; mas se não houver desta, outra servirá). As pessoas apóiam só as pontas dos dedos na borda da mesa, sem fazer muita força. Não devem estar muito próximas da mesa, e sim afastadas na extensão do braço.

Uma das pessoas faz a seguinte prece, que deve ser repetida pelas demais:

“A um espírito bondoso pedimos, em nome de Deus Todo-poderoso, a graça de comunicar-se conosco por meio de uma pancada nesta mesa, ou por meio da movimentação dela.”

Quando se deseja a vinda de determinado espírito (e não de qualquer um), deve-se mencionar o nome que ele em vida teve, e em vez de se dizer “espírito bondoso”, diz-se: “Ao espírito de fulano...”

Acabada a prece, espera-se, com toda a compenetração e em completo silêncio, que se manifeste o espírito evocado. Se, todavia, passados vinte minutos, não se ouvir ruído nenhum sobre a mesa, nem ela se movimentar, deve-se concluir que nenhum dos presentes é médium, ou então que alguém ali está com intuitos malévolos, ou, ainda, que não há bastante compenetração de todos para que se realize o pedido.

Outrossim, para evitar burlas, o médium (ou a pessoa que dirige a sessão) deve estabelecer o modo como deverá o espírito dar sinal de que já está presente. Assim, por exemplo, uma batida na mesa, ou no teto, ou na parede, significará “sim”; duas batidas quererão dizer “não”; três valerão por: “com certeza”, e assim por diante.

Quando o dirigente da sessão perceber que o espírito já está presente, fará a seguinte indagação:

— Podes conceder-nos a graça de uma comunicação conosco?

Se o que se convidou foi um espírito determinado (e não qualquer um), é necessário esclarecer este ponto. Faz-se, então, a seguinte pergunta:

— És fulano?

Confirmado isto com uma pancada na mesa, passa-se à realização dos trabalhos propriamente ditos. Se, porém, não se sabe quem dos presentes é o médium, pergunta-se ao espírito:

— Queres conceder-nos a graça de dizer quem de nós é o médium?

Uma pancada na mesa é a resposta afirmativa do espírito. O dirigente da sessão começa a dizer os nomes, um a um, pausadamente,

das pessoas que ali estiverem, até que, ao pronunciar um deles, ouve-se uma pancada na mesa. Este nome é o da pessoa que tem qualidades mediúnicas. Por meio dela se farão as comunicações daí em diante, mas é bom indagar do espírito:

— Podes conceder-nos a graça de uma comunicação conosco através deste médium?

As respostas do espírito (“sim”, “não”, “talvez”, etc.) podem ser através de batidas na mesa, ou também através de movimentos da mesa. Assim, por exemplo, um movimento para a direita significará “sim”; um para a esquerda significará “não”, etc.

Há ocasiões em que o espírito demonstra simpatia por determinada pessoa que esteja ali presente, e nesse caso a mesa pode inclinar-se para ela, ou as pancadas poderão ser dadas na direção em que esteja sentada esta pessoa.

Por outro lado, pode ocorrer que o espírito não goste de uma das pessoas presentes, e nesse caso dará pancadas fortes na direção dessa pessoa, ou inclinará a mesa para ela de modo violento. Já se registraram casos de se quebrarem mesas com a violência dos movimentos que lhes dão os espíritos quando não gostam de um dos presentes.

Quando acontece isto, é bom retirar-se a pessoa que está causando a irregularidade.

Além das batidas na mesa para indicar “sim”, “não”, “talvez”, etc., há outras maneiras de comunicação com os espíritos. Uma delas é a designação das letras do alfabeto por meio de pancadas na mesa: uma pancada significa o A; duas pancadas, o B; três, o C, e assim por diante. A cada batida ou grupo de batidas corresponde uma letra, e uma das pessoas ali presentes deverá escrever num papel as letras correspondentes, até que formem palavras e frases. Uma pequena interrupção nas batidas significará separação de palavras, e uma batida especial representará o fim da comunicação.

Esta forma de comunicação tem a desvantagem de ser lenta. Há outras que são mais rápidas, como, por exemplo, aquela em que se

utiliza a chamada “mesa leitora”. Trata-se de um instrumento fácil de fazer, e do qual damos a seguir a descrição. Toma-se uma pequena mesa redonda de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, que tenha pé único no centro. Deve ser construída de tal modo que possa girar sobre si mesma, com o pé fixo no chão. Abre-se um furo vertical no pé, e nesse furo se introduz uma haste, que deverá ser firmemente cravada no eixo. Nessa haste se fixa um ponteiro feito de madeira ou de arame.

Nas bordas da mesa desenham-se as letras do alfabeto, os algarismos de um a zero, e as palavras “sim” e “não”. Dessa forma, quando se fizer girar a mesa sobre si mesma, o ponteiro (que está firmemente pregado no eixo ou pé da mesa) estará sempre apontando para determinado algarismo ou letra, ou para os vocábulos “sim” ou “não”.

Obtida a “mesa leitora” (que poderá ser fabricada por marceneiro profissional, sob a orientação dos interessados), é levada para uma sala penumbrosa, silenciosa, aonde não cheguem os barulhos da rua, e trabalha-se com ela da maneira que a seguir descreveremos.

Reúnem-se as pessoas interessadas, conforme está descrito no início deste capítulo, sentam-se em volta da mesa, e o médium evoca o espírito. O médium põe a mão sobre a borda da mesa, sem fazer muita pressão, e, sob a influência do espírito, vai fazendo-a girar. O ponteiro estará sempre apontando para algum sinal, e quando o médium fizer ligeira parada, uma das pessoas presentes escreverá qual foi o sinal apontado (letra, algarismo, etc.). A proporção que o médium continuar a girar a mesa, vai a pessoa anotando as letras ou sinais, até que formem palavras e frases. Através deste sistema se recebem as mensagens que o espírito queira transmitir.

Pode-se, ainda, trabalhar sem a mesa leitora, e apenas com o auxílio de uma folha de cartolina colocada sobre mesa comum. Escrevem-se na cartolina as letras do alfabeto, os algarismos de um a zero, e mais as palavras “sim” e “não”. Evocado o espírito, uma das pessoas presentes vai apontando para as letras ou algarismos, até que se ouça uma pancada na mesa. Ao ouvir a pancada, uma outra pessoa

toma nota da letra ou sinal para onde o dedo estiver apontando. Assim, vão-se formando as palavras e as frases da mensagem que

oespírito deseja transmitir.

Existe, ainda, o processo do copo emborcado, o qual é apenas uma variante dos demais processos, e consiste no seguinte: na superfície lisa da mesa. põe-se um copo emborcado. Nas bordas da mesa põem-se pedaços de cartolina com as letras do alfabeto e as palavras "sim" e "não". Três ou quatro pessoas colocam o dedo indicador no fundo do copo, e este começa a movimentar-se na direção de cada letra. O copo funciona como ponteiro, e os demais aspectos da sessão devem ser iguais aos da sessão com a mesa leitora.

A ESCRITA MEDIÚNICA

No caso da escrita mediúnica, o médium segura levemente um lápis e escreve diretamente no papel aquilo que o espírito quer transmitir. A palavra médium é latina, e significa meio. O médium é, portanto, o meio (o instrumento) de que se serve o espírito para escrever aquilo que deseja comunicar. O médium não participa da mensagem: fica passivamente segurando o lápis com que o espírito escreve; empresta só a força física, tal como as máquinas elétricas de escrever emprestam energia para que o datilógrafo trabalhe mais rapidamente sem muito esforço.

Esta maneira de comunicação é muito rápida, mas são raros os casos de médiuns capazes de receber mensagens desse tipo.

Há alguns médiuns que escrevem as palavras invertidas, isto é, de trás para a frente. E as letras saem também invertidas. Esta é a chamada escrita do espelho, porque quando posta diante dum espelho é facilmente lida, pois aquilo que está invertido no papel aparece normal no espelho.

Cada um de nós pode saber se tem ou não qualidades mediúnicas para a comunicação escrita: basta que tenhamos fé, que nos

concentremos, elevemos uma prece e façamos a evocação.

Tomai umas folhas de papel, e depois de vos concentrardes, depois de terdes elevado uma prece e feito uma evocação, esperai durante uns dez a quinze minutos com a ponta do lápis encostada no papel. Deveis estar sozinho no recinto, e deveis ter a certeza de que ninguém vos importunará durante, pelo menos, meia hora.

A prece pode ser um padre-nosso, e a evocação pode ser a seguinte:

"Em nome de Deus Todo-Poderoso, e em nome do meu querido anjo da guarda, rogo a um espírito bom (ou então: "... rogo ao espírito de fulano...", se houver intenção de evocar determinado espírito, e não qualquer um) que me conceda a graça de comunicar-se comigo através deste lápis e deste papel."

Se for tudo feito com seriedade, e se tiverdes o dom de receber mensagens deste tipo, sentireis que a vossa mão começará a manejar o lápis e a escrever coisas que não são pensadas por vós. A letra será diferente da vossa, as idéias serão independentes das que tendes, e até a mão parece que não é mais vossa: sentireis como se uma força invisível estivesse conduzindo o vosso braço para que se formem as letras no papel.

É possível que as palavras não sejam legíveis nas primeiras experiências, isto é, que, em vez de letras, surjam riscos extravagantes no papel. Isto não deve desanimar o estudioso, e sim estimulá-lo a que volte a fazer a mesma experiência no dia seguinte. Com a prática, tudo se acomodará.

Há, todavia, pessoas que não têm qualidades mediúnicas, e nesse caso não lhes adiantará nada insistirem. Se fizerdes a experiência com toda a seriedade várias vezes (uns quinze dias seguidos), e não obtiverdes resultados satisfatórios, provável que não tenhais aquelas qualidades, e portanto não vale a pena insistir. Convirá, então, que façais experiência por intermédio de pessoa da vossa inteira confiança.

Acontece, às vezes, que o espírito é de um estrangeiro, e então poderá escrever palavras que não entendereis, ou mesmo usar um

alfabeto diferente do alfabeto latino. Deveis então esclarecer este ponto com a seguinte pergunta:

— Em nome de Deus Todo-Poderoso, responde-me: És bom espírito e queres conceder-me a graça de te comunicares comigo?

Quase sempre surge no papel a palavra “sim”; mas há casos em que, em vez daquele advérbio, começam a surgir traços e riscos sem qualquer sentido. Deveis entender que estais diante de um espírito zombeteiro, o qual não deseja colaborar convosco, e sim divertir-se à vossa custa. É claro que não adianta insistir, e então fareis outra invocação e pedireis aos bons espíritos que afastem aquele.

Uma vez confirmada a presença de um espírito de boa índole, desejoso de colaborar convosco, podeis fazer-lhe perguntas. Não, todavia, perguntas de caráter jocoso, nem com o objetivo de crítica ou intriga. Deveis fazer indagações a respeito de assuntos elevados e sérios, e nunca tentar saber particularidades da vida alheia, nem tampouco deveis querer obter o resultado antecipado das loterias. Se tentardes coisas mesquinhas, afastar-se-á o espírito, e virão talvez outros, de mentalidade zombeteira, para burlar-vos e fazer-vos incidir em graves erros. Noutras palavras: a comunicação com os espíritos (seja qual for o tipo de comunicação) só deve ser feita com objetivos humanitários e nobres, e não fúteis nem subalternos.

INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO DE PESSOAS VIVAS

O espírito de boa índole que primeiro entra em contacto com o médium é, em geral, o mesmo que daí em diante o ajudará nas outras sessões que o médium vier a organizar. É como se o espírito se tornasse amigo do médium, com se se transformasse em espírito familiar, ou numa espécie de anjo da guarda, que aconselha e orienta.

Assim, obtém o estudioso um guia seguro, que até o ajuda em assuntos comuns, de cada dia. Assim, por exemplo, se pedirdes ao

vosso guia que vos acorde a determinada hora do dia seguinte, ele vos acordará. A esse espírito familiar deveis recorrer em quaisquer casos de comunicação com outros espíritos. Se quereis entrar em contacto com determinado espírito, deveis perguntar ao vosso guia:

— Em nome de Deus Todo-Poderoso, podeis conceder- me a graça de me pôr em comunicação com o espírito de fulano?

Se a resposta for positiva, fareis o seguinte pedido:

"Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo ao meu espírito familiar que me ponha em contacto com o espírito de fulano."

Se estiverdes bem prático e acostumado a receber comunicações através da escrita direta, vereis que logo em seguida vossa mão traçará no papel o nome da pessoa evocada. Podeis então perguntar a ela o que desejais, travar conversa com ela.

Tende cuidado, porém, com os espíritos zombeteiros, que poderão querer aproveitar-se da situação para tomarem o lugar da pessoa convocada. Não acrediteis, portanto, cegamente, no que aparecer escrito no papel, e sim deveis insistir para que o espírito diga bem claramente se é a pessoa evocada. Perguntai:

— És fulano?

Se a resposta for: "Sim", demandai:

— Se és fulano, declara por escrito, com todas as letras, que o és.

O espírito deverá escrever assim:

"Em nome de Deus Todo-Poderoso, declaro e afirmo que sou fulano de tal."

Se se tratar de espírito zombeteiro, jamais escreverá isto, e sim começará a traçar linhas caprichosas ou a escrever palavras sem nexo. Diante disso, deveis começar tudo de novo, e fazer outra evocação.

Se desejais evocar o espírito de pessoa viva, deveis calcular a hora em que ela esteja a dormir. Observada esta particularidade, seguireis para com o espírito do vivo a mesma rotina aqui indicada para os espíritos dos mortos.

ONIROMANCIA, BRIZOMANCIA, OU ARTE DE INTERPRETAR SONHOS

EM todos os tempos foram transmitidas mensagens importantes através dos sonhos. Basta lermos a Bíblia para vermos quantas vezes foi usado o sonho para comunicação de alguma coisa a alguém. Quem

não conhece a interpretação dos sonhos de Faraó, feita por José do Egito? Quem não leu a interpretação do sonho de Nabucodonosor, feita pelo profeta Daniel? Quem não conhece aquele trecho da Bíblia no qual se diz que São José foi avisado em sonhos de que sua mulher, a Virgem Maria, seria mãe dentro em pouco?

O Livro dos Livros, que é a Bíblia, está cheio de sonhos importantes, alguns interpretados, outros diretos, como aquele que avisou aos Reis Magos que voltassem para as suas terras por outros caminhos que não aqueles pelos quais tinham vindo, para que Herodes não soubesse onde estava o Deus-Menino.

O motivo de José ter sido vendido pelos irmãos como escravo a mercadores egípcios foi justamente um sonho que ele teve. Este sonho, interpretado pelos irmãos imediatamente, dava-os como obrigados a adorar José. Zangados com isto, eles o venderam, mas o sonho veio a realizar-se, como poderá ver qualquer pessoa que consulte a Bíblia neste ponto. José foi feito ministro de Faraó, e os irmãos, sem o reconhecerem, tiveram de reverenciá-lo.

O homem continua a sonhar nos dias de hoje, porque o cérebro não pára nunca. Muita gente diz que não sonha, mas os cientistas modernos ensinam que isto não é possível. O que acontece é que as pessoas não se lembram dos sonhos que tiveram durante a noite, e preferem dizer que não tiveram sonho nenhum. O nosso cérebro é como os pulmões, o coração, o fígado e os rins: não pára nunca. Estejamos acordados ou dormindo, os nossos órgãos estão sempre funcionando. Quando estamos acordados, o cérebro funciona com o nosso raciocínio e com as nossas tentativas de resolver os problemas que nos surgem a cada instante; ou então se perde em fantasias. Durante o sono, porém, o cérebro continua a funcionar, sim, mas de maneira diferente, porque então o chamado consciente não controla nada, e o inconsciente pode fazer quase tudo quanto quiser. Daí surgem os sonhos. O trabalho do cérebro, enquanto dormimos, é representado pelos sonhos. Ora, considerando que nenhum cérebro pára (exceto quando morremos), temos de aceitar a teoria de que estamos sonhando a maior parte da noite.

Há várias maneiras de interpretar os sonhos, porém as mais conhecidas são: a maneira antiga (dos tempos bíblicos); a maneira espírita (segundo a qual o sonho deve ser tomado ao pé da letra, isto é: quando sonhamos que fomos a um lugar, fomos realmente a esse lugar, espiritualmente); e a maneira dita científica, ou freudiana (segundo a qual os sonhos nos transmitem símbolos, que devem ser interpretados).

O sistema freudiano ou psicanalítico é semelhante ao sistema bíblico num ponto: ambos os sistemas consideram como símbolos as coisas vistas nos sonhos. Dessa forma, em vez de aceitar as coisas pelo seu aspecto externo (como fazem os espíritas), os sistemas freudiano e bíblico procuram descobrir o que está simbolizado naquilo que vemos nos sonhos. Assim, os objetos vistos no sonho devem ser considerados como símbolos daquilo que as entidades metafísicas (o inconsciente ou os seres extraterrenos) desejam comunicar. Temos um exemplo do sistema bíblico na interpretação dada pelo profeta Daniel ao sonho de Nabucodonosor:

"Esta era a visão que vias em sonho. E ora, senhor, ouve o soltamento (a interpretação) dele (disse Daniel): Pela cabeça da imagem, que era de ouro, se entende o teu reino e o teu poderio, e daqueles que sucederão a ti; e depois vira outro reino mais pequeno que o teu, que se entende pelos peitos, e pelos braços, que eram de prata, etc."

Também no sonho de Faraó, interpretado por José, se vê claramente que tudo era símbolo:

Contou-lhe El-rei os sonhos que vira, e disse José:

— Ambos os sonhos são um só, e uma coisa demonstram: mostrou Nosso Senhor a ti aquilo que há de fazer. Porque hão de vir a esta terra do Egito sete anos de grande abundância, e depois deles outros sete de grande falecimento e de grande fome por toda a terra do Egito.

Assim, portanto, devemos aprender a interpretar os nossos sonhos, e não considerá-los coisas sem valor. Pois todos trazem

significado e querem dizer alguma coisa. Cabe a nós interpretá-los e descobrir o que significam.

APARIÇÕES, TESOUROS ENTERRADOS E AVISOS POR MEIO DE SONHOS

Quem passa pela estrada que vai de Agaporne à Tarticácia, na parte oriental da província de Maranta, e olha na direção norte, facilmente nota a existência de um rochedo colossal que se eleva a uma altura de muitos metros acima do nível do mar. Calcula-se que, da base ao topo, aquela enorme pedra chegue a uma altitude correspondente à dum edifício de doze andares, sem contar o térreo. É um penhasco esbranquiçado, que de longe parece liso, e que brilha muito, quando recebe os raios do Sol.

Quem se detiver a examiná-lo cá do meio do caminho verá que, aproximadamente a três quartos da altura dele, a partir de baixo, existe, na parede vertical, um buraco do tamanho de uma janela pequena, o qual tem espaço bastante para dar passagem a um homem agachado. Visto de tão longe, aquele orifício negro, de bordas irregulares, faz lembrar o covil d'alguma gigantesca serpente que, se existir, deverá vir por cima da pedra e escorregar pela borda até alcançar a enorme caverna, onde se abrigará para dormir ou repousar das suas caçadas.

Não se sabe se foi feita pela mão do homem aquela abertura, mas o que parece é que se trata de um desses caprichos da natureza, que deixam perplexos os observadores. Bem pode ter acontecido que a formação da rocha se tenha detido ali, para continuar em seguida e deixar aquele rombo, como olho vazado e descomunal.

Ora, na parte superior da pedra se vê uma árvore, também gigantesca, velhíssima, cujos galhos pendem um tanto na direção do abismo que se forma perto dela. Aquele é também outro capricho da natureza, porque não há, em torno da árvore, nenhum trecho de terra onde seja possível plantar sequer um arbusto. Somente naquele

reduzido espaço havia condições para que nascesse um verdadeiro baobá, e coincidiu que a força dele aproveitou aquele terreno e eliminou todas as demais plantas que ali tentaram nascer. Ou teria sido, mais uma vez, a mão do homem, que ali interferiu para plantar aquele gigante? (A mesma que furou o buraco da escarpa foi também a que fixou ali aquele exemplar vegetal, para um fim que adiante se verá qual terá sido.) São conjeturas que qualquer um pode fazer, porém o mistério continua.

Têm sido registrados casos de pessoas que, ao morrerem, deixam tesouros enterrados; e é crença muito espalhada que as almas dessas pessoas ficam vagando no espaço, e não podem entrar no céu, nem no purgatório, enquanto não se vêem livres daquelas riquezas que deixaram debaixo da terra. Ouro e prata em barras, dinheiro amoedado, jóias — fica tudo escondido, sem que ninguém possa aproveitar. A alma responsável por aquilo começa então a procurar alguém a quem dar o tesouro, para se ver livre dele e do castigo que ele impõe. E como não pode aparecer diante de ninguém (pois provocará medo e nada poderá comunicar do que deseja), recorre a um processo mais natural e que consiste em aparecer em sonhos à pessoa escolhida. Quem sonha com alguém que já morreu não se assusta, e assim poderá receber calmamente a mensagem que o falecido tem para transmitir.

Contam-se muitos casos de homens que ficaram ricos da noite para o dia, graças a sonhos que tiveram desse tipo. Quem tiver o sonho não deve contá-lo a ninguém, e sim obedecer fielmente à orientação que recebeu do morto, e retirar do chão as riquezas. Se revelar a alguém o sonho, fará com que as riquezas, quando encontradas, estejam convertidas em carvão.

No tempo em que os bancos não eram tão comuns como hoje, sabia-se que as pessoas que tinham grandes dinheiros ou possuíam jóias e objetos de valor, os enterravam dentro de casa, debaixo de ladrilhos ou tijolos. E para saberem com certeza onde estavam as riquezas, punham sinais que mostravam o caminho certo do esconderijo. Um pedaço de carvão (porque é coisa que não apodrece),

mecha de cabelos (que também não se desfazem com o tempo), e outros objetos imperecíveis, eram postos como indicação debaixo dos primeiros ladrilhos ou tijolos. Dessa forma, quando acontecia que uma pessoa sonhasse com um tesouro escondido (guardado quase sempre numa botija), devia seguir cuidadosamente a orientação recebida, pois se o não fizesse não o acharia, e a alma continuaria a penar até encontrar outra pessoa que pudesse e quisesse ajudá-la.

No começo deste século aconteceu um caso que merece destaque. E foi que em certa cidade do interior havia uma casa desocupada que diziam ser freqüentada por fantasmas. O proprietário dela tinha morrido, e os herdeiros andavam por longes terras, de modo que ela permanecia fechada e servindo de habitação para morcegos, ratos, aranhas, e talvez almas do outro mundo.

Na parte superior da frontaria da casa, como enfeite, havia dois vasos de porcelana (um à direita e outro à esquerda), de um modelo que ainda hoje se encontra em casas antigas.

Um dia chegou ali um homem num carro, e trazia consigo duas escadas de mão, as quais ele amarrou uma na outra, de modo que por meio delas emendadas alcançasse um dos vasos. Sem um minuto sequer de hesitação, encostou as duas escadas na parede, subiu por elas até onde estava o enfeite da direita, deslocou-o sem dificuldade, trouxe-o para baixo, e o guardou no carro. Desamarrou as escadas e as repôs no veículo, e se foi embora.

Algumas pessoas que ali estavam presenciaram tudo, mas ninguém disse nada, nem tentou de qualquer modo interferir naquelas manobras. Supõe-se que o vaso estava cheio de moedas de ouro, e que o homem foi até ali por causa de algum sonho que tivera — pois não hesitou durante a operação toda. E nunca mais ninguém o viu, nem ele era conhecido ali, porque devia ser de outra cidade. A ser verdade o que dizem, o falecido proprietário daquela vivenda teria guardado as suas riquezas num lugar onde ninguém poderia desconfiar que estivessem: bem à vista de todos, no frontispício da morada. Depois de morto, apareceu em sonhos àquele sujeito, e comunicou-lhe o segredo, e o homem se aproveitou muito bem disso, como vimos.

Voltemos, porém, à nossa pedra e ao furo aberto no costado dela. As divagações foram feitas com o intuito de chamar a atenção do leitor para o fenômeno das descobertas de tesouros por intermédio de sonhos. Pois foi um sonho que revelou a existência de um tesouro dentro daquela pedra.

Um homem sonhou três noites seguidas com a cena que vamos descrever. E, fosse por medo de se meter em dificuldades, fosse por não ver possibilidade de chegar a realizar a empresa, fosse porque não acreditasse em sonhos, e muito menos em tesouros enterrados, o fato é que não tentou sequer verificar até que ponto era verdadeiro e sonho repetido. Por ter sonhado três vezes, já devia desconfiar de que se tratava de coisa séria, pois se o sonho fosse obra da imaginação não ocorreria três noites seguidas à mesma pessoa.

E foi assim aquele sonho. Sonhou que via um homem de feições indefinidas que o conduzia até aquela parte do penhasco onde está plantada a árvore; e o desconhecido amarrava uma corda longa num dos galhos mais fortes da dita árvore; e pendurando-se os dois homens (o sonhador e o outro) naquela corda, desciam pela parte lateral da pedra e iam alcançar o buraco de que falamos acima; e por ele entravam os dois, e avançavam por um corredor cavado no rochedo que os levava a um lugar espaçoso do tamanho de uma pequena câmara. Esta era, na verdade, uma das metades de uma câmara grande, que estava dividida ao meio por parede e por um tanque. A parede vinha de cima, e também dividia o tanque em duas partes iguais (no sentido longitudinal). O tanque estava cheio de água, mas a parede não ia até o fundo dele, e sim até a metade (no sentido horizontal), de modo que, para atravessarem da primeira metade para a segunda metade da câmara, teriam os dois homens de mergulhar na água do tanque e passar por baixo da parede. Note-se que a parede não atingia o fundo do tanque, e sim, como ficou dito, parava, de cima para baixo, a meio dele; mas na parte externa do tanque, ela ia até o chão da câmara. Noutras palavras, não havia meio de ir de um lado para o outro da câmara que não fosse através do tanque, ou melhor, através da água nele contida. Assim, pois, mergulharam eles naquela água e puderam

passar por baixo da parede e surgir do outro lado do tanque, onde acharam outra pequena câmara em tudo igual à primeira, ou seja: encontraram-se na outra metade da câmara grande. Depois, seguiram pelo corredor, que era escuro e comprido, e iam curvados para a frente, pois a altura dele não bastava para que andassem erguidos. Ao fim de mais algumas passadas, descobriram outra câmara onde havia outro tanque e outra parede, tudo nas mesmas condições da câmara acima descrita. Aqui, também, tiveram de mergulhar por baixo da parede que dividia o tanque; e saíram do outro lado.

Caminharam ainda pelo corredor, obra de uns dez passos, e, no fim dele, o que o sonhador viu foi coisa muito para louvar: uma câmara do tamanho dum quarto regular duma casa; e parece que estava iluminada por luz que vinha de fora por alguma clarabóia; ou havia ali dentro candeias; ou então era que o sonho fazia clara a câmara, sem que ela o fosse, pois nos sonhos tudo é possível.

No meio da câmara estavam dois grandes baús fechados. O desconhecido abriu um dos baús e mostrou ao sonhador grandes riquezas constituídas de jóias antigas, pedras preciosas que cintilavam, e moedas de ouro e de prata. E ele levantava aquelas coisas à altura dos olhos do sonhador, como para mostrá-las mais claramente e salientar o valor delas. Porém não dizia palavra (porque em verdade não falou durante a cena toda, desde o princípio até o fim do sonho).

Muito espantado ficou o sonhador com aquilo que viu, e quando acordou não podia pensar noutra coisa. Como sabia, porém, que os sonhos contados perdem o efeito, guardou silêncio a respeito daquele. E embora lhe viesse à memória, durante o dia todo, a cena completa, nada contou a ninguém de quanto vira.

Na seguinte noite, ocorreu-lhe novamente o mesmo sonho. E tudo quanto se passara na véspera se repetiu clarissimamente. E o sonhador se lembra de ter achado alguma dificuldade ao mergulhar na água dos dois tanques, pois sentia como se fosse afogar-se.

Na terceira noite, sonhou novamente o mesmo sonho. sem nada faltar. E de manhã ele foi olhar a pedra, que ficava a uma boa meia

hora de distância de sua casa, mas o aspecto de tudo aquilo lhe pareceu assustador. E não quis sequer tentar a penetração, e antes preferiu contar a vários amigos aquele sonho. E nenhum deles teve coragem para entrar naquele covil: ou talvez não acreditassem no que o amigo lhes dizia; ou, ainda, julgassem que sonho é matéria que não merece crédito.

*

* *

Numa das províncias do nordeste do Brasil feriu-se, no século XVII, uma batalha entre os habitantes da região e os holandeses, que ali estavam como invasores e usurpadores da terra. Durante um dia todo, guerrearam nativos e estrangeiros pela posse de um trecho de território que, depois de algum tempo, nem eles próprios saberiam qual fosse (pois assim é a loucura de todas as guerras). Saíram vencedores os nativos, com a morte de quase todos os holandeses que tomaram parte na batalha. Os que restaram foram levados prisioneiros, ou fugiram para as matas próximas, ou ficaram ali, feridos para depois morrerem tristemente debaixo de grandes sofrimentos.

Foram embora os vencedores, com os seus próprios feridos e mais os prisioneiros, e deixaram aquela região coberta de cadáveres, que iriam apodrecer logo em seguida, por ser o clima dali muito quente e úmido. E durante mais de uma semana os animais do ar e da terra que se alimentam de podridão fizeram daqueles corpos seu festim, e se cevaram naqueles despojos macabros. Depois, restaram somente pedaços de panos coloridos dos uniformes dos soldados, espadas e lanças enferrujadas, arcabuzes e armaduras que também começaram a oxidar-se com a umidade, e ossos aos quais ainda se grudavam restos de cartilagem.

Transitava pouca gente por aquela região, que era desértica, e depois daquele combate foi pior, porque se começou a dizer que ali apareciam fantasmas.

Passados dois séculos desses acontecimentos, chegaram àquele território vários homens instruídos, que iam fazer investigações

científicas, e um deles era médium vidente. E quando acamparam debaixo de uma árvore para dormir (pois já se fazia noite), o que era médium começou a ver soldados do século XVII e a ouvir barulhos como os que fazem muitas pessoas quando se reúnem.

E concentrando-se ele, como costumava quando percebia que estavam ocorrendo fenômenos inusitados, viu claramente os soldados holandeses que ainda permaneciam naquele sítio depois de tanto tempo. E sabendo que ali se ferira violenta batalha, fácil lhe foi compreender que os soldados não tinham ainda consciência de que estavam mortos, e permaneciam na expectativa de entrar em luta, como se estivessem descansando de um combate para iniciar outro. Como a noção da passagem do tempo é muito diferente, no além-túmulo, daquilo a que estamos acostumados na terra, aqueles soldados talvez ainda pensassem que estavam com vida material, e não tivessem noção do que lhes ocorrera mais de dois séculos antes. Ainda haviam de ficar ali muitos anos, até que um espírito superior os viesse tirar da ilusão e da cegueira em que haviam caído.

*

* *

Quando se decretou a libertação dos escravos no Brasil, em 1889, houve muitos casos de antigos escravos que ficaram a morar nas casas dos seus ex-senhores. Eram em geral negros já de certa idade, os quais, conquanto livres para ir embora, preferiam permanecer nos lugares onde estavam, pois tinham sido bem tratados durante o tempo em que estiveram escravizados, e, além disso, não sabiam como iniciar vida nova, independente, noutra parte. Acontecia, dessa forma, que continuavam a levar a mesma existência de antes, e a fazer os mesmos trabalhos, embora já não fossem obrigados a nada.

Às vezes esses indivíduos da raça negra (principalmente as mulheres) se apegavam muito aos filhos dos donos da casa. Algumas negras haviam amamentado os filhos dos seus senhores, e os consideravam como filhos delas próprias, devido à ligação que se estabelecia.

Numa cidade do interior do Brasil vivia uma dessas negras, a qual se apegara muito a um menino chamado João, que ela ajudara a criar, embora nunca o tivesse amamentado. Já era liberta quando ele nasceu, mas havia permanecido em casa dos patrões, que sempre a trataram muito bem, e ela não via motivo para sair dali.

Quando João cresceu, foi trabalhar noutra cidade, que distava daquela muitas léguas. E dormia sozinho num quarto construído por cima do estabelecimento ao qual prestava serviços, e não tinha medo de fantasmas, nem pensava neles, pois não era homem de tendências místicas.

Ora, uma noite, ainda cedo, estava ele deitado para dormir, e encontrava-se naquele estado que os psicólogos chamam crepuscular, o qual não é ainda o sono, mas também não é a vigília. E de repente viu a antiga escrava, em pé junto da cama, com uma trouxa à cabeça, imóvel, a olhar para ele; e ela disse:

— Joãozinho, eu vou embora.

Menos tempo levou isto para acontecer, do que leva agora para ser contado, isto é: uma fração de segundo. E o rapaz tomou-se de medo, cobriu-se com o lençol, e ficou ali a tremer durante mais de uma hora, até que, vencido pelo sono, dormiu, e só acordou na manhã seguinte.

Duas semanas depois, recebeu carta de casa, e anunciava que a negra tinha morrido no mesmo dia e na mesma hora em que ele vira a figura dela que se despedia.

Os incrédulos tentam explicar este fato verídico de vários modos: dizem que foi um sonho do rapaz, e que houve coincidência do sonho com a morte da ex-escrava; dizem que, no momento de morrer, a ex-escrava dirigiu toda a força do pensamento ao ente que lhe era mais querido, e que, portanto, houve tão-só um fenômeno de telepatia, ou transmissão de pensamento; e, finalmente, dizem outros que houve confusão do rapaz: que ele já sabia da morte da ex-escrava quando viu a aparição, e que esta aparição foi uma projeção da mente dele, a qual ele, com o passar do tempo, acreditou ter sido anterior ao recebimento

da notícia da morte da preta.

Seria mais fácil dizer que o espírito da mulher surgiu realmente diante do rapaz, a fim de avisá-lo da morte dela. Os homens, porém, gostam das coisas complicadas, e preferem recorrer a explicações estapafúrdias.

*

* *

Cada região do mundo tem os seus segredos, as suas tradições, as suas crendices, os seus usos e costumes. Diziam os antigos: “Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso.”

Na Europa, é muito divulgada a noção de que existem vampiros. Os vampiros são entidades que, segundo a crença popular de algumas regiões, saem dos seus túmulos de noite para sugar o sangue dos vivos. E quando uma pessoa é atacada por um vampiro, acaba morrendo, porque ele volta a sugar-lhe o sangue nas noites subseqüentes, até que a vitima se esgota e morre, e por sua vez se transforma em vampiro. Há, dessa forma, permanente aumento do número de vampiros, uma vez que eles precisam sempre do sangue dos vivos, e estes, quando atacados, vão ser também vampiros.

Noutras regiões do mundo se fala muito a respeito de lobisomens, os quais, segundo a crença popular, são homens que à meia-noite das sextas-feiras se transformam em lobos e saem à procura de gente para sugar-lhe o sangue.

Mas há lugares onde se fala tão-só da existência de bichos, como se a menção da palavra lobisomem fosse bastante para determinar o aparecimento de um. Aliás, é crença muito espalhada entre camponeses: que não se deve chamar as doenças nem o demônio pelo nome certo, pois aquele que pronunciar o nome duma doença poderá contraí-la, e aquele que pronunciar o nome do diabo está convidando-o a aparecer para fazer das suas. Daí o recorrerem os campônios a várias palavras para indicar o diabo e as doenças, contanto que não digam o nome correto. Aplica-se o mesmo raciocínio para o lobisomem, e talvez para outras entidades.

Mas é preciso não confundir o lobisomem autêntico, isto é: aquele que está cumprindo um fadário, com aqueles que se fazem passar por lobisomens porque desejam criar ambiente de terror na aldeia onde moram. E tem havido casos de pessoas que fazem promessas aos santos, e quando alcançam a graça pedida, se obrigam a muitos sacrifícios, de acordo com o que prometeram. Pode acontecer que a pessoa prometa engatinhar quinze noites seguidas, de um lugar para outro da região em que vive, e assim, quem passar por ali naquelas ocasiões verá alguma coisa que não pode ser confundida com um animal, porque é gente, mas não parece gente, porque está a caminhar à maneira dos animais.

Nos fins do século XIX, quando ainda o chamado progresso não tinha invadido tudo com os seus rádios e os seus cinemas, falava-se muito de aparições, de lobisomens, e até mesmo de vampiros. Reuniam-se pessoas nos salões mal iluminados das casas enormes da época, e descreviam cenas, contavam casos, emitiam opiniões.

Uma sala onde se costumava discutir esses assuntos era a da viúva Norina, mulher de seus quarenta anos, muito sadia, e que se recusava a casar de novo, embora não lhe faltassem pretendentes. Podia-se dizer que era rica, pois além da quinta onde morava com a criadagem, tinha negócios na capital do país, os quais eram administrados por procuradores.

Costumava ela dizer que não acreditava nessas histórias de lobisomens, e que tais coisas eram sempre motivadas por pessoas que tinham interesse em criar clima de terror na região em que viviam. E os seus convivas lhe respondiam:

— Queira Deus que Vossa Mercê nunca se encontre com um desses desgraçados que roubam o sangue das pessoas. É um fadário que eles cumprem, e triste de quem lhes cai nas garras.

A viúva ria e dizia que, se encontrasse um deles, e ela estivesse armada de faca, sempre saberia defender-se das unhas e dentes do miserável.

Um dia começou a correr o boato de que ali na sua quinta

aparecia, às sextas-feiras, um bicho horrendo, que se arrastava pelo chão, e parece que roncava e ia de uma ponta a outra do terreno. Os criados estavam amedrontados, e às noites das sextas-feiras não queriam ir a lugar nenhum. Naquele tempo recolhiam-se todos muito cedo, devido à falta de iluminação, que era precária nas grandes cidades, e ausente nas povoações menores. Assim, naquela escuridão, quem se aventurasse a pôr os pés fora de casa arriscava-se a muitos dissabores. Quando, porém, havia boatos do gênero desse que acabamos de citar, aumentava o medo em toda a gente.

Tanto falaram daquilo à viúva, que ela decidiu ir ver o que era. Aconselharam-lhe que não fosse, pois se se tratasse mesmo de um lobisomem, e, portanto de coisa sobrenatural, ela não poderia defender-se dos ataques dele, por mais coragem que demonstrasse, e por mais armada que estivesse. Ela, porém, não era mulher de temores, e esperou a noite da sexta-feira para sair em busca do tal avantesma. Perguntou qual das criadas concordava em ir com ela, pois não queria levar homem consigo, e sim desejava resolver tudo à maneira feminina. Uma das criadas, que também não era medrosa, prontificou-se a ir, e na noite aprazada lá estava junto com a patroa, disposta a defendê-la se as coisas se complicassem. Como armas, a viúva conduzia um chuço, ao passo que a fâmula preferiu a longa e aguçada faca da cozinha.

Saíram de casa às onze e meia, e foram avançando para os lugares mais sombrios da quinta. Andavam devagar, pro- curavam não fazer barulho que indicasse a presença de seres humanos; e a escuridão que reinava por ali as ajudava a manterem-se quase invisíveis.

A meia-noite — já haviam percorrido boa parte do terreno — eis que pressentem, mais do que avistam, uma figura esbranquiçada, como se fosse um porco de tamanho médio, que avançava lentamente na direção delas. Parece que realmente soltava um ronco muito baixo, quase imperceptível, e aos poucos se foi tornando visível: em conseqüência da sua cor alvacenta, oferecia bastante luminosidade, apesar da escuridão reinante, para que se pudesse ver precariamente os seus contornos.

Recuaram as duas para trás de uns arbustos, e deixaram que a entidade se aproximasse. Ela não parecia vir com intuitos agressivos, e, ao que tudo indicava, não tomara conhecimento da presença das duas mulheres, pois não se desviou do caminho que seguia. Se era animal, não se revelava muito corpulento nem musculoso, e sim um tanto bambo; e se era ente sobrenatural, não demonstrava ter muitos poderes, porque não dera ainda pela presença de duas pessoas que bem poderiam ser suas inimigas.

Quando o ente chegou perto da viúva, esta saiu de trás do arbusto e golpeou com força, uma vez só, a coisa que se movia. Ouviu-se um grito, e o vulto se levantou em forma de mulher — pois não era outra coisa.

— Sou eu, Sra. Norina (disse ela). Por favor, não me espanque.

— E que fazes aqui, a estas horas? (perguntou a viúva).

— Foi uma promessa que fiz. Hoje é a última noite. Prometi que faria esta caminhada todas as sextas-feiras, durante dois meses, se alcançasse uma graça. Alcancei-a, e agora cumpro a promessa.

— Olha que assustaste muita gente com esta invenção tua (disse a viúva). E bem poderias ter morrido agora, se em vez de um chuço eu tivesse trazido um machado ou coisa assim.

— Ainda não sei se morrerei da pancada que acabo de receber (queixou-se a mulher). Dói muito porque foi muito forte.

— Quem te mandou bancares o lobisomem? (ralhou Norina). Agora sofre. E o que era isso que dizias enquanto engatinhavas?

— Eram orações. Foi assim a promessa, e assim espero cumpri-la até o fim. Se me dá licença, retornarei à minha posição.

— Vai (disse a viúva). E que sejas feliz.

Voltou a pobre mulher à sua penitência, enquanto a viúva e a criada regressavam à casa da quinta para dormir. Tinha sido bem movimentada aquela noite, mas ali ficara explicado mais um caso de lobisomem.

H I P N O T I S M O

QUEM desejar utilizar-se do hipnotismo deve acreditar nele com toda a sinceridade. Quem não acredita numa coisa não pode nem deve adotá-la. O hipnotismo é matéria científica mais do que provada, utilizada por médicos e dentistas em todo o mundo civilizado.

O hipnotista deve manter atitudes corretas, e conservar uma aparência exterior calma, serena, imutável. Noutras palavras: deve manter-se tranqüilo e imperturbável em qualquer circunstância. Não lhe fica bem mostrar-se nervoso e irritado, mesmo que haja coisas que o irritem e enervem.

Um homem de aparência tranqüila, gestos comedidos e andar seguro tem mais possibilidades de impressionar clientes do que outro de andar saltitante, gesticulação desgovernada e aparência nervosa. Acentuando bem seu aspecto exterior, e até mesmo exagerando-o, conseguirá o hipnotista causar forte impressão nos que dele se aproximarem. O bom hipnotista não pode ser um tipo vulgar, a quem todos dizem gracejos.

Escolhei uma atitude, e apegai-vos a ela para sempre. Não deixeis que a vossa personalidade mostre altos e baixos. Fazei o possível para conservar sempre o mesmo estado de espírito. Estudai-vos a vós mesmo diante de um espelho, vede qual a postura que mais vos convém, e procurai não vos afastardes dela. Vede a vós mesmo como desejais que os outros vos vejam. Praticai o hipnotismo com clientes imaginários; planejai o que pretendeis dizer aos vossos clientes reais, e praticai, tal como se pratica um discurso, as palavras que tereis de dizer.

A vossa atitude perante a vida vos dará confiança em vós mesmo. Insistindo num ponto único, obtereis sempre maiores resultados.

Acreditai que tendes poderes hipnóticos, e as outras pessoas acreditarão também. Acentuai vossos gestos e ações, de modo que vossos clientes fiquem realmente impressionados, porém não desperdiceis energias com gesticulação inútil.

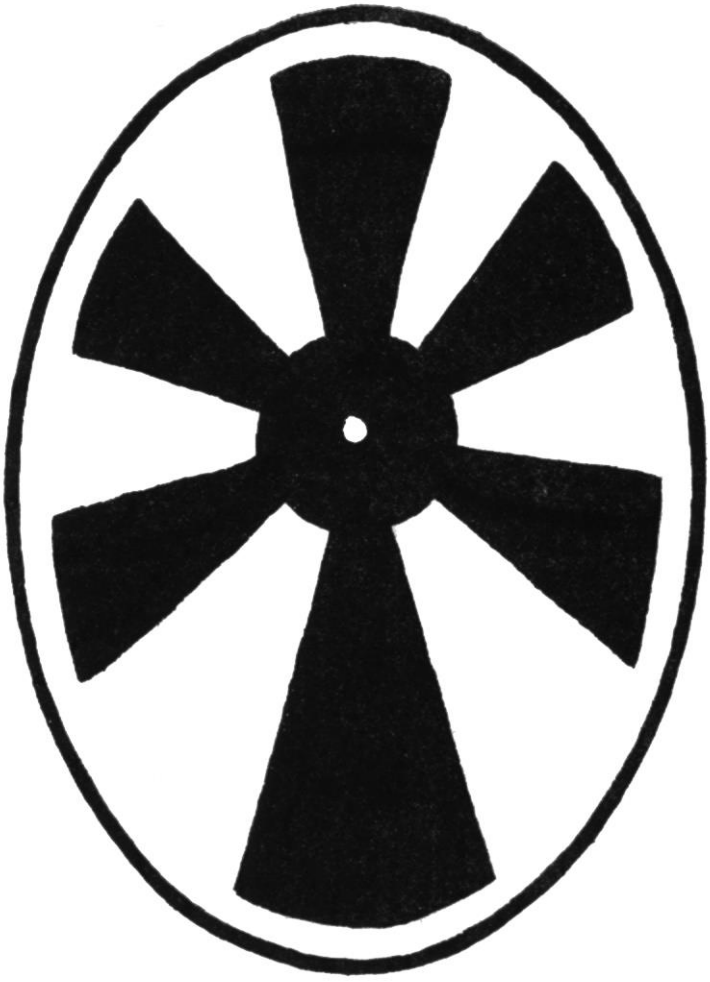
Procurai ser espontâneo, natural, e para isso lembrai- vos de que o hábito é uma segunda natureza. Evitai reações impensadas, violentas, impulsivas. Mostrai que fazeis o que quereis, e não o que os outros querem que façais. Mas lembrai-vos de que a calma e a segurança de atitudes não devem confundir-se com sonolência: os outros é que vão dormir, não vós. Na verdade, podereis cair no sono hipnótico, se não estiverdes sempre alerta.

Não basta acreditar que podeis hipnotizar os outros: é preciso convencerdes os outros de que podeis e ireis hipnotizá-los. Maneiras naturais, linguagem simples, correta, sem floreios, um tom grave de voz, roupa limpa e elegante -tudo isso contribui para bons resultados.

Há indivíduos que têm maneira convincente e tranqüilizadora de falar; isto pode ser usado com vantagem na aplicação do hipnotismo. Alguns desses indivíduos são hipnotistas sem o saberem, e serão capazes de convencer qualquer pessoa pela maneira de pensar e também pela maneira de falar.

Quem fala bem, ou quem pode cultivar um tom convincente de falar deve aproveitar estes dons na aplicação do hipnotismo. A voz

representa papel tão importante no hipnotismo, que pode ser considerada parte integrante dele. Isto, aliás, tem sido provado através do uso de discos fonográficos, os quais conseguem hipnotizar as pessoas que os escutam.



HIPNÓGRAFO INDIANO

Resumiremos o que até aqui ficou dito.

Primeiramente, cultivai maneira de falar que seja convincente, grave, segura, e nunca nervosa. Acreditai no que dizeis, e os outros acreditarão também.

Em segundo lugar, tende confiança em vós mesmo: convencei-vos de que tendes poderes hipnóticos, e tornai-os parte da vossa personalidade. Mantende-vos imperturbável em qualquer circunstância.

E finalmente, se fordes levado a assumir uma atitude dramática, fazei-o com arte, de modo que ela pareça natural de vossa personalidade, e não artificial. Sede dramático, se a situação assim o exigir, porém com engenho e arte.

MANEIRAS DE HIPNOTIZAR

Há normas básicas, imutáveis, que o hipnotista deve observar no seu trabalho a fim de evitar dramas de consciência em si mesmo e nos seus clientes. São três essas normas, e a seguir as transcreveremos.

Reza a primeira norma: Nunca hipnotizeis uma pessoa sem expresso consentimento dela, ou de seu tutor.

Diz a segunda regra: Nunca hipnotizeis uma pessoa sem que esteja presente uma terceira, de responsabilidade, que possa garantir a lisura do hipnotista e do cliente. Com isto se evitarão acusações ou

suspeitas de que estão sendo feitas coisas que não sejam para o bem do cliente.

Ensina a terceira regra básica: Nunca ordeneis nada ao paciente que não seja para a cura ou melhoria da saúde dele. O hipnotista não tem outros direitos além daqueles que lhe confere o paciente.

Estas regras são válidas não apenas para médicos e dentistas, mas também para qualquer hipnotista. Nenhum hipnotista deve hipnotizar por mera curiosidade, nem tampouco deve sugerir coisas ao hipnotizado como simples experiência.

Qual o melhor método de hipnotizar? Não se sabe. Cada operador adota um método diferente, e alguns adotam misturas de métodos. Todos os métodos funcionam, quando aplicados com seriedade, e quando o operador tem realmente bom magnetismo pessoal e vocação para essas coisas.

É bom que o operador conheça diversos métodos, pois bem pode acontecer que certos indivíduos resistam a determinado método e acabem sendo hipnotizados por método diferente.

PRIMEIRO MÉTODO DE HIPNOTIZAR

Os dois elementos básicos do sono hipnótico são: a sugestão e a concentração do olhar do paciente no operador ou nalgum objeto brilhante. Os chamados passes magnéticos poderão conduzir à hipnose, porém não tão ràpidamente como quando se usam aqueles dois elementos. Por outro lado, são indispensáveis os passes quando se deseja um estado profundo de hipnose.

Logo que estiverdes na presença do cliente, fazei o possível para que ele fique bem à vontade. Mandai que ele se sente numa cadeira e sentai-vos vós mesmo noutra, diante dele. Segurai os polegares do paciente e fixai o olhar na parte externa média do nariz dele.

Os olhos do paciente devem estar, ao mesmo tempo, fixos nos do operador. Ordenai ao cliente que ele caia no sono, e que o sono seja

calmo e pacífico. Se, ao cabo de dez minutos, não vier o sono, mudai de método e fechai os olhos do cliente suavemente com a mão. Ao mesmo tempo, ordenai-lhe brandamente que durma.

Em regra, este segundo método dá resultado, e um bom cliente cai prontamente no primeiro estádio da hipnose, e ocasionalmente num estado de sonambulismo. Num caso ou noutro, podereis então, por meio de passes magnéticos, provocar sono mais profundo, e alcançar os resultados desejados.

Há, contudo, pacientes com quem não funcionam estes métodos. Pode-se, então, fazer ligeira pressão na parte superior da cabeça, e movê-la devagar para um lado e para outro.

É comum que não sejam obtidos resultados satisfatórios na primeira tentativa; e às vezes nem na segunda, nem mesmo na terceira, nem na quarta tentativa. Não deve isto desanimar o operador. Podem ser necessárias várias tentativas para que seja revelado um ótimo paciente.

SEGUNDO MÉTODO DE HIPNOTIZAR

Fazei o paciente sentar-se numa cadeira de braços diante de vós. Segurai-lhe os polegares, um em cada mão, e neles fazei pressão firme e regular pelo espaço de três ou quatro minutos. Ao cabo desse tempo, é comum que o paciente nervoso experimente a sensação de peso nos braços, cotovelos e pulsos.

Começai então a fazer passes sobre a cabeça, a testa e os ombros dele. Dai particular atenção às pálpebras, na frente das quais fazei um movimento para cima e para baixo com as mãos, como se fosseis fechar os olhos do paciente. Não é necessário que o paciente fite algum objeto: o olhar li fixo pode ajudar, mas não é indispensável.

TERCEIRO MÉTODO DE HIPNOTIZAR

Começai por dizer ao paciente que acreditais no hipnotismo; que desse tipo de tratamento somente poderão advir benefícios; e que é possível curar o paciente ou pelo menos aliviá-lo, através do hipnotismo; que não há nada estranho nem prejudicial neste tratamento; que é um sono comum que pode ser aplicado a toda a gente. Se necessário, hipnotizai uma ou duas pessoas na presença do cliente.

Então dizei:

— Olha para mim e não penses em nada que não seja dormir. Tuas pálpebras começam a estar pesadas... Teus olhos estão cansados... Estão úmidos... Começaste a pestanejar... Não podes ver as coisas nitidamente... Teus olhos estão fechados...

Alguns pacientes fecham os olhos e caem prontamente no sono. Outros requerem mais esforço do operador: tereis de repetir as palavras muitas vezes, e dar mais ênfase ao que dizeis; tereis até de fazer gestos. Não importa que tipo de gestos, mas eis aqui uma sugestão: aproximai dos olhos do paciente dois dedos da vossa mão direita, e pedi-lhe que olhe para eles, ou movimentai a mão, diversas vezes, diante dos olhos dele, ou ainda pedi-lhe que fixe os olhos dele nos vossos, e ao mesmo tempo dizei-lhe que se concentre na idéia de dormir.

Continuai a dizer:

— Tuas pálpebras estão-se fechando; não podes abri-las... Teus braços estão pesados... As pernas também... Não podes sentir nada... Tuas mãos estão imóveis... Não vês nada... Vais dormir...

Então acrescentai com voz enérgica:

— Dorme!

Esta ordem quase sempre faz efeito: os olhos se fecham, o paciente dorme, ou pelo menos se deixa influenciar. Se o paciente não mostrar sonolência, dizei que o sono não é essencial, e que muitas

pessoas estão hipnotizadas sem o saberem.

Se o paciente não fechar os olhos, nem os conservar fechados, baixai-lhe as pálpebras: fechai-as gradualmente, e, finalmente, mantende-as fechadas; ao mesmo tempo, continuai a repetir a sugestão:

— Tuas pálpebras estão coladas... Não as podes abrir... Cada vez mais sentes vontade de dormir... Não podes resistir mais...

Baixai a voz gradualmente, e ordenai mais uma vez: — Dorme!

Raramente são necessários mais de três minutos para que venha o sono, ou para que haja alguma influência hipnótica. É o sono por sugestão: um tipo de sono que o operador insinua no cérebro do paciente. Os passes ou o olhar fixo nos olhos ou nos dedos do operador são úteis somente para concentrar a atenção: não são essenciais.

QUARTO MÉTODO DE HIPNOTIZAR

Começai a experiência com um jovem de vinte anos. Pedi-lhe que se sente numa cadeira e dai-lhe a segurar um botão. Dizei-lhe que olhe para o botão fixamente. Depois de três minutos, as pálpebras dele baixarão. Em vão tentará ele abrir os olhos: as pálpebras parecerão estar coladas. A mão direita, que até ali segurava o botão, cai sem forças nos joelhos dele.

Dizei a ele, com toda a convicção, que ele não poderá abrir os olhos. (Ele fará vãos esforços para abri-los.) Agora dizei-lhe:

— Tuas mãos estão presas aos teus joelhos: não poderás levantá-las.

Todavia, ele levanta as mãos. Continuai a conversar com ele. Ele deve estar perfeitamente lúcido, e não podereis descobrir nenhuma mudança essencial nele.

Levantai-lhe um dos braços; em seguida soltai o mesmo braço, e ele o fará tombar como quiser. Então soprai-lhe nos olhos, que se

abrirão imediatamente, e o paciente estará no mesmo estado de antes da experiência: lembra-se de tudo quanto lhe tiverdes dito. As únicas circunstâncias notáveis são: ele não podia abrir os olhos, e agora sente ligeira fadiga.

QUINTO MÉTODO, OU MÉTODO DA VELA ACESA

Semelhante ao método que acabamos de mencionar é o da vela acesa, que descreveremos em seguida.

Ordenai ao paciente que, durante uns oito ou dez minutos, fite uma vela acessa. Segurai a vela em tal altura que olhar para ela exija esforço dele.

O paciente não deve pestanejar mais do que o estritamente necessário, e deve respirar profundamente e a espaços regulares de tempo. Dizei ao paciente, antes de começardes, que mantenha a boca aberta cerca de dois centímetros, com a língua curvada, e com a ponta encostada nos dentes inferiores.

Ao cabo de cerca de três minutos, executai dois ou três passes magnéticos acima da nuca do paciente: com a mão esquerda, com os dedos afastados uns dos outros, de cima para baixo, ao longo dos nervos do espinhaço. Depois disso, ordenai que o paciente feche os olhos. Então fazei um ou dois passes mais, até ficardes certo de que o paciente dormiu.

PARA FAZER SAIR O PACIENTE DO ESTADO HIPNÓTICO

Fala-se muito do problema de fazer sair o paciente do estado hipnótico. Parece, todavia, que esse problema não existe, pois o sono hipnótico sempre se transforma em sono comum, se o paciente não acordar logo depois da sessão de hipnose. Com efeito, o despertar da hipnose pode ocorrer de três modos, a saber:

a) através da ação imediata sobre a imaginação, isto é, através do estímulo dos sentidos, exatamente como o despertar do sono natural ocorre algumas vezes por motivos mentais (como, por exemplo, o hábito de acordar a determinada hora);

b) pela irritação dos sentidos (como, por exemplo, um ruído forte, uma sacudidela, etc.);

c) pela simples transformação do sono hipnótico em sono comum, do qual o paciente despertará no devido tempo.

Não há perigo de o cliente não acordar: nunca se soube de casos em que o hipnotizado tivesse morrido em conseqüência da hipnose.

É quase sempre possível suspender a hipnose por processos mentais, isto é: ou se ordena simplesmente ao paciente que ele acorde, ou se diz a ele que acorde quando ouvir determinado sinal. Raramente é preciso recorrer a outros meios, tais como abanar o rosto do paciente, salpicar-lhe água, chamá-lo em voz alta, etc.

Podeis usar a sugestão verbal. Repeti várias vezes:

— Acorda! Acorda!

Alguns pacientes continuam sonolentos quando acordam. Se o operador movimentar a mão uma vez ou duas diante dos olhos do paciente, quase sempre se desfará a sonolência.

Há clientes que se queixam de cabeça pesada, dor de cabeça ou tontura. Para evitar estas sensações, dizei ao paciente, antes de despertá-lo:

— Acordarás e sentir-te-ás muito bem. Tua cabeça não está pesada. Sentes-te muito bem.

O cliente acordará sem qualquer sensação desagradável Alguns pacientes podem ser acordados por sugestão depois de determinado tempo. É bastante dizer-lhes:

— Acordarás dentro de cinco minutos.

Eles acordarão exatamente no momento sugerido, porque têm noção da passagem do tempo.

Alguns clientes, porém, não têm idéia acurada de tempo, e acordam antes do momento sugerido. E ainda alguns se esquecem de acordar: permanecem na condição de passividade mental, e parecem incapazes de sair espontaneamente do sono. É necessário dizer-lhes: "Acorda!", a fim de obrigá-los a acordar.

Em alguns casos, é preciso dizer:

— Teus olhos se abrem. Estás acordado.

Se isto não for bastante, soprai uma vez ou duas nos olhos do paciente: isto geralmente faz com que eles se abram.

Há operadores que salpicam água fria no rosto do paciente, mas este não é um meio agradável de acordar alguém.

Repetimos que o despertar é geralmente muito fácil, mas se algum paciente não acordar quando lhe for ordenado, não fiqueis preocupado com isto, pois todo sono hipnótico se transforma em sono comum se o paciente for deixado em paz. Nunca se registrou caso de um paciente se recusar a acordar. Todavia, pode-se evitar qualquer complicação se se disser ao paciente:

— Não acordarás senão quando eu determinar. Então acordarás calma e facilmente.

Assim como os passes magnéticos provocam a hipnose, também podem desfazê-la. Não se sabe se é por causa das correntes de ar frio que os passes geralmente desencadeam, ou se é (o mais provável) a crença do paciente de que ele deve acordar quando se aplicarem os passes.

Pode o operador abrir os olhos do paciente com as mãos para desfazer a hipnose. Nalguns casos, os meios artificiais de acordar não funcionam com rapidez: o paciente ainda conserva sinais de fadiga. Ora, quase todos nós sentimos a mesma coisa quando acordamos do sono natural. Depois de longa e profunda hipnose, é natural que subsista, durante algum tempo, um estado de sonolência, no qual ainda se notam reações de cunho hipnótico.

Se não for provocado o despertar por meios artificiais,

geralmente as pessoas que estão em ligeiro estado hipnótico despertam espontaneamente depois de alguns minutos (acontece isto, geralmente, quando não lhes foi ordenado permanecerem no estado hipnótico); outras acordam espontaneamente de profundo estado hipnótico se ouvirem um ruído alto e inesperado, ou se tiverem sonhos excitantes. Conta-se o caso de uma senhora que acordou da hipnose chorando alto, porque sonhou, durante a hipnose, que era uma criancinha, e tinha começado a chorar. Geralmente, porém, a hipnose profunda continua por algum tempo, quando não artificialmente suspensa pelo hipnotista. Pode ocorrer que passem várias horas antes que o paciente acorde (pois o sono hipnótico se transforma em sono comum), e se não lhe ordenarem que acorde, confundirá uma coisa com a outra.

O bom operador deve ter sempre o cuidado de acordar o cliente, a menos que haja motivos especiais para deixá-lo dormindo (como, por exemplo, no caso do tratamento da insônia).

C A R T O M A N C I A

CARTOMANCIA é a arte de adivinhar por meio das cartas do baralho. (A pronúncia é cartomancia, e não cartomância.) Deve o

baralho ser composto de 40 cartas, e ter sido passado pelas águas do mar ao meio-dia duma sexta-feira. Para passar o baralho pelas águas do mar, deve-se envolvê-lo em qualquer tecido ou folha impermeável e levá-lo ao mar. Amarra-se uma cordinha forte na boca do saquitel em que ele estiver, e joga-se o saquitel às águas, e fica-se a segurar a outra ponta da cordinha. Deve ser isto ao meio-dia, quando o sol estiver a pino. Serão ditas, então, as seguintes palavras: “Que os espíritos celestes vos ponham a virtude.”

Quem tiver habilidade manual e paciência, deve fazer seu próprio baralho. Copiam-se as cartas, uma por uma, de outro baralho, e depois de pronto se leva para passar nas águas do mar, como ficou dito acima. A cartolina deve ser de boa qualidade, pois do contrário as cartas ficam ràpidamente sujas e com aspecto desagradável. (Não use papelão, nem cartolina ordinária.) Devem as cartas ser recortadas com muita segurança, a fim de que tenham todas o mesmo tamanho e não fiquem tortas nem com as bordas irregulares. Muito cuidado com manter o baralho sempre guardado, fora do alcance de crianças e pessoas que não compreendam estes assuntos.

Ao manejar as cartas, deve o operador estar com as mãos limpas. Se houver suor nas mãos, deverá o operador enxugá-las bem, de vez em quando, para evitar que se danifique o baralho rapidamente.

São os seguintes os valores básicos das cartas, do ás até o sete:

COPAS: ESPADAS:

ás = constrangimento;

dois = traição;

três = desordem;

ás = paixão;

dois = correspondência;

três = lealdade;

quatro = na habitação;

cinco = intriga;

seis = brevidade;

sete = desgostos;

OUROS:

ás = promessas;

dois = matrimônio;

três = mimo de amor;

quatro = separação;

cinco = ciúmes;

seis = demora;

sete = surpresa;

PAUS:

ás = vício;

dois = reconciliação;

três = simpatia;

quatro = banquete;

cinco = sedução;

seis = fortuna;

sete = riqueza.

Os ases e os setes recebem também o nome de tentações.

FIGURAS

São quatro as figuras indispensáveis: a dama de ouros (que representa a consulente, quando esta for mulher); o rei de ouros (que representa o marido, amante ou namorado da consulente); a dama de

espadas (uma rival); o valete de copas (pessoa intermediária, que tanto pode ser homem como pode ser mulher).

Fica estendido que, se a pessoa que consulta for homem, o rei de ouros representa o consulente, e a dama de ouros será a amante dele, etc. Neste caso, o arranjo deve ser o seguinte: o rei de ouros é o consulente; a dama de ouros é a esposa, amante ou namorada; o valete de espadas será um rival; o valete de copas continua a ser, como em qualquer caso, a pessoa intermediária, que tanto pode ser mulher como pode ser homem.

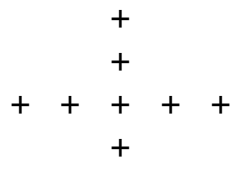
As figuras restantes servem apenas quando seja necessário representar outras pessoas, de quem o consulente (ou a consulente) esteja suspeitando.

Qualquer das damas é chamada “esta mulher”; os reis e os valetes serão chamados, cada um deles, “este homem”. Há exceção apenas para o valete de copas, que será sempre chamado “esta pessoa”.

Comumente, portanto, só se usam quatro figuras, as quais, somadas às outras 28 cartas, cujos valores demos acima, perfazem 32. Todavia, as cartas que se deitam são apenas 24.

De início, são postas de lado as figuras que não interessam. Separam-se, depois, os quatro ases e os quatro setes. Embaralhadas essas oito cartas (que são as tentações), são postas juntas no meio da mesa, com as costas para cima. Ficam na mão, portanto, 24 cartas.

Embaralham-se depois estas 24 cartas, que serão postas sobre a mesa com as costas para baixo, em forma de cruz, da forma abaixo indicada. O meio da cruz é formado pelas tentações.



+

Deve-se ter o máximo cuidado em seguir estritamente o que aqui fica determinado, pois do contrário poderá ficar inutilizada a consulta. As demais cartas vão sendo postas sobre as que já estão na mesa em forma de cruz, e assim não haverá modificações na disposição delas, e sim formam-se pequeninas pilhas.

Uma vez deitadas as cartas todas, da maneira aqui descrita, começa a ser feita a revelação dos segredos. O operado ergue os olhos, eleva o pensamento ao céu, deixa possuir-se da verdadeira fé, estende a mão sobre o centro da cruz de cartas, e diz em voz baixa as seguintes palavras (que devem ser repetidas sempre que se embaralham as cartas):

"Pelo poder de São Cipriano, hoje santo e outrora feiticeiro, revelem estas cartas a pura verdade, para glória do mesmo santo e alegria de minha alma."

Logo que tenham sido deitadas as primeiras oito cartas, benze-se o operador com as restantes, ao mesmo tempo que diz: "São Cipriano esteja comigo." Para cada uma dessas palavras deve ser feito um movimento, na seguinte seqüência: leva-se a mão à testa e diz-se: "São"; leva-se a mão ao peito e diz-se: "Cipriano"; leva-se a mão ao ombro esquerdo e diz-se: "esteja"; leva-se a mão ao ombro direito e diz-se: "comigo".

Deitam-se em seguida mais oito cartas e o operador benze-se de novo com as que lhe ficam, dentro do mesmo sistema acima indicado. E assim se faz até o fim das cartas, com a repetição das mesmas palavras e dos mesmos gestos.

Passa-se agora à fase do levantamento das cartas. Para isto, é diferente a seqüência: levanta-se uma carta de cada extremidade; retira-se uma de cada uma seguinte às extremidades; e finalmente se levanta uma tentação.

Raramente será preciso levantar todas as cartas, pois logo ao serem levantadas as primeiras nove, estará satisfeita a curiosidade.

Todavia, se se deseja saber mais alguma coisa, continua-se o levantamento, na mesma seqüência da primeira vez.

Se no final acontecer que saiam respostas confusas, embaralham-se as cartas e repete-se a operação desde o início.

Daremos agora alguns exemplos de como são interpretadas as cartas.

PRIMEIRO EXEMPLO (CONSULENTE MULHER)

A consulente não tem recebido notícias do seu apaixonado, e quer saber o que ocorre. As cartas levantadas pelo operador saíram na seguinte seqüência:

1, quatro de copas (leviandade);

2, seis de ouros (demora);

3, dois de espadas (correspondência) ;

4, rei de ouros (este homem);

5, quatro de espada (na habitação);

6, três de paus (simpatia);

7, cinco de paus (sedução);

8, quatro de paus (banquete); 9, ás de espadas (paixão).

Dentro desta seqüência, descobre-se o segredo mais ou menos assim: “Por leviandade, demora a correspondência este homem, porque se diverte na habitação de alguém a quem dedica simpatia, e tem sedução em banquete (ou por outra: come e bebe com a rival da consulente), e isto é devido a paixão.”

Para esclarecer se essa paixão vem dele ou vem dela, deve o operador continuar a levantar as cartas (sem, todavia, levantar as tentações), até sair a dama de ouros ou a dama de espadas. Se sair em primeiro lugar a dama de ouros, a paixão é da rival; se sair a dama de espadas, a paixão é da parte do homem.

SEGUNDO EXEMPLO (CONSULENTE HOMEM)

Um rapaz deseja saber o que se passa com a mulher a quem ama. Deitam-se as cartas na forma preconizada neste livro, e sai a seguinte combinação:

1, dama de ouros (esta mulher);

2, quatro de copas (leviandade);

3, dois de espadas (correspondência);

4, valete de espadas (este homem);

5, cinco de paus (sedução);

6, três de ouros (mimo de amor);

7, quatro de paus (banquete);

8, cinco de copas (fora de casa); 9, sete de espadas (desgostos).

Completa-se a seqüência com as preposições, conjunções, verbos, etc., para que ela forme sentido, e então se lê o seguinte:

"Esta mulher teve a leviandade de manter correspondência com este homem, porque houve sedução com mimo de amor em banquete fora de casa. Isto causa desgostos."

TERCEIRO EXEMPLO (CONSULENTE HOMEM)

Deseja o homem saber por que motivo foi abandonado pela esposa. Suponhamos que foi a seguinte a seqüência das cartas:

1, dama de ouros (esta mulher);

2, quatro de ouros (separação);

3, cinco de ouros (ciúmes);

4, cinco de espadas (intriga);

5, valete de copas (esta pessoa);

6, seis de espadas (brevidade);

7, dois de paus (reconciliação);

8, rei de copas (surpresa).

Feito o complemento das preposições, verbos, etc., podemos ler o seguinte: “Esta mulher teve separação por causa de ciúmes, movidos por intriga desta pessoa, mas com brevidade virá reconciliar-se com este homem, e trará uma surpresa.”

OBSERVAÇÃO

O três de ouros (mimo de amor) pode ter o sentido de carinhos e afagos, ou então de um presente; o ás de copas (constrangimento) pode trazer a significação de violência (por exemplo: mulher violenta); o dois de espadas (correspondência) pode ser uma carta única, ou um bilhete, ou um telegrama; o seis de copas (cativeiro) pode significar prisão por laços amorosos, ou também a prisão legal (isto é: aljube, cadeia). Cabe ao operador adaptar as palavras ao caso que estiver sendo examinado.

+ + + + +

Damos a seguir a significação que podem ter as cartas quando deitadas sem mais cerimonial. Embaralham-se as cartas, põe-se o baralho na mesa, com a face para baixo, e vai-se retirando uma carta de cada vez.

COPAS:

rei: homem que deseja fazer a vossa felicidade; há de conseguí-lo;

dama: mulher bondosa que vos prestará serviços; ás: podeis vir a receber dinheiro;

valete: pessoa que vos ama;

dez: prosperidade;

nove: discórdia durante pouco tempo com pessoa amiga; sete: acontecimento feliz e inesperado.

ESPADAS:

rei: homem da lei; negócios importantes;

dama: mulher que vos fará muito mal;

ás: indisposição sem perigo;

valete: processo e condenação;

dez: obstáculo ao vosso casamento;

nove: más notícias;

oito: viagem e bons resultados nos vossos esforços.

OUROS:

rei: homem de bem que se ocupa de vós;

dama: uma amiga procura fazer-vos mal: não o conseguirá;

ás: problemas de dinheiro;

valete: um homem vos trairá, se lhe derdes atenção; dez: surpresa agradável;

nove: má notícia em tempo incerto;

oito: bons resultados

sete: melhoria de situação.

PAUS:

rei: homem idoso e de bom conselho que deve ser escutado;

dama: vizinha intrigante que tenta fazer-vos mal; ás: desgosto sério, mas de pequena duração;

valete: homem de boa posição que vos proporá casamento;

dez: esforços recompensados;

nove: satisfação no seio da família;

oito: paixão violenta; procedimento desregrado; sete: casamento feliz.

Veremos em seguida várias combinações de cartas:

rei e dama: casamento;

dois reis: dois pretendentes à vossa mão;

três reis: bom êxito; esforços recompensados;

quatro reis: felicidade passageira;

dama e valete: traição;

duas damas: concórdia de pequena duração;

quatro damas: grande maledicência;

ás e valete: incerteza;

dois ases: amizade sólida;

três ases: felicidade progressiva;
quatro ases: completa felicidade;
nada vos faltará;
valete e dez: astúcia com intrigas;
dois valetes: preguiça ou traição;
quatro valetes: desgostos de todo gênero;
dez e nove: distração;
dois e dez: doença de pequena gravidade;
três dez: intrigas de amor;
quatro dez: dinheiro em quantidade;
nove e oito: amores novos;
dois noves: teimosia;
três noves: posição muito vantajosa;
quatro noves: regresso;
oito e sete: pequenas brigas; mal-entendidos;
dois oitos: desgosto grande;
três oitos: inquietação;
quatro oitos: isolamento:
sete e rei: irritação;
dois setes: demora de dinheiro;
três setes: militar que vai partir;
quatro setes: esperanças realizadas;
seis e sete: um vizinho bondoso;
dois seis: felicidade duradoura;
três seis: prazeres intensos;
quatro seis: companhia agradável;

seis e rei: entrevista sem bons resultados;

seis e dama: rival pouco perigosa;

seis e oito: acontecimentos lamentáveis:

seis e valete: ventura efêmera.

PALAVRAS E ALGARISMOS

As palavras são representadas por letras e por algarismos, pois tanto num caso como no outro os sinais são símbolos de idéias. Os nove primeiros algarismos (isto é, de um a nove) formam a base para qualquer número, e possuem certa interdependência oculta.

Assim como cada nome tem o seu equivalente em número, também cada letra que compõe o nome tem valor numérico. Pode haver exceções, mas o valor numérico de cada nome tem sido encontrado desde tempos imemoriais pelos rosa-cruzes e pelos cabalistas. Parece que esse valor foi obtido a partir do alfabeto hebraico, pois o hebraico não tem propriamente algarismos, de modo que os hebreus dão a certas letras o valor de algarismos. E não se deve estranhar isto, porque os romanos também não tinham algarismos propriamente ditos, e sim atribuíam valores a determinadas letras, como ainda hoje podemos ver nos relógios, nos capítulos de livros, etc. (I valia 1; V valia 5; X valia 10; L valia 50; C valia 100, etc.). Combinando essas letras, podia-se escrever qualquer número.

A tabela que a seguir transcrevemos mostra o valor das letras do alfabeto (para efeitos de Numerologia, e não para efeitos de cálculos, evidentemente). Os números básicos são de um a nove, e portanto, as letras do alfabeto devem ser enquadradas nesses nove sinais. Assim, um só algarismo pode corresponder a mais de uma letra.

A = 1; B = 2; C = 2; D = 4; E = 5; F=8;

G = 3; H = 8; I = 1; J = 1; K = 2; L =3;

M = 4; N = 5; O = 7; P = 3; Q= 1; R=2;

S = 3; T = 4; U = 6; V = 6; W= 6; X=6;

Y= 1; Z = 7.

Damos a seguir um exemplo de como encontrar o número correspondente a determinado nome. Tomemos o nome *Manuela Barreiras*. Reduzamos primeiro *Manuela*, a partir das indicações da tabela acima: M = 4; A = 1; N = 5; U = 6; E = 5; L = 3; A = 1.

Somando-se os números obtidos (4 + 1 5 + 6 + 5 + 3+ 1), o resultado é 25. Soma-se o 2 com o 5, e o resultado é 7.

Reduzamos, agora, o nome *Barreiras*: B = 2; A = 1; R = 2; R = 2; E = 5; I = 1; R = 2; A = 1; S = 3. Somam-se estes algarismos, e o resultado é 19. Soma-se 1 com 9, e temos 10. Assim, a combinação numérica de Manuela Barreiras é 710. Pode-se, ainda, reduzir isto, somando-se 7 com 10, e assim teremos 17. Soma-se um com sete e teremos 8. Na sua expressão mais simples, o número de Manuela Barreiras é 8.

ALGARISMOS QUE SE HARMONIZAM

Na tabela seguinte, mostramos em três linhas horizontais paralelas os números que se harmonizam (um embaixo do outro). Quem tiver nome cujo número simples seja, por exemplo, 4 (primeira linha horizontal), estará em harmonia com as pessoas ou lugares cujos nomes sejam reduzíveis a 8 (segunda linha horizontal) e 9 (terceira linha horizontal).

a) 1 … 2 … 3 … 4 … 5 … 6 … 7 … 8…9

b) 4 … 7 … 6 … 8 … 9 … 3 … 2 … 4 ..5

c) 9 … 6 … 2 … 9 … 5 … 3 … 6 … 6 ..8

Vejamos um exemplo. Já verificamos que Manuela Barreiras tem

8 como número simples. O 8 da primeira linha (a) tem por baixo de si os algarismos 4 (na linha b) e G (na linha c). Manuela Barreiras se dará, portanto, muito bem como pessoas e em lugares cujos nomes forem reduzíveis a 4 e 6. Com essas pessoas, e nesses lugares, poderá Manuel Barreiras obter boas coisas.

Pode ser usado o nome completo da pessoa que se está examinando, ou pode ser usado apenas o nome pelo qual é ela conhecida, ou até mesmo pode ser usada a alcunha. O sistema pode ainda ser usado para dias, semanas, ou qualquer coisa que admita adaptação.

OS CORPOS DO HOMEM E AS VIAGENS ASTRAIS

O homem que se encontrava no estado selvagem vivia sempre junto da Natureza, pois os costumes da vida moderna, que hoje temos, ainda não o haviam separado dela. O homem olhava para tudo e se encantava com a beleza das árvores, das aves, das cachoeiras. O homem gostava da luz, e sentia pavor da noite. De noite, ele se enchia de medo, porém se sentia feliz quando via voltar a claridade. A sua vida estava na mão da Natureza: esperava com ansiedade a chuva, da qual dependia a sua plantação; temia que viesse a tempestade, a qual poderia destruir o trabalho e a esperança do ano inteiro. A todo momento percebia quanto era fraco ele próprio, comparado com a força imensa daquilo que o rodeava. Experimentava sempre um conjunto de respeito, amor e medo, por essa poderosa Natureza.

Por causa deste sentimento misto de admiração e medo, o selvagem não imaginou logo um deus que fosse único e dominasse o universo (pois não tinha noção de universo). O homem daquele tempo não sabia que a terra, o sol e os astros são partes dum mesmo conjunto; não podia entender que os astros, o sol e a terra fossem governados por um mesmo ser. Quando o homem deitou seus primeiros olhares sobre o mundo, achou aquilo tudo muito confuso, e pensou que havia forças rivais em guerra: a chuva contra o sol; o trovão contra o relâmpago; os animais uns contra os outros. Como julgava as coisas

pelo que sentia dentro de si próprio, julgou ver também em cada parte da criação (no solo, na árvore, na nuvem, na água do rio, no sol) outras tantas pessoas semelhantes à sua; julgou que essas coisas tivessem pensamento, vontade, desejos; e como as considerou poderosas, sofreu por causa delas, teve medo delas, dirigiu-lhes preces, e pôs o joelho em terra para adorá-las.

Por isso, ainda hoje certas tribos selvagens da África e da América do Sul adoram a Natureza, o sol, a lua, a água, etc. Para elas, a idéia de Deus único é muito confusa.

Dizem alguns escritores cristãos que o homem tem três partes, a saber: o espírito, que é imortal por causa da sua natureza divina; a alma, que pode ser ou não imortal, isto é, pode ganhar a imortalidade se se reunir com o espírito; e finalmente este corpo que vemos, e que apodrece depois da nossa morte.

Porém a maioria dos cristãos diz que o homem tem só duas partes: o corpo (que se transforma em pó quando morremos), e a alma, ou espírito, que continua a existir depois Á que morremos. Acham estes que espírito e alma são iguais: é tudo a mesma coisa.

Os sábios do oriente não concordam com essa divisão em duas partes, nem mesmo com a divisão em três partes, e dizem que elas estão erradas.

Dão-nos os sábios orientais o seguinte exemplo:

“Quando um rapaz começa a estudar a Medicina, é obrigado a aprender uma porção de nomes esquisitos, pois não deve saber apenas os nomes das partes do corpo que ficam do lado de fora. Não basta que saiba que há pele, carne, sangue e ossos: é preciso aprender que há tendões, nervos, músculos, glândulas, cartilagens, e muitas outras coisas. Cada uma dessas coisas tem sua função; servem umas para manter o corpo, outras para movimentá-lo, outras para deitar fora dele o que não presta, outras para tirar da comida

oque ela tem de bom para o nosso organismo, e assim por diante. Ora, se não se desse a cada partezinha do corpo um nome especial, seria grande a confusão do rapaz, e ele nunca chegaria a compreender

como é que trabalha o nosso corpo.

Que seria do estudante de Medicina, se lhe dissessem:

— O corpo humano se divide em três partes, a saber: carne, sangue e ossos. Carne é o que não é sangue nem ossos; sangue é o que não é osso nem carne; e osso é o que não é carne nem sangue.

O estudante ficaria quase na mesma ignorância do começo, e os estudos que fizesse dariam muito poucos resultados.

Assim, da mesma forma que o estudante de Medicina tem de aprender a divisão certa do nosso corpo físico, e tem de aprender uma porção de nomes estrambóticos, assim também o estudante do nosso corpo astral fica obrigado a saber qual a divisão certa desse mesmo corpo, e quais os nomes que se dão às diversas partes.

Dizem os sábios orientais que o homem é composto de um tríade imortal (a individualidade), e de um quaterno mortal (a personalidade).

A tríade imortal subdivide-se em *atma* (espírito puro); *búdi* (alma espiritual); e manas (pensador).

Por sua vez, o quaterno mortal (a personalidade) tem as seguintes subdivisões: *cama* (natureza emocional); *prana* (vitalidade); *linga xárira* (forma etérea); *estula xárira* (corpo físico).

Examinemos ligeiramente estes sete elementos, a partir do último.

O corpo físico é, segundo podemos logo entender, a nossa forma exterior, material, visível. Compõe-se de vários tecidos.

A forma etérea é a reprodução do nosso corpo, feita de éteres físicos.

O prana é a energia, também chamada vitalidade, que integra e coordena as moléculas físicas e as mantém unidas; é por assim dizer, o sopro da vida dentro do corpo; é a parte do alento de vida universal, e na verdade é conhecida vulgarmente como vida, como se fosse a respiração. Aparece em duas formas: vitalidade consciente e

vitalidade automática.

O cama é a reunião dos desejos, das paixões e das emoções. Está no homem como no animal, porém no homem tem maior desenvolvimento, por causa da interferência do espírito inferior.

O manas é o pensamento, ou seja, aquilo que em nós raciocina, ou seja, ainda, a inteligência.

O búdi é o trecho espiritual que se manifesta acima da inteligência. É o veículo de que se serve o manas para manifestar-se.

O que liga a tríade imortal (permanente) com o quaterno mortal (perecível, transitório) é o intelecto, ou seja, a inteligência, que é dual durante a vida terrestre (funciona como inteligência, ou manas superior, e como espírito, ou manas inferior). A inteligência emite um raio, que é o espírito, e que trabalha no cérebro humano, e por meio dele funciona como consciência cerebral, como consciência raciocinadora.

Temos, portanto, que o atma, o búdi e o manas superior são imortais; o cama-manas é condicionalmente imortal; o prana, a forma etérea e o corpo físico são mortais.

VIAGENS ASTRAIS

O homem tem sete corpos, como acabamos de ver, mas aqui só cogitamos do corpo físico e do corpo astral. O corpo astral não conhece barreiras na terra, e assim atravessa paredes de qualquer grossura, tal como fazem as imagens da televisão. Mas no mundo astral também há barreiras para o corpo astral, e são tão sólidas para ele como são as paredes para o nosso corpo físico.

Se já vistes um fantasma, podereis ter visto uma entidade astral, ou o corpo astral de alguém, o qual talvez houvesse vindo de uma cidade longínqua. Talvez tivésseis tido já um sonho muito nítido.

Talvez tivésseis sonhado que estáveis pairando no ar como se fosseis um balão preso a terra por uma corda. Talvez tenhais olhado lá de cima e tenhais visto na ponta da corda o vosso corpo imóvel. Se vos mantivestes calmo diante de tal imagem, talvez tenhais sentido como se estivésseis voando para longe, como folha conduzida pelo vento. Pouco depois, talvez tenhais chegado a uma terra distante, ou a algum bairro vosso conhecido. No dia seguinte, se vos veio à memória tal passeio, com certeza o considerastes um sonho. Não foi sonho, porém: foi viagem astral. Podeis fazer esta viagem, mesmo quando estiverdes acordado, se aprenderdes a lição que aqui ensinaremos.

A viagem astral é diferente das viagens que fazemos por terra ou por mar, a pé, a cavalo, de trem, de barco, ou mesmo de aeroplano. É que na viagem astral não há trepidações, não há poeira, não há cansaço, e a velocidade é a mesma do pensamento. Quando aprendemos a viajar com o nosso corpo astral, podemos ir para onde quisermos, sem nenhum contratempo. O nosso corpo físico permanece deitado na cama, em lugar onde ninguém possa incomodá-lo, e o nosso corpo astral se desprende e fica preso a ele somente pelo cordão de prata. Este cordão de prata é formado da energia que sai do nosso corpo físico, e pode esticar-se indefinidamente. Não é músculo, não é veia, não é feixe de nervos: é a energia da vida, a qual liga o corpo físico ao corpo astral.

Imaginai que estais formando no ar o vosso corpo, como se fosse a reprodução, com ectoplasma, do vosso corpo físico. Sendo feito de ectoplasma, esse segundo corpo não tem peso, e portanto, flutua.

Não vos amedronteis: conservai-vos calmo, e percebereis que o vosso corpo astral (feito, por assim dizer, de ectoplasma) está perto do teto do vosso quarto. Olhai de lá de cima e vereis o vosso corpo físico deitado na cama. Notareis que os dois corpos (o astral e o físico) estão ligados por um cordão brilhante. É um cordão de prata azulado, que pulsa como se fosse uma veia. Mantende puros os vossos pensamentos, e nada vos acontecerá de mal. Tereis uma sensação agradável.

PARA VISITAR, SEM SAIR DE CASA, UMA PESSOA AMIGA QUE ESTEJA NOUTRO BAIRRO

Deitai-vos na vossa cama, com roupas frouxas e o corpo bem limpo. O quarto deve estar fechado, e quem for fazer a experiência deve primeiro assegurar-se de que ninguém virá interrompê-la. A interrupção de uma experiência deste gênero pode ter conseqüências desagradáveis.

Procurai acalmar-vos e relaxar os músculos e nervos. Qualquer tensão prejudicará a experiência. Tirai do cérebro os pensamentos mesquinhos, as idéias de vingança, as coisas grosseiras. Procurai concentrar-vos no que ides fazer. Não é imprescindível que façais nenhuma oração, mas se quiserdes dizer alguma, podeis dizer a seguinte, ou outra que não seja dirigida a Deus nem a nenhuma entidade:

"Forças ocultas, forças magnéticas, forças do bem, forças do astral, forças anímicas, vinde! Meu corpo se tornará leve; meu pensamento flutuará; meu desejo será todo voltado para isto que vou fazer. Magnetismo do ar, magnetismo das estrelas, magnetismo das coisas! Sairei do meu invólucro e meu corpo astral flutuará, irá para onde eu quiser, para fins honestos, e ficará seguro pelo meu cordão de prata ao meu corpo terreno."

Imaginai-vos agora a sair de casa; descei as escadas (se as houver); em pensamento, começai a andar pela calçada na direção da casa da pessoa que desejais visitar. Segui o caminho que vai àquela casa. Quanto mais pormenores puderdes ver na imaginação, tanto melhor. Andai em pensamento como se estivesses andando com o corpo físico. Devagar. Não vos precipiteis. Não desvieis a atenção! Continuai. Se houver interrupção, isto é, se pensardes noutra coisa, mesmo sem quererdes, voltai e começai tudo de novo. Lembrai-vos de que estais indo, em pensamento, visitar uma pessoa amiga, e portanto não podereis desviar-vos. Lembrai- vos também de que a visita não poderá ser para fins desonestos, nem ter caráter amoroso.

As forças magnéticas não permitirão isto, embora não se saiba por quê.

Se os vossos nervos estiverem bem frouxos e o pensamento bem concentrado, e se a caminhada imaginária for cuidadosamente feita, dentro de alguns minutos estareis visitando a pessoa de que se trata. Mas não tenteis fazer isto com fins desonestos, nem para atividades sexuais.

A volta será automática, pois o cordão de prata trará de volta o vosso corpo astral, e sentireis como se despertásseis dum sonho.

Quase todos nós fazemos, de vez em quando, viagens astrais. Não vos acontece, uma vez por outra, estardes quase a ferrar no sono, e sentirdes como se fosseis caindo? Parece-vos que tropeçastes e que íeis cair com toda a força no chão. Então acordais e ficais em dúvida: Era o começo do sono, ou era um sonho que principiava? Não se trata, porém, de nenhuma dessas duas coisas, e sim de viagem astral começada de modo errôneo. Se tiverdes consciência disso, e praticardes a viagem como fica ensinada neste livro, não tereis mais estas sensações esquisitas. É uma questão de prática. Não há inconveniente nenhum nas viagens astrais, porém as pessoas de coração fraco não devem fazê-las: podem advir complicações.

Julgamos necessário insistir numa coisa: o pensamento do viajante astral deve estar puro durante as viagens. Qualquer pensamento mesquinho, criminoso, impuro, fará interromper-se a viagem. Os sábios do oriente ainda não descobriram por que é isto assim, mas sabem que é assim. Parece que há uma força controladora superior que impede o homem de fazer uma viagem astral para fins criminosos, impuros, desonestos ou mesquinhos.

E ainda uma observação: nunca podereis conduzir qualquer coisa física durante as viagens astrais: nem na ida, nem na volta, podereis conduzir coisas, por insignificantes que sejam.

O MODO DE ESCOLHER E DE USAR A BOLA DE CRISTAL

Recomendam os sábios orientais que a bola de cristal deve ser comprada a um especialista, e não numa loja qualquer. Mas se tiverdes de comprá-la numa loja qualquer, procurai convencer o mercador de que ele deve trocá-la, se a primeira (ou a segunda, ou a terceira) que ele vender não vos agradar.

Ao chegardes a casa, lavai a bola em água da bica, enxugai-a cuidadosamente, e segurai-a com um pano preto. Examinai-a, então, com toda a calma, a ver se descobris falhas no vidro. Se descobrirdes falhas, trocai a bola, e repeti o mesmo exame na bola seguinte, até encontrardes uma que vos satisfaça. Uma vez escolhida a bola, não a troqueis mais.

É muito difícil conseguir uma bola realmente de cristal, de modo que em geral temos de contentar-nos com uma de vidro. O tamanho da bola não é muito importante, mas os sábios do Oriente sugerem uma bola de oito a dez centímetros de diâmetro. O que importa é que não haja falhas, mas se as houver, que sejam na menor quantidade possível, e não sejam visíveis quando o quarto estiver em penumbra.

Não deve a bola ser pegada por outra pessoa que não seja o seu dono, e não deve ser usada senão para consultas sérias. Se várias pessoas utilizarem a bola, ou se ela for utilizada para coisas fúteis, dará imagens cada vez mais confusas.

Quando não estiver em uso, deve a bola ficar sempre envolta em pano preto: jamais deve ser ela exposta à luz do sol.

Antes de começardes a consultar a bola, prestai a máxima atenção à vossa própria saúde durante uma semana: verificai se tudo funciona bem no vosso corpo e no vosso espírito. Evitai zangar-vos (vede o capítulo sobre o controle da zanga). Comei comidas simples (vede o capítulo sobre alimentação). Pegai a bola sempre que puderdes, para que a ela seja transmitido o vosso magnetismo, porém não deixeis que ninguém a pegue. Aliás — repetimos —, a bola só pode e só deve ser pegada pelo dono dela, e por mais ninguém, sob nenhum pretexto. Quando não estiver em uso, deve ela estar envolta num pano preto e guardada em lugar onde ninguém possa manuseá-la (se possível, deve ser trancada a chave).

Passada uma semana, levai a bola para um quarto penumbroso, e procedei como vos é indicado neste livro. A noite é a hora melhor para esse tipo de trabalho.

Sentai-vos num tapete, ou numa almofada, com as pernas cruzadas na posição que os orientais chamam da flor do lótus. Sentai-vos comodamente, e procurai sentir-vos à vontade. Se a posição da flor do lótus não vos for agradável, adotai outras posições, até encontrardes uma que vos dê sensação de comodidade. A sensação de comodidade é importante, porque o mal estar físico distrai a atenção.

Assim, pois, sentai-vos de maneira confortável, com as costas

contra a luz. Pegai a bola com as duas mãos e procurai os reflexos que nela houver. Devem eles ser eliminados com a diminuição da luz, ou com o repuxamento das cortinas (se as houver), ou ainda com a mudança de posição do vidente.

Quando ficardes satisfeito, encostai a bola na testa por alguns segundos, e afastai-a lentamente, até que ela atinja as vossas pernas cruzadas. Segurai a bola com as duas mãos (as costas das mãos já devem estar, portanto, sobre as pernas cruzadas). Olhai a superfície do vidro, e em seguida tentai olhar para o interior da bola, como se fosse para um espaço vazio. Procurai esvaziar a mente o mais que puderdes. Evitai pensar. Evitai emoções.

Da primeira vez, bastam dez minutos de experiência. Aumentai gradualmente o tempo, até que no fim da semana possais olhar para a bola durante meia hora.

Na semana seguinte, se observardes cuidadosamente e que aqui se diz, a vossa mente se esvaziará logo que quiserdes. Olhai para o espaço vazio da bola: notareis que os contornos dele começarão a flutuar. Pode parecer que a bola está crescendo, ou que vós estais caindo para a frente. Não vos assusteis: é assim mesmo. Se vos assustardes, prejudicareis o trabalho: deveis então suspendê-lo, e só retornar a ele na noite seguinte.

Com um pouco mais de prática, vereis que a bola se tornará aparentemente cada vez maior. Uma noite descobrireis, quando olhardes para ela, que ela está luminosa e cheia de fumo branco. Se não vos assustardes, o fumo se afastará e tereis a primeira visão (geralmente de coisas do passado). Será algo ligado a vós, pois só vós tereis lidado com a bola. Mantende-vos nisso: vede só os vossos assuntos. Quando puderdes ver à vontade, dirigi a visão para o que desejardes saber. Para tanto, dizei firmemente e em voz alta:

— Hoje verei fulano.

Se tiverdes fé, vê-lo-eis. Não há mistério nisso.

Para saberdes o futuro, devereis ordenar os fatos conhecidos. Reuni os dados que puderdes, e repeti-os em voz alta. Então fazei

perguntas à bola e dizei em voz alta:

— Hoje verei aquilo que desejo ver.

Não useis a bola para loterias, nem para corridas de cavalos, nem para jogos de nenhuma espécie, nem para competições desportivas, nem tampouco para prejudicar alguém. Em suma: a bola de cristal não funciona para fins de lucro, nem para causar prejuízo às pessoas. Não adianta insistirdes, porque não obtereis nenhum resultado.

Só depois de terdes prática em ver os vossos próprios assuntos é que podereis tentar ver assuntos alheios. Mergulhai o cristal na água e enxugai-o cuidadosamente, sem que a vossa pele toque a superfície dele. Entregai a bola à pessoa que veio consultar-vos, e dizei-lhe:

— Pegai a bola com as mãos e pensai naquilo que desejais saber. Depois a entregai.

Pedi ao consulente que não fale durante a consulta, que não a interrompa, enfim que não atrapalhe a boa marcha dos trabalhos. (É conveniente que façais a primeira experiência com uma pessoa amiga, pois um estranho pode prejudicar a visão.)

Quando o consulente vos devolver a bola, segurai-a com as mãos nuas ou cobertas com o pano preto (isto importa, no caso, uma vez que já tereis personalizado o cristal).

Sentai-vos de modo confortável, levai a bola até a testa por um instante, depois levai-a com as mãos até às pernas cruzadas, e fazei-as repousar aí com a bola entre elas e de modo que não vos cause incômodo. Olhai para dentro dela, e a vossa mente se tornará vazia, mas na primeira experiência poderá surgir alguma dificuldade, se estiverdes nervoso. Se, porém, estiverdes repousado, tranqüilo, e sentado em posição cômoda; se houverdes obedecido ao que está dito neste capítulo, observareis uma das seguintes coisas: imagens reais; símbolos; impressões.

Deveis insistir pelas imagens reais. Se insistirdes bastante, as nuvens da bola desaparecerão e vereis as imagens reais daquilo que desejais ver. Não haverá, portanto, dificuldade neste caso.

Há pessoas que não vêem coisas diretamente, porém símbolos (uma flor, uma cadeira, um navio). Se vos acontecer isto, aprendei a interpretar os símbolos que vos aparecerem.

No caso de terdes impressões, vereis nuvens, um pouco de luminosidade, e talvez sintais reações na pele, ou escuteis ruídos. Ficai neutro: evitai as simpatias pessoais; não tenteis sobrepor às impressões os vossos próprios sentimentos.

Se uma pessoa vos consultar, e vós olhardes a bola de cristal e não virdes nada, dizei francamente que não vistes nada: não inventeis nada para dizer. O consulente respeitar-vos-á muito mais se não chegardes a ver nada, do que se disserdes alguma coisa inventada que ele possa descobrir que é incorreta.

Nunca digais nada que possa vir a destruir um lar, ou causar sofrimento. Quando virdes na bola de cristal qualquer coisa que, se revelada, possa causar, por exemplo, a separação de um casal, dizei simplesmente que não vistes nada. A bola não é foco de intriga, nem pomo de discórdia, e sim um meio de ajudar as pessoas a saírem de dificuldades. Deve ser usada para dar felicidade às pessoas, e não para torná-las infelizes.

Jamais informeis a um consulente qual o dia da morte dele, nem as probabilidades que ele tem de morrer logo. Sabereis, naturalmente, essas coisas, porém jamais devereis dizê-las. Também são aviseis a uma pessoa que ela vai ficar doente. Dizei apenas:

— É bom tomardes cuidado com o dia tal.

Quando se encerrar a consulta, enrolai a bola cuidadosamente no pano e ponde-a de lado delicadamente. Quando sair o consulente, mergulhai a bola em água, enxugai-a e apalpai-a de novo para dar-lhe magnetismo. Quanto mais a apalpardes, melhor. Evitai arranhá-la, e quando ela não estiver em uso, mantende-a enrolada em pano preto. Não deixeis, sob nenhum pretexto, que ninguém a utilize. Tocai-a todos os dias com as mãos. Se a mostrardes a alguém, lede o que ela diz, mesmo que seja para vós mesmo. Não mostreis a bola por mostrar, e sim para ler o que ela tem para dizer.

E finalmente repetimos uma recomendação: Não useis a bola para coisas fúteis, nem para brincadeiras, nem para loterias, nem para nada que não seja honesto. Não brinqueis com essas coisas: não vos ponhais a utilizar a bola (não penseis sequer nisso), caso não tenhais vocação para esse tipo de atividade. A bola de cristal é faca de dois gumes, que poderá conduzir o vidente a situações difíceis.

SECRETOS DOS ANTIGOS

SECRETO quer dizer segredo, e os antigos usavam só a palavra secreto para indicar uma coisa que está oculta ou que não se deve dizer. Aqui usamos secreto em lugar de segredo porque se trata,

verdadeiramente, de secretos, que era como os antigos diziam. E resolvemos conservar a forma que estava no antigo Livro do Touro Negro, que foi de onde este aqui foi tirado.

Não estranheis, portanto, esta palavra secreto, e se tiverdes em casa um dicionário, consultai-o e vereis que ela tem, ainda hoje, o mesmo sentido de antigamente, embora não seja tão usada como foi, e hoje é mais usada como adjetivo, e não tanto como substantivo, como outrora.

SECRETO NÚMERO 1

(*Para abrandar a tosse*)

Para abrandar a coqueluche, ou tosse convulsa, ou ainda tosse comprida, usavam os antigos o leite ferrado, que se prepara da seguinte maneira: deita-se um punhado de açúcar num prato fundo que agüente fogo; toma-se uma pequena barra de ferro, um pouco maior e mais grossa que um lápis comum (arame não serve), e leva-se ao fogo (de preferência, fogo de carvão), até que ela fique em brasa. Com uma tenaz, torquês ou alicate, retira-se do fogo e põe-se essa barra sobre o açúcar, e derrama-se por cima, aos pouquinhos, um bocado de leite frio. Ao contacto do leite, apaga-se a brasa do ferro, e o leite fica ligeiramente escuro. Deixa-se arrefecer um pouco e dá-se a beber uma xícara desse leite à criança, quando ela não estiver tossindo, e com isso reduzem-se os efeitos da doença. E o leite ferrado é também usado nos casos de outros tipos de tosse, mesmo com pessoas adultas.

SECRETO NÚMERO 2

(*Também é contra a tosse comprida*)

Para a tosse comprida, também chamada coqueluche, usavam os antigos dar às crianças que estivessem com aquele mal uma xícara de

leite morno, dentro do qual punham uma colher de conhaque de boa qualidade. Convém que a colher não seja das grandes, pois as crianças que não estão acostumadas podem recusar o leite assim tratado, o qual para elas pode ser muito forte. E este leite quente misturado com uma colher de conhaque pode ser tomado pelas pessoas grandes quando tiverem tosse, pois tem muito poder curativo.

SECRETO NÚMERO 3

(*Contra o mal dos cães*)

Conta-se que um homem, tendo sido mordido por um cão raivoso, foi posto e trancado num quarto onde se armazenava alho; e como não se conhece remédio para a hidrofobia, esperava-se tão-só que morresse, depois de muito sofrimento, para então o levarem a enterrar.

Aconteceu, porém, que o homem se pôs a comer daquele alho que ali estava armazenado; e fazia aquilo, não por fome, nem por outro qualquer motivo, senão porque estava enlouquecido com o sofrimento que dá aquela doença; e despedaçava as cabeças de alho com os dentes, e as engolia meio mastigadas; e embora o alho seja muito ácido, a ponto de o não podermos comer em grande quantidade, e ainda mais em estado natural (sem cozimento), aquele homem não sentia a acidez, porque estava debaixo de tortura maior do que a que provoca o alho.

Ora, ocorreu que, tendo comido grandes quantidades daquele produto, começou o homem a sentir-se aliviado da hidrofobia. E no dia seguinte se mostrava curado daquela horrível doença que atinge os cães e para a qual não se conhece a cura. E saiu daquele quarto, porque o soltaram, e viveu muito tempo sem que tivesse nenhum sintoma daquela doença, pois morreu de outra muito diferente.

Este episódio é conhecido dos antigos, e como os hidrófobos não têm outra coisa que fazer senão esperar a morte, convém que a eles se

dê grande quantidade de alho, a ver se se repete aquele verdadeiro milagre.

SECRETO NÚMERO 4

(*Contra a doença chamada gota-coral*)

Conta-se que um homem sofria de epilepsia, doença que também é conhecida pelos nomes de hieranose, opilência, gota-coral e mal comicial. E trabalhava como carregador numa estação de trens ou comboios. E quando lhe começavam a chegar os sintomas, os seus companheiros de trabalho o seguravam e o empurravam para que andasse bem depressa, quase a correr. E faziam isto durante uns dez minutos, até que passasse o acesso. Dessa forma, logravam que ele não tivesse o ataque, sempre que percebiam a tempo a vinda dos sintomas.

SECRETO NÚMERO 5

(*Sinapismo*)

Sinapismo é a cataplasma de mostarda, geralmente aplicada como revulsivo. Revulsivo é aquilo que faz derivar uma inflamação, ou humores, de um para outro ponto do organismo. O revulsor é um instrumento usado para produzir sobre a pele pequenas aberturas ou uma irritação artificial e desviar para aí a sede de uma afecção.

O sinapismo somente poderá ser feito com mostarda, porque sinape (ou sinapi) quer dizer mostarda em latim. Contudo, o revulsivo pode ser feito com alho. Esmaga-se um dente de alho e amarra-se entre dois dedos do pé, de modo que fique em contacto direto com a pele. O alho funciona como revulsivo, e atrai para ali a dor que está sendo sentida noutra parte do corpo.

SECRETO NÚMERO 6

(*Dos sacerdotes brâmanes*)

A terra inculta e abandonada é lugar de horror e maldição. Trabalhada e cultivada com amor, essa mesma terra se abre em frutos e alegria para o homem.

Glorifiquemos, portanto, Lacsmi, a divindade agrícola que nos alimenta: nunca sejamos indolentes, e jamais deixemos de praticar boas ações.

Aqueles que plantam sementes fortes e bem desenvolvidas mostram magnanimidade igual à daqueles que oferecem dez mil sacrifícios aos deuses.

SECRETO NÚMERO 7

(*Contra a azia e a má digestão*)

Toma-se o pão comum (e se for do preto, de trigo integral, ainda é melhor), e sem mais nada leva-se ao fogo e torra-se até ficar transformado em carvão. Não é apenas tostado, mas queimado até o fim, de modo que fique negro por dentro e por fora. E este carvão é comido lentamente, de modo que se dissolva na boca. E é um santo remédio para azia, mas serve também para má digestão. Uma colher pequena é quase sempre bastante, mas pode-se tomar até três colheres.

SECRETO NÚMERO 8

(*Para garganta inflamada*)

Deita-se um pouco de aguardente num prato raso, de modo que não transborde, e põe-se dentro uma colher de açúcar, e esmaga-se no meio dele um dente de alho. Chega-se fogo à aguardente, e vai-se

mexendo a mistura devagar, para que o fogo destrua parte do álcool. Dentro de uns três minutos, o fogo apaga-se espontaneamente. Deixa-se mornar a mistura, e toma-se lentamente às colheradas. As pessoas que suportarem, poderão comer o dente de alho, desde que o mastiguem bem. Tenha-se muito cuidado ao acender o fogo, e veja-se que a garrafa da aguardente esteja afastada do prato, a fim de evitar explosões. As pessoas que não podem comer açúcar não devem utilizar este remédio.

SECRETO NÚMERO 9

(*Para as espinhas*)

Para as espinhas que nascem no rosto, usavam os antigos a urina recente de meninos ou meninas de menos de dez anos. E passada no rosto e deixada ficar por meia hora, achavam os antigos que tinha poder curativo. E também usavam os antigos uma água de farelo a vinte por cento, a qual devia ser deixada sobre a pele durante meia hora.

SECRETO NÚMERO 10

(*Reconstituinte*)

Com a farinha de mandioca, chamada também farinha de mesa, ou de água, ou de guerra, ou simplesmente farinha, faz-se uma papa que não é muito gostosa, mas serve muito como reconstituinte. E o segredo está no alho (do qual se põe um dente bem esmagado) e nas cinco pimentas-do-reino que também são postas dentro. Peneira-se a farinha para que fique bem fina, e com esses três ingredientes se faz uma papa rala, que se come lentamente.

SECRETO NÚMERO 11

(*Para os caminhantes não sofrerem com o calor nem sentirem muito cansaço*)

Quando iam fazer grandes caminhadas, os antigos levavam consigo, por dentro da roupa, um saquitel cheio de folhas de artemísia. E com isto caminhavam muito na época do estio, e não sentiam os efeitos do sol, nem se cansavam facilmente.

SECRETO NÚMERO 12

(*Para nos livrarmos das dores de cabeça*)

Para curar as dores de cabeça, recorriam os antigos ao seguinte remédio, que os aliviava em pouco tempo: Descascavam os dentes duma cabeça de alho, e os dentes descascados eram bem moídos num almofariz ou gral, e a massa que dessa forma se obtinha era esfregada na testa e nas fontes. Em pouco tempo desaparecia a dor. E diziam os antigos: "Melhor será se, ao cabo da aplicação do alho, deitar-se o paciente durante um quarto de hora: quando se levantar nada mais sentirá daquela dor que o importunava."

SECRETO NÚMERO 13

(*Para curar o vício da bebida*)

Toma-se a moela duma galinha preta, e sem lhe tirar a pele, lava-se bem, torra-se, e faz-se com ela uma infusão.

Dá-se a infusão a beber a pessoa que desejar livrar-se do vício da bebida, e essa pessoa nunca mais deverá comer galinha preta.

SECRETO NÚMERO 14

(*Para se não embebedar a pessoa que bebe vinho*)

Diziam os escritores antigos: “Para a pessoa se não embebedar, são bons os bofes de ovelhas assados e comidos antes de jantar; ou então, antes que beba vinho,coma verças com vinagre; e deste modo não lhe fará mal o vinho, posto que beba mais do ordinário.” Escreveu Plínio: “Metam duas enguias vivas e grossas dentro de um cântaro de vinho, e, depois de estarem afogadas, dêem este vinho aos que se costumam embebedar, e virão a aborrecer o vinho de todo; porque causa um raro tédio e aversão. Para o mesmo efeito, serve a bretônica feita em pó e bebida.” Porém a melhor medicina para não embebedar-se é não beber senão água pura da fonte, que esta nunca fará perder o juízo ao homem.

SECRETO NÚMERO 15

(*Para que se possa tirar o mel das colméias sem que as abelhas mordam*)

A pessoa que for extrair o mel unte as mãos e o rosto com o sumo do malvaísco, e depois unte-se com azeite que já haja servido nas candeias ou lamparinas. Poderá então aproximar-se dos cortiços e extrair o mel, pois as abelhas não picarão. Se, contudo, houver alguma que descubra um ponto não muito bem untado e o pique, deve-se untar com bastante azeite a parte picada, e assim logo passará o efeito da mordedura.

SECRETO NÚMERO 16

(*Para curar o resfriado*)

Prepara-se um xarope de chicória, maná e raiz de altéia, mas tenha-se o cuidado de não usar açúcar, e sim mel de abelhas do melhor que houver na região. Faz-se à parte uma infusão de macela, erva cidreira e erva-doce. Numa xícara desta infusão põe-se uma colher das de sopa daquele xarope, mistura-se bem e toma-se três vezes ao dia, até que o resfriado se cure.

SECRETO NÚMERO 17

(*Cura pelo vinagre e pela urina*)

Quando uma pessoa dava um talho que não fosse muito profundo, e queria ver-se curada em oito horas, diziam os antigos que deitasse urina ou vinagre em cima do corte. Era remédio conhecido e aprovado pelos antigos, e sempre dava bom resultado quando a pessoa não tinha sangue ruim e era vegetariana.

SECRETO NÚMERO 18

(*Para as crianças que têm vermes e tosse*)

Quando as crianças tinham vermes ou tossiam muito, os antigos

lhes davam remédios caseiros de grande efeito. Se era a tosse que afligia as crianças, penduravam-lhe ao pescoço uma esponja, e logo se abrandava o mal; e se eram vermes, davam-lhe a beber, de manhã em jejum, durante uns cinco dias, farinha de centeio num pouco de água. Misturavam a farinha com a água, de modo que ficasse uma bebida semelhante ao soro do leite de vaca.

SECRETO NÚMERO 19

(*Para evitar formigas, mosquitos e percevejos*)

Faremos um risco de carvão grosso, ou de cinza, ou de salmoura, ou de sal molhado, em torno daquela parte da casa onde não quisermos que entrem as formigas, e elas não passarão desse limite para dentro. E se pusermos juntas essas coisas todas (o carvão grosso, a cinza, a salmoura e o sal molhado), tudo misturado, melhor será o efeito.

Para que os mosquitos não venham de noite à cama, penduraremos à cabeceira uns poucos de pregos, que não chegarão ali aqueles insetos.

Para percevejos, toma-se um pouco de palha estrangeira, cozida num tacho, e bota-se-lhe uma quarta de pedra-ume, e põe-se a ferver tudo junto. Quando a água estiver fria, lava-se a barra da cama com a dita água. Na cama, ou casa, onde se criam percevejos, põe-se um pimentão a queimar num fogareiro, e este será posto debaixo da cama. Com isso morrerão os percevejos que houver, até onde chegar o fumo do braseiro. Faça-se isto durante o dia, porque à noite, com a casa fechada, e as pessoas dentro, há o perigo de morrerem elas sufocadas com o fumo.

SECRETO NÚMERO 20

(*Contra as pulgas*)

Punham os antigos uma panela de água ao lume, e lançavam-lhe

dois vinténs de solimão; deixavam ferver bem, e borrifavam com essa mistura o aposento depois de bem varrido. As pulgas morriam, e se não criavam outras. E isto eles faziam duas vezes na semana.

SECRETO NÚMERO 21

(*Contra as moscas*)

Tomavam os antigos um pouco de mel e um pouco de água clara, lançavam dentro arsênico ou realgar, e punham esta mistura em vasilhas rasas, onde chegavam as moscas, e elas iam caindo, porque, em provando a mistura, morriam. Mas quem isto fizer não deixe que chegue cão nem galinha perto, porque, se provarem a mistura, morrerão.

SECRETO NÚMERO 22

(*Contra os mosquitos*)

Os antigos queimavam raminhos rústicos no aposento onde houvesse mosquitos, e logo os insetos caíam mortos ou se afastavam; também molhavam o rosto com água, na qual estavam raminhos rústicos de infusão, e assim não lhes chegavam os mosquitos ao rosto.

SECRETO NÚMERO 23

(*Contra os ratos*)

Os antigos tomavam gesso novo, e depois de passá-lo por peneira o misturavam com queijo ralado; e misturado tudo, punham a mistura em diversas partes da casa. Os ratos comiam aquilo por causa do gosto do queijo, e morriam todos em conseqüência do gesso que não podia

ser digerido.

SECRETO NÚMERO 24

(*Para destruir percevejos, piolhos e pulgas*)

Para percevejos, deitavam os antigos umas poucas de brasas num testo, e em cima delas punham duas ou três pimentas vermelhas. Punham o testo no meio da casa onde houvesse percevejos, e eles morriam ou se afastavam. Para os piolhos, usavam o sumo da erva-santa.

Untavam com este sumo, três noites seguidas, a parte onde se eles criavam, e eles desapareciam. E para as pulgas, espalhavam um pouco de hortelã pela casa onde elas andassem, que logo morriam ou desapareciam. E se estas coisas davam bons resultados antigamente, devem dá-los também hoje, porque os parasitos são os mesmos.

SECRETO NÚMERO 25

(*Contra percevejos*)

Tomavam cola feita de retalhos de couro. e desfeita em água ao fogo para que ficasse bem clara e rala, lhe misturavam azeite, e assim quente, molhavam e esfregavam as tábuas e pês do leito, de guisa que toda a madeira ficasse lavada com este cozimento. E resultavam dois efeitos muitos bons. O primeiro era que o leito ficava parecendo de nogueira; e o segundo, era que não se criavam percevejos.

SECRETO NÚMERO 26

(*Para se conhecer a sarna e o meio de curá-la*)

Diziam os antigos: “É fácil conhecer a doença da sarna, pois,

quando ela se instala, vemos entre os dedos das mãos umas bolinhas, que estão quase constantemente com comichões. Se for sarna o que estiver a afligir a pessoa, deitam-se sobre a parte doente umas gotas de petróleo. Mas não se deve esfregar. Deixa-se o óleo naquela parte durante uma hora, e depois limpa-se delicadamente. Continua-se no dia seguinte, e mesmo nos outros, se não sarar nos dois primeiros."

Outro remédio consistia em lavar com licor concentrado de alcatrão, porque produz muito bom efeito. Mas as pessoas que forem afligidas pelas sarnas devem manter-se muito limpas, com banhos diários bem tomados, que com isto já evitam que se instale a doença.

SECRETO NÚMERO 27

(*Para curar os catarros que nos costumam apoquentar*)

Para curar o catarro, tomavam os antigos a essência da terebintina. Mas devido ao seu gosto desagradável, e como é impossível que alguém possa tomá-la pura ou em mistura, tomavam-na em forma de pérolas. E dessas pérolas tomavam de seis até doze, na ocasião da comida. Dentro em pouco tempo, os catarros, mesmo os antigos, melhoravam e curavam-se.

SECRETO NÚMERO 28

(*Das boas qualidades que tem o ovo*)

Afirmavam os antigos que a gema do ovo era fresca e substancial; a clara cálida e reimosa; curava humores viscosos. Se uma pessoa que estivesse colérica e agastada comesse um ovo, diziam que se esquecia da zanga e passava a sentir alegria. Escreve um autor antigo: "Se um doido continuar dois meses, pela manhã e à noite,

comendo duas gemas de ovos crus, voltará a ter juízo; e é isto assim porque o louco se sente tão alegre de si que imagina que tudo é seu."

SECRETO NÚMERO 29

(*Para refinar pólvora*)

Para refinar pólvora, tanto no verão como no inverno, deve-se borrifá-la com aguardente muito fina, e deixar secar. A aguardente dá à pólvora toda a força necessária para que ela produza efeito.

SECRETO NÚMERO 30

(*Para saber o sexo de uma criança que ainda não foi gerada*)

Diziam os antigos: "Quando uma mulher tiver um filho, por ele se poderá saber o sexo de outro que ela venha a ter no parto seguinte. Para isto, nada mais é preciso do que ver a coroa do nascido: se o redemoinho que trazemos de cabelos estiver bem no meio da cabeça, sendo um só redemoinho, a criança que nascer do parto seguinte será do sexo masculino, e sendo dois os redemoinhos, ou sendo um só e declinar para qualquer dos lados, a criança que nascer do parto seguinte será do sexo feminino."

SECRETO NÚMERO 31

(*As virtudes da artemísia*)

Quem fizer um molhinho de artemísia e o trouxer ao pescoço, junto do coração, terá mais ânimo e maiores forças. E esta erva, moída

e bem desfeita, deitada num pouco de vinho e bebida, dá muito mais forças à pessoa que estiver cansada, porque é muito substancial. Qualquer caminhante que, ao fazer uma jornada, a levar consigo, não se cansará tanto e andará mais caminhos. Esta erva também serve para espantar as moscas de qualquer casa, se a cozerem com leite de cabras, e depois de bem cozida untarem as paredes com esse leite, que elas, por causa do cheiro, fugirão.

SECRETO NÚMERO 32

(*Do tempo que é salutífero cada um dormir segundo a compleição que tiver*)

Sempre disseram os antigos escritores que o sono ou tempo de dormir não pode ser o mesmo para todos. Porque, se alguns se contentam com pouco dormir, outros necessitam de mais dormir, e embora não sejam de sua índole preguiçosos, ficam na cama por mais tempo. É o seu organismo deles que lhes pede isto. E assim como os dedos das mãos não são iguais entre si, também os homens não podem ser iguais uns aos outros. E alguns sentem mais sono, e outros sentem menos. E não deverá ninguém queixar-se de que dorme pouco, nem pensar que vai morrer por isso, porque há homens que precisam só de umas cinco horas de dormir por dia, ao passo que outros precisam de seis, sete, e até oito horas por dia. E desde que a pessoa não sinta indisposição nem fraqueza, quer dizer que as horas que dormiu foram suficientes. E nunca deverá tomar pílulas nem qualquer Onero de medicina para dormir mais do que sente vontade, pois se o fizer estará forçando o seu organismo. Cada homem tem uma compleição e não poderá mudá-la por mais que se esforce.

SECRETO NÚMERO 33

(*Para tirar nódoas de azeite e pingos de cera de toda qualidade de panos*)

Para tirar nódoas de azeite, amassar um bocado de barro vermelho, de modo que não fique muito espesso, e cobrir com esse barro toda a parte do avesso do pano donde se quiser tirar as nódoas; e da parte direita, pôr sobre a nódoa uma folha de papel alinhavada, de modo que o papel fique muito ligado ao pano. E posto este a enxugar até o barro estar bem seco, logo se esfrega, e, tirando-se-lhe o papel ficará a nódoa fora. Este remédio é bom principalmente para pano de cor. E também para tirar a nódoa do pano se cobrirá a nódoa com sabão, e por cima do sabão se deitará um pouco de sal; põe-se ao sol, por espaço de um quarto de hora, e depois se lavará a nódoa, que logo sairá. Para tirar pingos de cera, estando em seda, tosta-se uma fatia de pão de trigo, e assim quente se põe em cima da cera que a atrairá a si. Se for em pano de cor, bota-se um testinho ao lume, e estando bem quente se tira, embrulha-se num papel, esfrega-se com ele no lugar, onde está a cera, e assim logo sairá e o pano ficará limpo.

SECRETO NÚMERO 34

(*Virtudes da pele que a cobro costuma despir*)

Está nos livros antigos que a pele da cobra, queimada e posta em cima de alguma ferida, a deixa sã; e se houver bico, ou ferro, metido dentro na carne, costuma atraí-lo a si, até o tirar fora. Quem trouxer consigo os pós desta pele de cobra será preservado de lepra, e de qualquer peçonha. E saibam que os ditos pós têm grandes virtudes e muitas propriedades: porém há de se queimar a dita pele, quando estiver o sol no signo de Carneiro, que é de 12 de março até 26 de abril. E tudo isto figura claramente nos livros antigos.

SECRETO NÚMERO 35

(*Para conservar a castidade e reprimir os estímulos da carne*)

Os antigos ensinavam que o sumo da erva chamada sagunta, bebido em jejum, reprimia os estímulos da carne; e que as folhas da mesma erva aplicadas sobre as partes aplacavam os incentivos da luxúria. Avicena escreve que a arruda comida mitiga os ardores da carne no homem; e com a mulher se dá o contrário, porque os aviva muito. Outros escritores antigos dizem que o urgebão tem mui grandes virtudes e eficácia para reprimir a luxúria, porque aplicado aos lombos mitiga e aplaca os estímulos da carne. Dizem mais que o sumo do urgebão bebido causa impotência pelo espaço de sete dias. Escreve Dioscórides que a fruta que produz o cedro, pisada, ou o sumo de suas folhas postos sobre as partes, desterra a apetência de atos venéreos. Ensina Miguel Scott que todas as coisas agras, frias e azedas se acomodam bem com a castidade, pois a conservam; e, pelo contrário, as coisas doces, quentes e odorantes a destroem e estragam de todo. Porém, falando espiritual e catolicamente, o que mais conserva e defende a castidade é o jejum, a disciplina e a oração freqüente e com muita devoção.

SECRETO NÚMERO 36

(*Para multiplicar a cera*)

Toma-se uma dúzia de ovos de ema (só as gemas), e estas meio cozidas, desfeitas e bem batidas, são lançadas numa arroba de sebo de bode junto com outra arroba de cera; e posto isso tudo ao fogo, se mexerá até que fique derretido e bem misturado; e ficará tudo convertido em cera muito amarela para se fazer dela toda e qualquer obra que se desejar.

SECRETO NÚMERO 37

(*Para aumentar a memória*)

Quem quiser aumentar a memória tomará a banha do urso e cera branca, e derreterá a cera com a banha (esta será dois tantos da cera); tomará a erva que se chama valeriana, e outra que se chama eufrásia, frescas ou secas, picadas muito bem, misturá-las-á com a banha e a cera derretidas; levará tudo ao fogo novamente, e deixará ferver até que fique uma mistura grossa, sem parar de mexer com um pau. Com este ungüento untará o toutiço e a testa, de vez em quando, e verá aumentada notavelmente a memória.

SECRETO NÚMERO 38

(*O elixir da longa vida*)

Está nos livros antigos: "Deitam-se a ferver oito libras de suco mercurial, duas libras de suco de borragem (hastes e folhas), e doze libras de mel-de-narbona ou qualquer outro (o melhor que houver na região). Quando começa a ferver, tira-se do fogo, passa-se por um coador de hipocraz e clarifica-se. À parte, deixa-se em infusão pelo espaço de vinte e quatro horas, sobre cinzas quentes, quatro onças de raiz de genciana cortada aos bocados e três quartilhos de vinho branco; agita-se de vez em quando. Coa-se esta infusão num pano de linho sem espremer e adiciona-se-lhe a primeira mistura. Em seguida, ferve-se tudo de novo, agora em fogo brando, até que adquira a consistência dum xarope. Deixa-se esfriar num recipiente de vidro e, uma vez frio, vaza-se para garrafas, que deverão ser conservadas em lugares temperados. Bebe-se uma colher deste xarope todos os dias, de manhã."

Está escrito nos livros antigos que este elixir faz recuperar a saúde — qualquer que tenha sido a doença (mesmo a gota) — e dissipa o calor das entranhas. Basta existir no corpo um pequeno fragmento de pulmão (ainda que todo o resto já se encontre degenerado) para que

este xarope mantenha o que está bom e restabeleça o que está mau. Cura ainda a ciática, as dores de estômago, e enxaqueca, as vertigens, e, de modo geral, todas as dores internas.

SECRETO NÚMERO 39

(*Proveitoso para os lavradores*)

Para que as sementeiras saiam boas, e as colheitas ainda melhores, observará o lavrador, quando semear, que seja em lua nova, e que se ache no signo de Touro, Câncer, Virgem, Libra ou Capricórnio, e achará uma grande e rara diferença na seara e na colheita.

SECRETO NÚMERO 40

(*Pura resistir ao frio*)

É dos livros antigos a seguinte receita: “Enche-se uma panela com excremento de pombo, e leva-se ao fogo até que fique reduzido a cinzas. Quando esfriar, deita-se água nas cinzas até que tudo se transforme num líquido grosso, com o qual se molham os pés e as mãos. Também se pode impregnar a camisa e as calças com este líquido, e deixá-las enxugar depois cuidadosamente. Em qualquer dos dois casos, poder-se-á suportar facilmente, durante quatorze dias. o frio mais intenso.”

SECRETO NÚMERO 41

(*Para suportar a sede*)

Para sentir pouco a sede, ou suportá-la bem, os antigos punham debaixo da língua a pedra transparente, do tamanho de uma ervilha, que se forma no fígado de um capão de quatro anos.

SECRETO NÚMERO 42

(*Ungüento da guerra*)

Meia libra de gordura de javali; meia libra de gordura de varrão; meia libra de gordura de urso macho. Põe-se numa panela uma boa quantidade de minhocas, e leva-se ao fogo até que fiquem reduzidas a cinzas. Juntam-se três colheres (das de sopa) destas cinzas a uma colher (das de sopa) de musgo de caveira retirado do crânio de um enforcado ou de um supliciado na roda. Reduzem-se a pó muito fino duas onças de heliotrópio e três onças de sândalo vermelho, mistura-se tudo isso com a gordura, e acrescenta-se um pouco de vinho. Fica pronto, desta maneira, o ungüento da guerra, conhecido pelos antigos pela expressão latina *unguentum armarium*.

SECRETO NÚMERO 43

(*Para secar o leite dos peitos das mulheres*)

Para secar o leite dos peitos das mulheres, por mais cheios e duros que estejam, estendem-se sobre eles as folhas do sabugueiro enxutas, e logo se irão abrandando e secando. Outro secreto importante para o mesmo efeito é que tomem uma erva chamada melcoraje, e que a ponham ao fogo numa tigela com um pouco de azeite rosado. Assim que estiver quente a ponham nos peitos e os cubram com panos. E aos três dias não sentirão leite nem moléstia nenhuma. É coisa experimentada e provada pelos antigos.

SECRETO NÚMERO 44

(*Para os sofrimentos dos rins e da bexiga*)

A infusão preparada com as folhas do abacateiro é muito boa para todos os males dos rins e da bexiga, mas é preciso ter cuidado com o

uso dela. Porque, sendo a infusão daquelas folhas um poderoso dissolvente de matérias prejudiciais, dissolve também os elementos nutritivos do corpo e assim provoca fraqueza. Por isso, a infusão das folhas do abacateiro não deve ser tomada muito freqüentemente, nem durante muitas semanas seguidas, para que o paciente não fique debilitado.

SECRETO NÚMERO 45

(*Também para os rins e bexiga*)

Para os males dos rins e da bexiga, serve também a infusão feita da raiz e das folhas da planta chamada quebra-pedra, também conhecida como arrebenta-pedra, erva-pombinha e saxífraga. Cuidado, porém, com o seu uso, porque o que acima se disse para as folhas do abacateiro serve também para a saxífraga.

SECRETO NÚMERO 46

(*O processo de rejuvenescimento dos antigos*)

O médico alemão Henrique Cohausen menciona o fato de que o hálito das mulheres muitos jovens rejuvenesce os homens velhos. Rétif de la Bretonne informa que houve em Paris uma casa onde mulheres novas e virgens conviviam com os velhos, mas sem qualquer contacto carnal, porque se o homem tivesse intenções outras que não fossem a recuperação da saúde, perderiam as forças, e sairiam dali em pior situação do que aquela em que entraram. E a intenção não era a excitação do apetite venéreo, porém tão-só a recuperação de parte da juventude. E isto não poderá o homem conseguir se, em vez de respirar o hálito da mulher jovem e pura, quiser descarregar nela o seu resto de virilidade.

SECRETO NÚMERO 47

(*A pedra da camurça*)

O mundo animal oferece valiosos meios de proteção. O velhíssimo autor Staricius fala-nos da camurça. (Como se sabe, a camurça é uma espécie de cabra montês.) Escreve Staricius que, em determinada época de cada ano, aquele animal fica invulnerável às balas dos caçadores. Uma vez que sabe quais são as ervas protetoras, a camurça pasta despreocupadamente, certa de que nenhum mal lhe poderá advir. Assim (continua Staricius), basta sabermos quais as ervas que a camurça come, e onde podem ser encontradas, para que, comendo-as, fiquemos imunes também. Quais serão, porém, essas ervas? Não é fácil a resposta, porque ninguém poderá seguir o animal para anotar quais as plantas que ele come naquela época do ano. Foi-nos, todavia, revelado o segredo, pois sempre ficam partes das ervas no estômago do bicho, onde se unem aos pêlos dele próprio e formam uma bola bem dura que é chamada pedra da camurça. Essa bola, ou pedra, é também formada no estômago de vários outros animais, como poderá informar qualquer magarefe. Segundo se diz, quando um animal lambe outro, a fim de obter um pouco de sal, engole sempre alguns pêlos daquele que está sendo lambido. Esses pêlos não são digeridos nem eliminados: ficam no estômago do bicho, e ali formam a pedra, ou bola muito dura, que os magarefes encontram quando matam as reses. No caso da camurça, forma-se a pedra, ou sola, dessa maneira também. Chama-se justamente pedra da camurça, e substitui, quase satisfatoriamente, o bezoar. (O bezoar, por sua vez, é a concreção que se forma nos intestinos e era considerado, pelos autores antigos, como antídoto para todos os venenos. O verdadeiro bezoar é produzido pela cabra selvagem da Pérsia.) Assim, basta que o caçador aguarde o fim da época das ervas protetoras, e que a camurça volte a ser vulnerável, para que ele possa matá-la e extrair do estômago dela a pedra que concentra o poder mágico de todas as ervas. Uma vez obtida a pedra da camurça, faz-se com ela o seguinte: Quando a terra

houver passado a casa de Marte, reduz-se a pó a referida pedra, e toma-se dela uma pitada com vinho de malvasia; depois corre-se, ou anda-se muito depressa, até suar copiosamente. Dizem os escritores antigos: "A pessoa que fizer três vezes isto, em dias diferentes, ficará invulnerável."

Nota: A malvasia (e não malvásia) é uma variedade de uva. Dá-se também esse nome ao vinho feito com essa uva.

SECRETO NÚMERO 48

(*Dos casados que não têm filhos*)

Para saber de dois casados que não têm filhos, em qual dos dois estava o defeito natural, tomavam os antigos a urina de ambos, marido e mulher, cada uma numa vasilha, e em cada qual delas lançavam um pouco de farelo de trigo; e naquela urina em que se criassem bichos, estava o defeito de não poder procriar ou conceber.

SECRETO NÚMERO 49

(*Para ter voz boa e clara*)

Toma-se a flor do sabugueiro, e depois de secá-la ao sol, e moê-la, o pó que assim for obtido será lançado em vinho branco. E esta mistura será tomada em jejum e causará voz boa e clara. O sumo de aipo e do urgebão, bebido, aclara a voz; mas advirtam que o sumo do urgebão resfria os órgãos da reprodução.

SECRETO NÚMERO 50

(*O elixir da coragem*)

Eis aqui o chamado elixir da coragem (o qual, durante a Guerra dos Trinta Anos, era conhecido pelo nome latino de *Aqua Magnanimitatis*). Prepara-se da seguinte maneira: Em pleno verão, bate-se, com um chicote, num morro de formigas, até que elas, assustadas, produzam uma secreção ácida, de cheiro intenso. Recolhe-se, então, boa quantidade de formigas, as quais são postas num alambique. Enche-se este de aguardente muito forte e pura. Depois sela-se e põe-se o alambique ao sol. Quatorze dias após, coa-se o líquido (o qual já terá consistência de xarope) e mistura-se a ele meia onça de canela em pó. Toma-se meia colher de sopa deste elixir num copo de bom vinho, antes da batalha.

SECRETO NÚMERO 51

(*Para curar a calvície*)

Pegam-se umas dez moscas domésticas e atiram-se numa frigideira onde esteja a ferver um pouco de azeite puro, de boa qualidade. Deixa-se que as moscas fervam bastante com o azeite, e quando se passar tempo suficiente para que morram pela fervura os micróbios que elas trazem consigo, tira-se do fogo a frigideira. Deixa-se esfriar e guarda-se aquele azeite com as moscas num frasco. E unta-se com este azeite a parte calva da cabeça todos os dias. É bom que antes de aplicar o azeite se raspe com navalha a parte já calva, para dar vigor à penugem que ainda restar.

SECRETO NÚMERO 52

(*Para que os cabelos se conservem pretos e não caiam nunca*)

Tomam-se folhas de azinheiro, e cascas de pepino secas; misturam-se em partes iguais, pisam-se bem pisadas, e espremem-se bem espremidas. O sumo dessa forma obtido é deitado em meio quartilho de aguardente canforada, e com ela bem misturado. O

resultado disto será deixado ao relento oito noites seguidas. Com esta mistura se lava a cabeça pelo menos de três em três dias, e os cabelos não cairão, nem mudarão de cor.

SECRETO NÚMERO 53

(*Para que as unhas e os cabelos cresçam depressa*)

Cortam-se as unhas e os cabelos quando a lua estiver no crescente, e no signo de Touro, Virgem ou Libra, e tanto umas como os outros crescerão depressa.

SECRETO NÚMERO 54

(*Para que as unhas e os cabelos cresçam pouco*)

Cortam-se as unhas e os cabelos quando a lua estiver no minguante, e no signo de Câncer, Peixes ou Escorpião, e crescerão muito pouco.

SECRETO NÚMERO 55

(*Para que a barba e os cabelos brancos se tornem pretos*)

Tomam-se folhas de figueira negra bem secas, e, feitas em pó, misturam-se com azeite de macela galega, e com isto serão untados os cabelos e a barba muitas vezes, que se farão negros.

SECRETO NÚMERO 56

(*Para que não nasçam nem cresçam cabelos*)

Raspam-se muito bem com uma navalha os cabelos que não se quer que nasçam mais, e unta-se aquele lugar com goma arábica, desfeita com o sumo da erva moleirinha ou sangue de morcego, e não crescerão mais.

SECRETO NÚMERO 57

(*Para conservar louros o cabelo e a barba*)

Tomam-se folhas de nogueira e casca de romã, destila-se tudo junto em alambique de vidro, e com esta água lavam-se muito bem, por quinze dias, a barba e os cabelos, e eles se conservarão louros, se forem naturalmente dessa cor.

SECRETO NÚMERO 58

(*Para que a barba e os cabelos se conservassem sempre negros*)

Mandavam os antigos fazer um pente de chumbo, muito vasto, com o qual penteavam a barba e os cabelos várias vezes durante o dia, e com isso os conservavam negros.

SECRETO NÚMERO 59

(*Receita de Paracelso para a formação duma criatura artificial, por ele chamada homúnculo*)

Diz Paracelso no seu livro *De Natura Rerum*: "Tem-se muito discutido a idéia de que a natureza e a ciência nos teriam proporcionado meios para criar um ser humano sem a interferência da mulher. Quanto a mim, acho que isto é perfeitamente possível, e não é contrário às leis da natureza. Dou aqui as normas que deverão ser

observadas para que se atinja aquele objetivo. Põe-se num alambique a porção suficiente de sêmen humano, sela-se o alambique e este é conservado durante quarenta dias à temperatura semelhante à que prevalece no interior dum cavalo. Ao fim desse prazo, a semente humana começou a crescer, a viver e a mover-se. Já então deve possuir forma humana, embora pareça transparente e imaterial. Durante mais quarenta semanas, deve ser cuidadosamente alimentada com sangue humano e guardada no mesmo local aquecido. Torna-se então uma criança viva, com todas as características de um recém-nascido de mulher, porém menor. A isto se dá o nome de homúnculo. Deve ser tratado com todo o cuidado, até crescer o necessário e começar a evidenciar sinais de inteligência."

SECRETO NÚMERO 60

(*Pílulas para ter sonhos destinados a interpretação*)

Casca de raiz de cinoglossa: 15 %; semente de meimendro: 15%; extrato de ópio: 15%; mirra: 23%; olíbano: 20%; açafrão: 6%; castóreo: 6%. Fazer, com essa mistura, pequenas pílulas que serão tomadas quando a pessoa for deitar-se para dormir.

SECRETO NÚMERO 61

(*Produto usado para que a pessoa não seja ferida*)

Procura-se um crânio (já com musgo) de enforcado, ou de quem tenha sido morto no suplício da roda. Anota-se o local e deixa-se o crânio onde estiver, sem tocar nele. Volta-se no dia seguinte e põe-se o crânio de jeito que seja fácil retirar o musgo. Volta-se finalmente ao sítio na sexta-feira seguinte, antes de nascer o sol; raspa-se o musgo, e guarda-se num pedaço de pano. Cose-se depois este pano ao forro

do casaco, debaixo da axila esquerda. Enquanto se usar este casaco, está-se livre de qualquer gênero de ferimento. Segundo alguns autores, a pessoa que engolir um pouco do musgo antes duma batalha estará livre de ferimentos. Esta substância (musgo de caveira) figura como remédio de grande eficácia na antiga farmacopéia. O seu nome latino é: *usnea humana*. Ensinava-se na Idade Média que a usnea humana dava bons resultados nas perturbações mentais, uma vez que é produzida pelo cérebro humano. A sua estrutura musgosa concedia-lhe também o poder de estancar hemorragias (e nem era preciso aplicá-la à ferida: bastava que o ferido a segurasse na mão fechada). É sabido que, depois de certo tempo, surge uma penugem musgosa nas caveiras humanas quando não foram enterradas. Um livro antiquíssimo chamado O Misterioso Tesouro dos Heróis ensinava que a caveira tinha de ser de enforcado ou de decapitado. De acordo, aliás, com a medicina mágica, nenhuma outra caveira servirá, porque, nos casos de morte por doença, o corpo do doente há de estar naturalmente contaminado, e portanto é incapaz de fornecer a verdadeira usnea humana. Só um indivíduo que tenha morrido em boa saúde (alguém cuja morte haja sido provocada pelo carrasco) possui as qualidades requeridas. Também se pode utilizar caveira encontrada no campo de batalha.

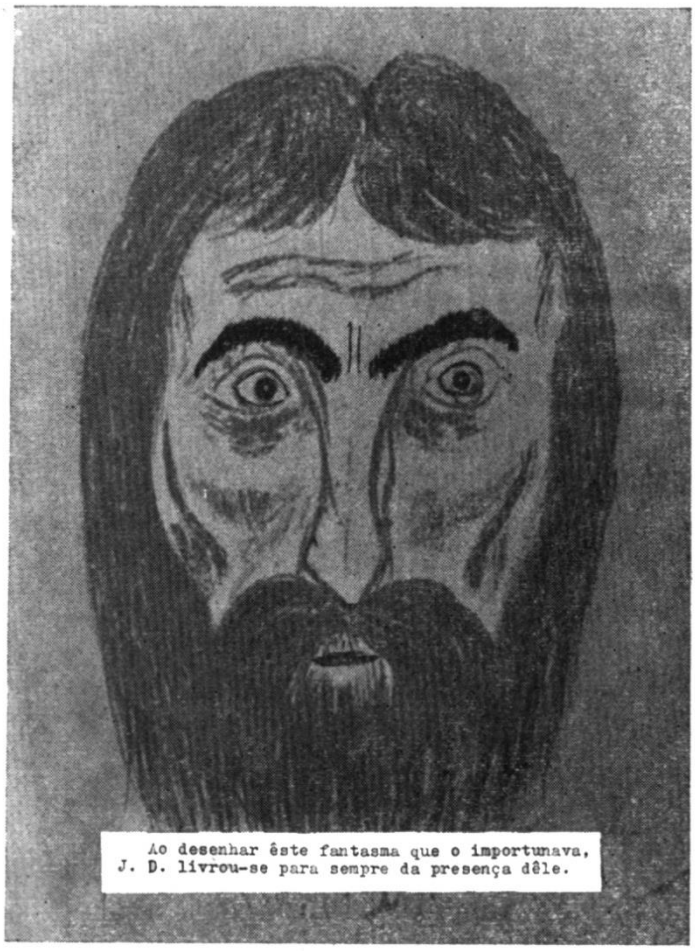
Esta receita é quase impossível de aviar-se hoje em dia, porque já se não costuma deixar os enforcados pendurados na forca. Poucos são os países onde se usa a forca, e, mesmo nesses poucos, a forca é usada raramente.

SECRETO NÚMERO 62

(*Para livrar-se alguém da perseguição dos fantasmas*)

Aquele que souber pintar ou desenhar poderá ver-se livre, muito facilmente, de algum fantasma que o perseguir. E é que, ao desenhar o fantasma, estará fazendo com que ele fique preso na tela ou no papel. E o que se desenhar ou pintar há de ser o mais possível semelhante ao

fantasma que se vê, porque só assim ficará ele preso. E de outra maneira não ficará.



Ao desenhar êste fantasma que o importunava, livrou-se L.M., para sempre, da presença dêle.

M E D I C I N A C A S E I R A

A hortelã de folha graúda cura dores de cabeça: machucam-se umas quatro folhas, colocam-se na testa, e por cima se amarra um pano, a fim de que não saiam do lugar. Essa hortelã também cura a

tosse: põem-se algumas folhas num prato que resista ao calor, deita-se por cima delas uma porção de açúcar, e coloca-se o prato sobre uma panela onde esteja água a ferver. Cobre-se o prato e espera-se que, com o calor da água fervente, o açúcar se torne mel. Deixa-se esfriar, e dá-se às colherinhas ao doente, a intervalos de uma ou duas horas.

Hortelã de folha miúda. Pisa-se esta planta e dela se extrai o sumo. Mistura-se este com uma colher de sopa de mel de abelhas, e obtém-se, dessa forma, ótimo vermífugo, que expulsa até ameba. Toma-se de manhã cedo, em jejum, por vários dias.

Contra dor de cabeça, cozinham-se as folhas da colônia num caldeirão grande, e toma-se banho morno com a infusão assim obtida. Enrola-se a pessoa numa coberta ou cobertor e vai para a cama a fim de suar bastante. Passada meia hora, pode a pessoa levantar-se que estará curada.

O mandacaru, também chamado cardeiro, combate a diabete e as doenças dos rins. Corta-se uma fatia do cardeiro, tira-se a pele que a envolve, e faz-se com o miolo uma infusão. Também se pode simplesmente botar o pedaço do mandacaru numa vasilha com água, sem levar ao fogo, e esperar que ele solte na água os seus efeitos. Bebe-se esta infusão aos bocados, durante o dia.

Sementes de abóbora torradas na gordura, e depois mastigadas e engolidas, eliminam os vermes intestinais.

Grãos de feijão crus, engolidos inteiros, retardam a menstruação por vários dias. Ao contrário disso, a infusão da folha de erva-cidreira força a vinda da menstruação, até mesmo quando há princípio de gravidez.

A infusão feita de broto da goiabeira pára qualquer disenteria. A folha da erva-cidreira tem o mesmo efeito: prepara-se com ela uma infusão, põe-se dentro uma pitada de sal, e bebe-se.

Banhos tomados com a infusão feita de erva-cidreira acalmam os nervos e dão sono.

Raspas de jurubeba servem para acabar com as caspas: lava-se com elas a cabeça, e esfrega-se bastante, para que façam espuma.

As folhas da mamona (chamada também carrapateira) servem para dor de cabeça: colocam-se as folhas na testa e sobre elas se amarra um pano a fim de que não saiam do lugar.

Para dor de dentes: machuca-se um dente de alho e coloca-se no pulso do lado oposto àquele em que dói o dente. Amarra-se uma tira de pano a fim de que o alho não saia do lugar. Com poucos minutos, desaparece a dor.

Para pancadas: Lava-se bem lavado um pedaço de quixaba e põe-se numa vasilha com água. Não é preciso levar ao fogo: depois de algumas horas, bebe-se daquela água sempre que se sentir sede.

Compressas de vinagre combatem os efeitos de pancadas recebidas no corpo. Amorna-se o vinagre e aplica-se com um pano sobre a parte dolorida. Se a parte estiver arroxeada, ficará clara em menos de 24 horas.

Com a plantinha chamada quebra-pedra se faz uma infusão que serve para os males da vesícula, dos rins, do fígado e dos ovários.

A folha da malagueta (pimenta) serve para apressar a resolução de furúnculos: unta-se com azeite a parte doente e põe-se em cima a folha da malagueta.

A infusão feita com a folha da fruta-pão combate inchações. Banha-se com ela, demoradamente, a parte doente, e os efeitos são rápidos.

Ipecacuanha. Esta planta combate as impurezas do sangue (erupções da pele, acnes, etc.), e é usada até contra sífilis. Faz-se com ela uma infusão, que se toma aos pouquinhos durante o dia todo.

A erva-doce é usada como calmante, elimina os gases intestinais, e combate a chamada dor de mulher.

O xarope feito do tomate serve como reconstituinte.

O xarope feito do maracujá combate eficazmente a tosse.

A infusão da macela combate o mau hálito.

O leite do avelós elimina as verrugas. Pinga-se esse leite sobre a verruga por vários dias, e ela murcha e desaparece. Cuidado, porém, com esse leite, que é muito cáustico: não o deixe entrar em contacto com os olhos, nem com nenhuma parte delicada do corpo. Se pingar em qualquer parte da pele, lave imediatamente com água e sabão.

A infusão preparada com a folha do caramboleiro combate os males dos rins. Tem uma vantagem sobre a infusão preparada com as folhas do abacateiro: é que, ao contrário desta, não enfraquece tanto o organismo.

A infusão preparada com a folha da pitangueira é eficaz no combate à erisipela.

Da flor do sabugueiro se faz uma infusão que, bebida, combate o resfriado e a febre.

Com a folha do louro se faz uma infusão que se bebe para combater os males dos intestinos, do fígado, e até do coração.

Da casca da fruta chamada romã se faz uma infusão que, usada em gargarejos, elimina as dores de garganta.

A enxúndia das galinhas é usada como auxiliar no tratamento da gripe e das obstruções nasais: unta-se com ela toda a parte externa do nariz, e a obstrução logo desaparece.

Para as inflamações das amídalas, usa-se, em gargarejos, a infusão preparada com a folha da aroeira. A tanchagem é também usada nas mesmas condições, e para os mesmos efeitos.

R I T U A I S , S O R T I L É G I O S
E F Ó R M U L A S M Á G I C A S

O SORTILÉGIO DO FRASCO

Tomai um frasco pequeno, que possa ser trazido na algibeira, e deitai nele as seguintes coisas, em pequenas quantidades: espírito de sal amoníaco; pedra-de-raio; alecrim; funcho; mármore; semente de feto; semente de malva; semente de mostardeira; sangue do dedo mínimo; sangue do dedo polegar e do dedo do pé esquerdo; uma raiz de cabelo da cabeça; raspas das unhas dos pés e das unhas das mãos; raspa do osso dum defunto (e se for da caveira dele, melhor será). Postas estas coisas todas no frasco, não deverá ele ficar cheio, e sim meio, e por isso mesmo devem elas ser em quantidades mui pequenas. Quanto estiver tudo pronto, dizei assim: "Vidro sagrado, que pelas minhas mãos foste preparado: assim como em ti foi derramado meu sangue, amarrada e presa a raiz do meu cabelo, assim também toda pessoa que por ti for tocada ficará presa a mim, como por encanto." Guardai o vidro bem guardado quando não estiver em uso. Com ele podereis dominar qualquer pessoa, se a ela o derdes para cheirar. Usai-o semente para o bem, mas ficai certo de que ele pode ser usado também para o mal.

PARA SONHAR COM A SOLUÇÃO DALGUM PROBLEMA DA VIDA

É muito simples a maneira de obter a resposta a um problema que nos atormenta (objeto desaparecido, resultado futuro de alguma iniciativa, causa e superação duma dificuldade qualquer, etc.). Faz-se necessário, porém, que a pessoa tenha fé no sistema empregado, pois se não tiver, nada conseguirá. E outra coisa: Não apliqueis este sistema

para jogos de nenhum tipo, nem para loterias. Uma pessoa que tentou aplicar este método para acertar na loteria, não só- mente não conseguiu o número para ganhar o prêmio da extração, mas também teve um pesadelo horrível, no qual lhe apareceu uma negra de cabelos que eram labaredas. Pode até acontecer coisa pior. Não useis isto para loterias!

Faz-se o seguinte para obter a solução do problema que tivermos: reza-se o padre-nosso até aquela parte que diz assim: "... assim na terra como no céu." Aqui se interrompe a recitação do padre-nosso, e pede-se a coisa que se deseja. Por exemplo: "Meu Deus, fazei com que se descubra o objeto que está desaparecido." Ou então: "Meu Deus, fazei com que eu saiba se vai dar certo isto que vou fazer."

Tudo isto é feito à noite, antes de a pessoa ir dormir, e a pessoa deve ter o corpo bem limpo, e não praticar atos sexuais nessa noite, nem na anterior. A última refeição dessa noite deve ser normal (e não reduzida), para que a pessoa não perca o sono por falta de alimento no estômago.

Depois de feito o que acima se diz, vai a pessoa dormir, e é certo sonhar com a resposta àquilo que perguntou. Na noite seguinte, completa-se o padre-nosso que foi interrompido na véspera, e agradece-se a Deus assim: "Meu bom Deus: eu vos agradeço a graça que me concedestes, e vos peço que me ampareis e não deixeis que eu trilhe o caminho errado. Amém."

PARA QUEM DESEJA VER OS TRABALHOS QUE O FUTURO LHE RESERVA

Na noite de São João (ou pode ser na de Santo Antônio ou na de São Pedro), quebrai um ovo de galinha preta dentro de um copo com água, e deixai tudo ao relento. Na manhã seguinte, vereis naquele

copo, e no que nele se contém a vossa sorte e os trabalhos que tereis de sofrer.

MÁGICAS PARA MOÇAS CASADOIRAS

A meia-noite da passagem da véspera para o dia de São João, tomai uma faca bem limpa e enterrai no tronco de uma bananeira. Na manhã seguinte, arrancai a faca, de uma só vez, do tronco, e na lâmina vereis escrito o nome daquele com quem ireis casar.

MÁGICA PARA SABER O NOME DO FUTURO MARIDO

No dia de São João, a moça casadoira dá esmola ao primeiro pobre que encontrar, ou que lhe bater à porta. Perguntará então o nome dele, e o nome que ele disser é o nome do futuro marido dela.

MÁGICA DO POÇO

A meia-noite da passagem da véspera para o dia de São João, vai um grupo de pessoas a um poço, e olham todas para dentro dele. A cabeça que não for vista na água do poço é a daquela que vai morrer dentro de um ano, a contar daquela data. O mesmo se pode fazer com um espelho, em vez do poço. Mas é claro que só deverão ir as pessoas que estiverem interessadas em saber se vão morrer dentro de um ano. As que tiverem medo dessas coisas não deverão ir, nem deverão ser forçadas a isso.

SORTILÉGIO FEITO COM CINCO PREGOS

Trazei do cemitério cinco pregos arrancados dum esquife que já

tenha sido tirado da sepultura, e com um deles riscai sobre uma tábua uma estréia de Davi. Na tábua já deve existir um sinal da pessoa que pretendeis enfeitiçar; este sinal ficará entrelaçado com a estrela de Davi. Pregai, depois, um prego em cada uma das pontas da estrela, exceto na sexta ponta (a que aponta para baixo). Deveis ter o pensamento sempre fixo na pessoa que desejais enfeitiçar. São as seguintes as palavras que deveis dizer quando pregardes cada prego: quando estiverdes a pregar o primeiro prego: "Fulano (isto é: o nome da pessoa que estais a enfeitiçar): em nome de Satanás, Barrabás e Caifás, ordeno-te que fiques preso (ou presa) a mim, assim como Lúcifer está preso nas profundezas do inferno." Quando estiverdes a pregar o segundo prego: "Fulano (ou fulana): eu te prendo e amarro dentro desta estrela de Davi, assim como a cruz de Jesus Cristo foi enterrada e o sangue de Jesus nela foi derramado; assim eu, fulano (ou fulana), te cito e notifico para que tu me não faltes a isto, pelo sangue derramado de Jesus Cristo." Quando estiverdes a pregar o terceiro prego: "Fulano (ou fulana), eu te ligo a mim eternamente, assim como Satanás está ligado ao inferno." Quando estiverdes a pregar o quarto prego: "Fulano (ou fulana), eu te prendo e amarro dentro desta estrela de Davi, para que não tenhas descanso nem sossego senão quando estiveres na minha companhia. Seja isto pelo poder de Satanás e de Maria Pandilha e de toda a sua família." Quando estiverdes a pregar o quinto prego: "Fulano (ou fulana), só quando Deus deixar de ser Deus, e quando o defunto a quem serviram estes pregos falar é que tu me hás de deixar." Ao dizerdes a última palavra, deveis dar uma grande pancada no prego. Fica pronta, assim, a tábua poderosa, que deverá ser guardada em lugar seguro. Se quiserdes desfazer o sortilégio, tereis de queimá-la.

PARA LIGAR NAMORADOS

Comprai um metro e dez centímetros de fita. Ao sairdes da loja, olhai para o céu e dizei três vezes seguidas: "Três estrelas no céu vejo, e com a de Jesus quatro; e esta fita à minha perna ato, para que fulano

não possa comer, nem beber, nem descansar, enquanto comigo não casar.” Ao chegardes a casa, atai a fita na perna, e conservai-a lá o quanto puderdes.

PARA ACENDER UMA LÂMPADA ESPANTOSA

Tomam-se todos os insetos que se puder tomar (os mais peçonhentos têm mais força mágica), e atiram-se dentro duma caçarola, onde já está a ferver um litro de azeite virgem. Deixa-se ferver tudo muito bem até que o volume fique reduzido à metade. Deixa-se esfriar e guarda-se. Põe-se esse óleo numa lâmpada ou candeia, e acende-se uma luz que irá causar espanto às pessoas que estiverem na câmara ou quarto. E é que por ali surgirão grandes fantasmas, haverá estremecimentos da terra, e os bichos que foram guisados aparecerão também com grandes chios, e tentarão aferroar as pessoas que ali estiverem. Ninguém deve ter medo, porém, porque aquilo tudo é o efeito da maneira como foi preparado o azeite.

ARTIFÍCIO PARA OBTER FELICIDADE

É dos livros antigos este artifício trabalhado para aqueles que se sentem infelizes. Usai um par de meias novas durante três dias seguidos. No quarto dia, exponde ao sol do meio-dia a meia que esteve no pé direito, e depois atirai-a longe, porém de modo que não caia na água nem fique enterrada; à meia-noite, exponde ao luar a meia que esteve no pé esquerdo, e em seguida atirai-a para longe, também de modo que não fique ela soterrada nem caia na água.

PARA QUE HAJA TRANQÜILIDADE EM VOSSA VIDA

Mandai pintar, ou mesmo desenhar, um beija-flor e levai o trabalho do pintor ou desenhista para ser posto na moldura. Pendurai esse quadro à parede duma câmara que seja pouco freqüentada. Todas as noites, às dez horas, contemplai por alguns minutos o quadro. Tende o cuidado, porém, de começar essa prática numa noite em que o céu esteja estrelado, e sem nuvens.

Outra prática recomendada pelos antigos é a de contemplardes o mostrador dum relógio durante cinco minutos diàriamente, mas sempre à mesma hora. Acompanhai o ponteiro dos minutos enquanto ele vai de um algarismo a outro. Durante essa contemplação, deveis ter sempre bons pensamentos.

PARA CONHECER O PENSAMENTO DE OUTRA PESSOA

Quando uma pessoa estiver a dormir sono profundo, ponde a vossa mão direita sobre o coração dela e perguntai- lhe tudo quanto desejais saber. A pessoa responderá com toda a sinceridade. Prestai atenção, porém, ao que observardes, porque se a pessoa demonstrar aflição é porque não quer ou não pode responder. Nesse caso, é bom suspender a operação, acordar a pessoa, e dar-lhe a beber água fresca. E se assim não fizerdes, podereis dar morte àquela pessoa, e a alma poderá ser levada pelo demônio. Tende cuidado, portanto.

PARA GANHAR NO JOGO

Mandai fazer uma figa de azeviche, mas recomendai que o joalheiro a faça com faca nova de aço fino. Levai ao mar essa figura, presa a uma fita de Santa Luzia, e passai-a três vezes, sete vezes, ou vinte e uma vezes, pelas espumas das ondas. Ao mesmo tempo que

isso fizerdes, rezai o credo em voz muita baixa. Em seguida, acendei uma vela de quarta em louvor de Santa Luzia. Daí por diante, devereis trazer sempre a figa pendurada ao pescoço quando estiverdes jogando.

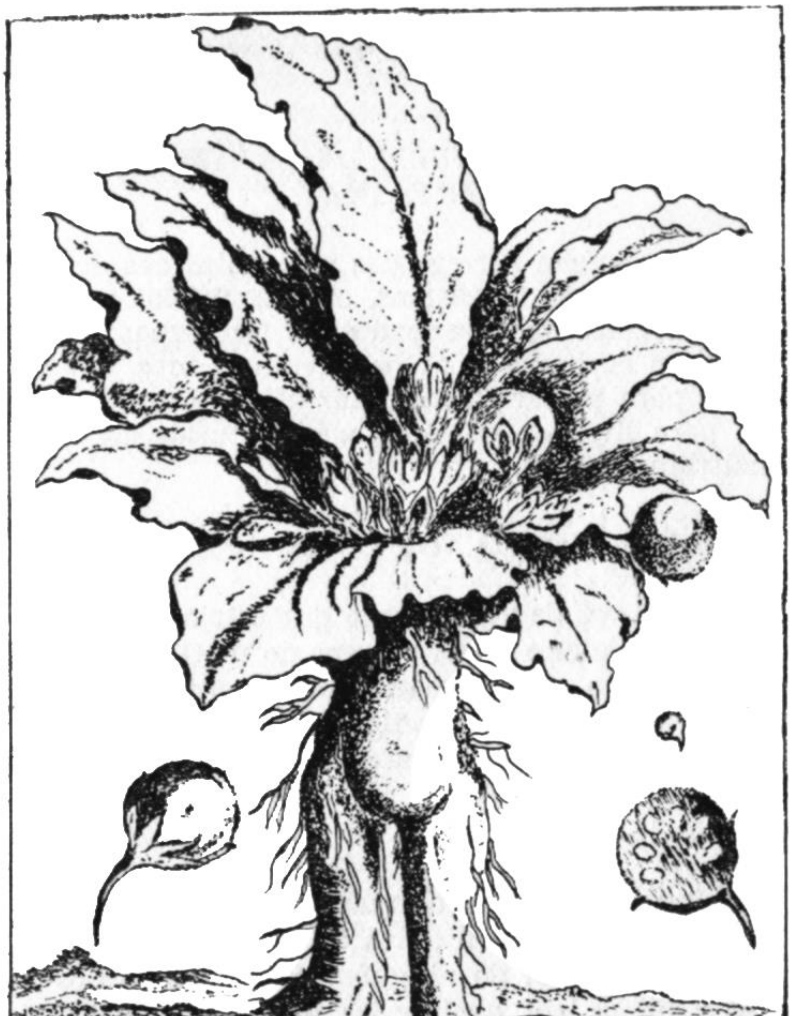
RECEITA PARA ACERTAR NA LOTERIA

Quebrai dois ovos às onze e meia da noite, e jogai fora as gemas. À meia-noite, deitai as claras num prato raso que nunca tenha sido usado, e levai tudo para o jardim. Ponde o prato bem junto do tronco duma roseira e dizei em voz clara, porém não muito alta: "Ordeno-te, Satanás, que nesta clara de ovo me mostres o número em que deverei jogar para acertar na loteria." Retirai-vos então, e voltai às quatro horas da madrugada: nas claras deverá estar o número em que devereis jogar.

O PODER MILAGROSO DO AZEVINHO

Cortai o azevinho com faca de aço à meia-noite, e benzei-o, já cortado, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Levai-o então a passar pelas sete ondas do oceano. Enquanto o estiverdes passando, rezai o credo sete vezes, e ao mesmo tempo fazei o sinal da cruz com a mão direita sobre as ondas e sobre o azevinho.

Quem tiver junto de si o azevinho será vitorioso em todos os negócios que fizer, e encontrará felicidade. Se tocardes uma pessoa com o azevinho tratado como acima fica dito, e se tiverdes a verdadeira fé, aquela pessoa vos seguirá por toda a parte. Nos livros antigos está dito que o azevinho tem uma força maravilhosa. Conta-se que antigamente os donos de lojas costumavam pendurar um ramo daquela planta na sala dos seus estabelecimentos; e, quando chegavam pela manhã, diziam: "Benza-te Deus, azevinho, planta divina." E todos os que fizeram isto prosperaram e ficaram ricos.



PARA LIVRAR-SE ALGUÉM DA PERSEGUIÇÃO DOS FANTASMAS

Os que se crêem perseguidos por fantasmas devem pintar numa tela esses fantasmas, ou desenhá-los num papel. Uma vez pintados ou desenhados, os fantasmas ficam presos, e deixam de importunar os seres humanos. Quem tiver habilidade para pintar ou desenhar deve aproveitar essa habilidade para livrar-se de entes sobrenaturais que o estiverem maltratando.

PARA QUE O MORTO NOS LIVRE DE UMA DOENÇA

Aproximai-vos de um defunto que esteja para ser enterrado, e dizei: “Fulano (dizei o nome do morto), já que estás indo embora, leva contigo esta minha doença (dizei o nome da doença), para que eu dela fique livre, e nunca mais volte a sofrer dela nem de coisa parecida.”

PARA QUE OS MAUS ESPÍRITOS NÃO NOS INCOMODEM

Se sois perseguido pelos maus espíritos, deveis limpar a cabeça de todo mau pensamento. Não penseis mal de ninguém; não faleis mal de ninguém, nem mesmo dos vossos inimigos. Quando vos lembrardes de um morto, rezai três ave-marias. Não mostreis inquietação, porque bem pode ser que os espíritos não sejam realmente maus, ou então que desejem pedir vossa ajuda. Perguntai o que desejam, e se não disserem, mandai-os com bons modos que se vão para o lugar donde vieram. Eles irão, porque nada podem fazer com os vivos, exceto se estes se deixarem dominar por eles. Rezai um padre-nosso e uma ave-maria e atirai um pouco de incenso ao braseiro.

Outro processo consiste no seguinte: nos dias ímpares, rezai três ave-marias, e enquanto estiverdes rezando lançai um pouco de incenso ao braseiro; nos dias pares, rezai três padre-nossos, e enquanto estiverdes rezando lançai um pouco de mirra no braseiro. Continuai com este proceder até que conteis nove dias de ave-marias e nove de padre-nossos. Ao mesmo tempo que afastais os maus espíritos, deveis atrair os bons. Lançai incenso e mirra ao braseiro e rezai três salve-rainhas.

PALAVRA CABALÍSTICA

Abracadabra é palavra cabalística. e a ela os antigos atribuíam grande virtude para curar muitas doenças. Os que desejassem proteger-se das doenças deviam trazê-la consigo escrita triangularmente num pergaminho, nesta disposição:

A B R A C A D A B R A
B R A C A D A B R
R A C A D A B
A C A D A
C A D
A

PARA TORNAR AMIGOS OS ESPÍRITOS QUE SE MOSTRAM INIMIGOS

Fazei uma caminhada de setecentos metros numa estrada (e quanto mais reta, melhor), e mantende o vosso pensamento sempre voltado para os espíritos inimigos. Estacai de repente, fazei meia volta, ficai ali parado por três minutos, e pensai que ali deixareis a inimizade dos espíritos hostis. Regressai pelo mesmo caminho da ida, e durante o percurso todo pensai sempre que os espíritos já não vos acompanham como inimigos, e sim como amigos.

PARA QUE O ESPÍRITO CONCEDA O PERDÃO

Se tendes consciência de um mal que praticastes a alguém que agora está desencarnado, podeis rogar-lhe o perdão, e para isso procedei da seguinte maneira: atirai ao braseiro um pouco de incenso e um pouco de mirra, e ao mesmo tempo mantende o pensamento voltado para a pessoa de quem desejais obter o perdão. Quando o fumo do incenso e da mirra começar a encher o aposento, rogai à pessoa que vos perdoe a falta. Falai com voz clara, porém não muito alta, como se a pessoa estivesse ali ao vosso lado, ainda viva. Rogai o perdão sete vezes seguidas, e ao final deitai ao braseiro mais um pouco de incenso e de mirra.

PARA O HOMEM LIVRAR-SE DUM ESPÍRITO DE MULHER

Ensina a doutrina espiritista que muitas vezes o desencarnado ignora que já saiu da terra, e por isso continua, por algum tempo, a querer proceder como se ainda em carne estivesse. Porque não sabe que desencarnou, teima em acompanhar parentes e amigos. na persuasão de que pode ajudá-los. Não são maus espíritos, e sim

mantêm-se iludidos quanto à própria situação.

Pode também acontecer que o desencarnado se aferre a uma pessoa, por causa de sentimentos afetivos, e embora saiba que somente pode trazer prejuízos àquela pessoa, não se quer dela afastar. Pode o homem, às vezes, notar a presença do espírito de certa mulher que o amou quando encarnada, e que, justamente por não saber que mudou de condição, insiste em acompanhá-lo. Para afastar esse espírito, deve o homem proceder assim: usar a medalha de Santa Joana d'Arc (a medalha deve estar presa a uma correntinha pendurada ao pescoço); rezar diàriamente três ave-marias e três salve-rainhas, oferecê-las a Santa Joana d'Arc, e pedir à santa que afaste o espírito; deitar ao braseiro um pouco de mirra, e ficar perto dele até que não haja mais nenhum fumo no aposento.

Se, ao contrário, for mulher que se veja perseguida pelo espírito dum homem, a cerimônia deve ser ligeiramente modificada: deve a mulher usar medalha de São João Batista presa a uma corrente pendurada ao pescoço; rezar todos os dias três padre-nossos dedicados a São João Batista, a quem deverá pedir que afaste o espírito do homem; deitar ao braseiro um pouco de incenso e ficar perto dele até que acabe de sair todo o fumo.

PEDIDO AS ALMAS DO PURGATÓRIO

A meia-noite em ponto duma terça-feira, parai diante duma igreja, dai três pancadas com os nós dos dedos à porta principal, e dizei em voz clara, porém não muito alta: “Almas do Purgatório! Em nome de Deus e da Santíssima Trindade, vinde comigo!” Dai três voltas em torno da igreja, mas tomai cuidado em não olhardes para trás. Dadas as três voltas, rezai um padre-nosso e uma ave-maria diante da porta principal, e retirai-vos.

Fazei isto nove terças-feiras seguidas, e na última as almas perguntarão: “Que desejais que vos façamos?” Pedireis então aquilo que desejardes, mas que não seja para malefício de ninguém. Não

deveis mostrar medo em nenhum momento da cerimônia, e também não deveis olhar para trás, como fica recomendado acima.

PARA EVITAR A PERFÍDIA DAS MULHERES

Numa folha de papel cor-de-rosa, copiai a ave-maria, e trazei-a sempre convosco, pendurada ao pescoço, dentro duma medalha oca de abrir e fechar. Se o que desejais, porém, é não serdes traído por determinada mulher (esposa ou amante permanente), e não por qualquer uma, copiai o padre-nosso em papel de cor azul, numa segunda-feira, ao meio-dia. No dia seguinte, copiai a mesma oração num papel cor-de-rosa. Dobrai os dois papéis e metei-os juntos num escapulário feito com pano cor de ouro. Este escapulário deveis trazê-lo sempre convosco, pendurado ao pescoço.

PARA EVITAR A PERFÍDIA DOS HOMENS

Num domingo às quatro horas da manhã, copiai um padre-nosso numa folha de papel de cor azul. Fechai aquela oração numa medalha oca de abrir e fechar, e trazei-a sempre convosco, pendurada ao pescoço.

Se o que desejais é evitar a traição de determinado homem (marido ou amante), e não de qualquer um, copiai a ave-maria num papel cor-de-rosa (isto numa quinta-feira ao meio-dia); na sexta-feira imediata, ao meio dia, copiai a mesma oração num papel de cor azul. Dobrai as duas folhas e metei-as juntas num escapulário feito de pano cor de prata. Esse escapulário deveis trazê-lo pendurado ao pescoço.

CONTRA A PERFÍDIA DE AMIGOS E SÓCIOS

Para evitardes a traição daqueles que se dizem vossos amigos,

rezareis um padre-nosso todas as segundas, quartas e sextas-feiras, às seis horas da manhã; e às terças, quintas e sábados rezareis, às seis horas da tarde, uma ave-maria. Se o que desejais é livrar-vos da traição dos sócios, rezai três padre-nossos e três ave-marias todos os domingos \às seis horas da manhã, ao meio-dia e às seis horas da tarde.

PARA QUE NÃO TENHAIS INIMIGOS

Todas as semanas, levai um ovo cozido para a margem esquerda dum rio, ribeiro, ou riacho; ficai olhando na direção para a qual fluem as águas. Dai três cuspidelas na água e jogai nela o ovo. Imaginai que o ovo representa os inimigos que possais ter. Tudo isto deve ser feito à noite, numa hora e num dia da semana que escolhereis e que deverão ser sempre os mesmos durante seis semanas seguidas.

Se o que desejais é transformar em amigos os vossos inimigos, deveis ficar à margem direita do rio, ribeiro ou riacho, e deveis olhar para o lado contrário ao da direção das águas. Amarrai um ovo cru a um pedaço de cordel comprido, porém de modo que não se solte, e mergulhai-o na água três vezes. Voltai para casa logo em seguida, cozinhai o ovo e enterrai-o, à meia-noite, no quintal, jardim ou horta. Imaginai que estais enterrando todas as vossas inimizades. No dia seguinte, plantai uma semente de hortaliça no lugar onde foi enterrado o ovo.

Para que as amizades sejam firmes, fabricai um boneco de madeira, o qual deve ter forma de ser humano, porém não deve apresentar nada que indique sexo. Envernizai o boneco e ponde nele um peso ou chumbo, de modo que possa manter-se em pé. Todas as noites, deixai-o ficar por treze minutos no parapeito da janela, e se houver lua deixai que ele receba o luar durante aquele tempo todo.

PARA QUE O VOSSO AMANTE VOS SEJA FIEL

Tereis o vosso vão contentamento com ele numa sexta-feira da lua cheia, e vos limpareis com uma toalha pequena que jamais tenha sido usada. Colocareis a toalha, depois que com ela vos asseardes, junto com a peça de roupa mais íntima dele, a qual ele já tenha usado, porém não tenha sido lavada. Dobradas juntas essas duas peças, metê-las-eis num saquitel feito de seda cor-de-rosa, cosido com linha da mesma cor. Este saquitel vós o metereis no colchão, do lado em que costuma dormir o vosso amante, porém fareis isso de modo que ele não o saiba, nem ninguém.

PARA QUE O VOSSO MARIDO VOS SEJA FIEL

Fazei um bolo, não muito grande, e entre os ingredientes dele deverá estar um pouco de baunilha. Na parte externa do bóio, como enfeite, escrevei o primeiro nome do vosso marido. Dai-lhe a comer a maior parte do bolo, entre as 9 e 10 horas da noite. Tudo isto deve ser feito numa sexta-feira, com a lua no crescente, e deve ser repetido nas seis sextas-feiras seguintes, com a lua sempre na primeira quadratura. Caso não possais fazer o bolo numa das sete sextas-feiras, ou se algo impedir que o vosso marido o coma naquele horário, tereis de começar tudo novamente, para que a cerimônia seja realizada sete vezes seguidas, sem interrupção.

O SORTILÉGIO DA PALMILHA

Comprai um par de palmilhas que sirvam para os sapatos do vosso parceiro. Isto ao meio-dia duma sexta-feira, em tempo de lua nova. A meia-noite do mesmo dia, envolvei-as num pedaço de seda verde, e metei o embrulho assim feito dentro do colchão, do lado em que dorme o vosso companheiro. Na sexta-feira imediata, retirai do colchão esse amuleto, e escondei-o até que possais dar as palmilhas

ao homem. Deveis botá-las com as vossas mãos nos sapatos dele.

PARA QUE A VOSSA MULHER OU AMANTE VOS SEJA FIEL

Comprai uma estrela-do-mar e envolvei-a na peça mais íntima do vestuário da vossa parceira. Essa peça deve ter sido usada e não lavada, de modo que contenha todo o eflúvio da mulher. Deveis então meter essas duas coisas num saquitel de seda azul cosido com linha de seda também azul. Esta última parte da cerimônia deve ser executada à meia- noite duma sexta-feira, em tempo de lua nova, e em completo segredo, para que ninguém venha a saber. Na sexta-feira seguinte, metei o saquitel no colchão, do lado em que dorme a vossa companheira, mas de modo que ela jamais perceba, pois, se o descobrir, fica sem valor o sortilégio.

PARA QUE O PARCEIRO NÃO ALCANCE COM OUTREM O PRAZER CARNAL

Se quiserdes que o vosso marido jamais alcance o prazer carnal com outra mulher, deveis comprar uma estrela-do-mar, e com ela na mão direita, numa sexta-feira da lua nova, deveis fitar uma estrela do céu por treze minutos. Deveis fazer isso nove noites seguidas, e a estrela deverá ser sempre a mesma. Passadas as nove noites, deveis meter a estrela-do-mar no colchão, do lado em que dorme o vosso companheiro. Isto que aqui fica dito em relação à mulher serve igualmente para o homem.

FEITIÇO DA COBRA

Capturai uma cobra fêmea, logo depois que a ela tenham nascido as crias. Dai-lhe o nome da mulher que pretendeis dominar, e mantende-a presa durante treze dias. A meia-noite de cada um desses dias, dizei a ela as seguintes palavras, como se estivésseis falando com a mulher: "Completo domínio tenho sobre ti, fulana; e tu me hás de obedecer em tudo quanto te mandar fazer, e isto enquanto viveres tu e viver eu." Logo que disserdes isto a última vez (isto é: na décima terceira noite), levai a cobra para o bosque mais distante que puder ser, e soltai-a lá.

A FORÇA DA MALVA

No adro duma igreja, ou num cemitério, colhei três pés de malva, levai-os para casa e metei-os debaixo do colchão da cama. Ao deitar-vos, dizei: "Fulano (aqui o nome da pessoa a quem desejais prender), assim como estas malvas foram colhidas no cemitério (ou no adro da igreja), e debaixo de mim estão metidas, assim também a mim estarás preso e amarrado pelo poder de Lúcifer e da mágica liberal; e só me hás de deixar quando se ouvir a voz dos corpos do cemitério ou da igreja de onde vieram estas malvas." Deveis repetir essas palavras nove dias seguidos, à mesma hora.

PARA AS MOÇAS QUE DESEJAM CASAR

Segurai um retrato daquele a quem estais amando e desejais para marido, e dizei as seguintes palavras: "Fulano (o nome dele), São Manso te amanse, e o manso Cordeiro também, para que não bebas,

nem comas, nem descanses, enquanto meu legítimo companheiro não fores.” Dizei essa oração seis dias seguidos, e é tradição que, no sexto dia, virá o eleito fazer da mulher a sua esposa.

PARA PROMOVER MATRIMÔNIO

Ao meio-dia duma segunda-feira, em tempo de lua nova, comprai três metros de fita azul celeste. A meia-noite desse mesmo dia, escrevei com tinta firme o vosso nome numa das pontas da fita, e o nome do vosso eleito na outra ponta. Dobrai com cuidado a fita, e à meia-noite da sexta-feira imediata amarrai-a no vosso braço esquerdo. Também pode ser na coxa esquerda. Deveis aí mantê-la todo o tempo que for possível, e só a retirareis no dia do casamento, de modo que o vosso cônjuge não perceba.

AMULETO PARA SE FAZER AMAR

Ao meio-dia duma quinta-feira, quando a lua estiver no quarto crescente, comprai um pedaço de seda azul, e nele envolvei uma estrela-do-mar. Cosei com linha da mesma cor, e tereis um poderoso amuleto. Guardai-o com cuidado para que ninguém saiba que existe, e ele tem força para fazer com que sejais amado.

PARA IMPEDIR O CONTENTAMENTO CARNAL DUMA PESSOA

Numa terça-feira, estando a lua no seu quarto minguante, recolhei a urina da pessoa cujo contentamento carnal desejais embargar; e tende cuidado que o líquido não esteja misturado com nenhum outro. Guardai essa urina, por treze dias seguidos, num frasco, juntamente com azeite virgem de boa qualidade, na proporção de cinqüenta por cento. Nas respectivas noites, deixai ao relento o frasco

destampado, mas se chover nesse período, tereis de recomeçar tudo. Passados os treze dias, lançai a mistura sobre um montículo de estrume.

PARA SABER SE A PESSOA QUE ESTA AUSENTE SE MANTÉM FIEL

Forrai a mesa com uma toalha alva, limpíssima, que nunca tenha sido usada. Ao centro da mesa ponde um retrato da pessoa cuja fidelidade quereis verificar. Por trás do retrato, a uma distância de quinze centímetros, colocai uma vela acesa num castiçal ou num pires. Fitai o retrato o mais que puderdes, pestanejai o menos que puder ser, e não penseis noutra coisa que não seja a pessoa cuja fidelidade quereis apurar. Se vos parecer que o retrato se mantém nítido e claro, tal como é na realidade, então ficai na certeza de que a pessoa vos é fiel; se, porém, se tornar escuro, ou desaparecer, o mais certo é que a pessoa não vos está guardando fidelidade.

PARA TORNAR INFELIZ UMA PESSOA

Capturai uma cobra macha (se for homem a pessoa visada), ou capturai uma cobra fêmea (se mulher for a pessoa que visais). Mantende-a em vosso poder, e à meia-noite duma sexta-feira, com a lua no quarto minguante, dai-lhe o nome da pessoa que tendes em vista. Todas as noites, à meia-noite, dizei-lhe que sairá falho tudo quanto ela fizer. Tende cuidado para que não fuja, e no fim de 39 dias (durante os quais lhe dareis pouco alimento), levai-a para perto dum rio ou ribeiro, e à meia-noite lançai-a à correnteza. Se ela morrer enquanto prisioneira, enterrai-a o mais próximo possível duma árvore. Este é um sortilégio perigoso também para quem o faz. Tomai

cuidado, portanto.

O PODER DO FOGO

É imenso o poder do fogo, e sem ele a nossa vida sobre a terra seria talvez impossível, ou pelo menos muito mais difícil do que é. Fogo é calor, e todo o nosso calor vem do sol, de modo que se o sol desaparecesse, a terra voltaria a ser deserta e vazia, como era no princípio. Os antigos davam muito valor ao fogo, e para eles o universo era dividido em quatro elementos, dos quais um era o fogo. (Os demais eram a terra, o ar e a água.) Os romanos tinham um deus do fogo, chamado Vulcano, e os gregos também tinham o seu, a quem chamavam Hefaístos, ou Hefesto. Fogo é vida, porque sem calor morreremos, porém fogo é também morte, pois os incêndios destroem milhares de vidas todos os anos, assim nas cidades como nas florestas. Devemos respeitar o fogo, e tratá-lo com cuidado, porque se ele pode ser amigo e dócil, pode também ser inimigo e destruidor implacável. Os antigos mandavam pintar uma alegoria que aparecesse aos olhos como verdadeira montanha de fogo, e mantinham esse quadro numa câmara muito pouco freqüentada. Quando tinham de fazer requerimentos ao fogo astral, permaneciam em pé diante do quadro, a contemplá-lo durante alguns minutos, e então pediam aquilo que desejavam. Na Idade Média, as pessoas que desejavam livrar-se dos prejuízos do fogo astral molhavam um lenço vermelho em azeite virgem, e deixavam-no três noites seguidas estendido sobre uma mesa envernizada a vermelho. No fim desse tempo, deitavam o lenço num ribeiro ou rio. E faziam isto numa quinta-feira do mês de julho. Para serem protegidos pelos espíritos do fogo, era usança dos antigos acenderem uma vela num lugar bem protegido, onde não houvesse perigo de incêndio. Contemplavam a chama da vela até que vissem desprenderem-se os espíritos do fogo, e então dirigiam a eles seus requerimentos. E nunca faziam isto para o mal, e sim Unicamente para o bem de alguma pessoa. Também 4 podiam acender uma vela sobre mesa forrada com toalha de cor azul celeste. A vela devia estar num

castiçal, e, na falta deste, devia estar num pires, e nunca diretamente sobre a toalha, porque diziam que sem a proteção do castiçal ou do pires a cerimônia perderia o efeito. Então fitavam a chama da vela enquanto rezavam nove salve-rainhas. Em seguida faziam seus requerimentos. Nunca pediam coisas que representassem malefício para alguém, porque achavam que, se o fizessem, viriam a sofrer de terríveis doenças.

Para evitar a devastação que o fogo selvagem faz, realizavam a seguinte cerimônia numa segunda-feira de junho: forravam a mesa com uma toalha toda alva e bem limpa, que nunca tivesse sido usada; em cima da toalha punham um castiçal com uma vela acesa. Nunca punham a vela diretamente sobre a toalha, e sim com um castiçal, e quando não havia castiçal, usavam pires.

Rezavam três salve-rainhas, ficavam em silêncio por três minutos, em pé, diante da vela acesa, e voltavam a rezar mais três salve-rainhas. Faziam tudo novamente, de modo que, no fim, tivessem rezado nove salve-rainhas.

Muitos pagãos eram ignícolas, ou adoradores do fogo, porque nele viam, sempre, algo de maravilhoso. Ainda hoje se conservam traços das cerimônias antigas, e um desses traços é o fogo sagrado das olimpíadas. Os cristãos dos primeiros séculos tinham certa predileção pelo fogo, e esta predileção se manteve no uso das velas, o qual na Igreja Católica é permanente. Quando se põe uma vela na mão dum moribundo, é para que ele veja claramente o caminho por onde vai passar desta vida para a outra. Pode-se, contudo, usar a vela para que a sua luz nos abra caminhos aqui mesmo na terra. Forra-se a mesa com toalha de pano amarelo vivo. Em cima são dispostos três castiçais, em linha reta, cada um com uma vela de cor azul. Acendem-se as três velas com o mesmo fósforo. Fita-se a chama da primeira vela por cinco minutos; a da segunda por três minutos; a da terceira por um minuto. Fecham-se os olhos por sete minutos, pensa-se em abrir caminho na vida. Repete-se em seguida a cerimônia, a partir da última vela contemplada: fita-se esta última por cinco minutos, a do meio por três minutos, e a primeira por um minuto. Finalmente, fecham-se os

olhos por treze minutos, sempre com o pensamento voltado para a idéia de abrir caminho na vida.

A AGULHA PODEROSA

Enfiai numa agulha uma linha de linho galego. Passai três vezes a agulha por entre a pele dum defunto, e ao mesmo tempo dizei assim: "Fulano (o nome do defunto), no teu corpo esta agulha passarei, para que tenha ela, doravante, o poder de enfeitiçar." Esta cerimônia singela dá força ao possuidor da agulha para que ele possa realizar muitas coisas. E tanto podem elas ser para o bem como para o mal. Descrevemos aqui um exemplo. Pegai um objeto da pessoa que desejais enfeitiçar, e dai nele três pontos em forma de cruz, enquanto dizeis as seguintes palavras: "Fulano (o nome do defunto), quando tu falares é que fulano (o nome da pessoa) me há de deixar." (Isto quando derdes o primeiro ponto.) "Fulano (o nome do defunto), quando Deus deixar de ser Deus é que fulano (o nome da pessoa) me há de deixar." (Isto quando derdes o segundo ponto.) "Fulano (o nome do defunto), enquanto estes pontos aqui estiverem dados e o teu corpo estiver na sepultura, fulano (o nome da pessoa) não terá sossego nem descanso enquanto na minha companhia não estiver."

PARA ESTORVAR OS NEGÓCIOS DE ALGUÉM

Tomai um ovo de galinha preta fecundado por galo também preto. Juntai a esse ovo um objeto pertencente à pessoa cujos negócios devam ser prejudicados, e envolvei tudo num pedaço de pano azul. A começar da meia-noite duma sexta-feira, com a lua no quarto minguante, ide para o meio duma encruzilhada e segurai o embrulho com as duas mãos durante treze minutos. Deveis estar vestido com uma camisa longa feita de tecido azul-preto. Fazei isto treze sextas-

feiras seguidas, e na primeira terça-feira que se seguir e em que a lua estiver em quarto minguante, jogai o embrulho ao mar, o mais distante da praia que puder ser. Isto deve ser feito ao meio-dia.

PARA PREJUDICAR UM REBANHO

Ao meio-dia dum sábado em que a lua esteja em quarto minguante, colhei um pouco de estrume do rebanho pertencente à pessoa visada. A meia-noite desse mesmo dia, ide a um ribeiro ou rio, ponde-vos de costas para a correnteza, e atirai o estrume para trás, de modo que caia na água. Retirai-vos logo em seguida sem olhar para trás e com o passo estugado.

PARA DANIFICAR UMA COLHEITA

A meia-noite duma sexta-feira, com a lua no quarto minguante, colhei um punhado de frutos da terra pertencente à pessoa cuja colheita será prejudicada. Escondei esses frutos por treze dias, e no fim deles, isto é, noutra sexta-feira, ide a um ribeiro ou rio, ponde-vos de costas para correnteza, e atirai-os para trás de modo que caiam na água.

PARA DESTRUIR A PESSOA QUE NOS ESTIVER FAZENDO MAL

Constrói-se um boneco não muito grande nem muito pequeno (pode ser de palmo até dois palmos) com todas as características da pessoa de quem se deseja tirar vingança. O boneco pode ser fabricado de madeira bem macia (como certos pinhos de que se fazem caixotes) ou de cortiça, ou até mesmo de pano com enchimento de algodão.

Durante o tempo em que se estiver construindo este boneco, deve o construtor lembrar-se sempre da pessoa de quem deseja tirar vingança; o boneco deve parecer-se o mais possível com aquela pessoa, e deve estar impregnado dela; quem estiver fazendo o boneco deve dizer em voz alta (se estiver sozinho), ou pensar (no caso de haver alguém perto), as seguintes palavras: "Alma de Calígula; alma de Nero; alma de Atila; onde estiverdes, ajudai-me a vingar-me deste desgraçado que tanto mal me causou e está causando; Lúcifer das profundezas abismais, ficai a meu lado contra essa alma danada que se chama (aqui se diz o nome do malfeitor que se quer destruir); carregai-a para longe, para essas profundezas dos vossos abismos, para lugar donde não possa jamais sair. Extrairei a alma deste infeliz, e essa alma, que sempre foi má e perversa, será por vós atirada nas do inferno para sempre. Ísis, Osíris, Anúbis, deuses dos antigos, ajudai-me. O espaço é eterno, e tudo aquilo que existia continuará a existir. Alma danada, some-te, desaparece, vai para o lugar a que pertences. Já fizeste bastante mal a todos que de ti se aproximaram. Agora basta."

Construído o boneco, crava-se nele um alfinete na altura dos rins, enquanto se diz o seguinte:

"Eu te cravo este alfinete, fulano (aqui se diz o nome da pessoa que se quer atingir), que é como se fosse uma espada nos teus rins, uma pedra na tua vesícula, um espeto em brasa nas tuas entranhas. Estás preso aí, na forma deste boneco por mim feito e acabado, e sofrerás até que a tua alma danada abandone esse corpo maldito que é o teu."

Na semana seguinte se crava outro alfinete (este na altura do fígado), e se repetem as palavras acima; na semana seguinte, outro alfinete (este na altura de um dos pulmões), e assim por diante, até que tenham sido atingidos todos os órgãos vitais da pessoa de quem se quer tirar vingança.

PARA ACERTAR NA LOTERIA

Comprai num dia qualquer uma estrela-do-mar; começai a usá-la, porém, numa segunda-feira da lua crescente. O bilhete da loteria vós o comprareis ao meio-dia duma quinta-feira, estando a estrela-do-mar no vosso bolso direito.

PARA TORNAR-SE INVISÍVEL

Sempre quis o homem tornar-se invisível, mas esta é uma das coisas mais difíceis de fazer. Na índia e no Tibé, mais do que na Europa, houve estudos profundos a respeito da arte de desaparecer, a qual talvez se confunda, hoje, com a viagem astral. Na viagem astral, o viajante não desaparece propriamente, mas faz com que o seu corpo astral viaje para onde quiser, sem que seja visto por ninguém. Ao mesmo tempo em que o corpo físico permanece em repouso no lugar de origem, o corpo astral se dirige aos mais diversos países, sem ser visto pelas pessoas que lá estiverem.

Se não quiserdes recorrer à viagem astral, podeis experimentar o seguinte método.

Obtende uma cobra que tenha morrido num domingo de lua em quarto minguante. Queimai a cabeça da cobra de modo que fique reduzida a carvão, e enquanto isto pronunciai as seguintes palavras: “Magnífico Lúcifer, imperador dos abismos infernais! Desta cobra dou-te a alma, para que dela faças minha escrava submissa toda vez que eu invisível deseje ficar.” Em seguida, reduzi a pó a cabeça carbonizada, e metei esse pó num saquitel feito de seda preta, o qual deveis trazer convosco sempre que desejardes ficar invisível. Na terça-feira seguinte, levai o corpo da cobra para a margem dum ribeiro ou rio, e à meia-noite segurai-o com a mão esquerda e dai com ele treze voltas sobre a vossa cabeça. Em seguida lançai-o à correnteza.

OS DIAS MAIS AZIAGOS DO ANO, QUANDO SE PODEM

FAZER

FEITIÇARIAS QUE NÃO SEJAM PARA O BEM, SENÃO PARA O MAL

Os antigos organizaram a tabela (que adiante vai transcrita) dos dias mais propícios ao fazimento das feitiçarias dedicadas ao mal. Entende-se que também é possível fazê-las para o bem nesses dias, porém não são muito apropriados.

Janeiro: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 23, 24, 26, 30.

Fevereiro: 2, 4, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 28, 29.

Março: 10, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 28, 29.

Abril: 3, 5, 6, 10, 13, 15, 18, 20, 29, 30.

Maio: 2, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 17, 19, 20.

Junho: 1, 4, 6, 10, 16, 20, 21, 24.

Julho: 2, 4, 5, 8, 10, 16, 17, 19, 20, 27.

Agosto: 2, 3, 8, 9, 13, 19, 27, 29.

Setembro: 1, 13, 15, 16, 17, 18, 22, 24.

Outubro: 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 21, 27.

Novembro: 2, 6, 7, 11, 15, 17, 18, 22, 25.

Dezembro: 1, 6, 7, 9, 15, 21, 28, 31.

R E Z A S , C O N J U R O S ,
B E N Z E D U R A S E S U P L I C A S

REZA PARA MAU OLHADO

Com dois te botaram, com três eu te tiro. Com as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a Virgem Maria. Olhos amaldiçoados, olhos excomungados, ide para as ondas do mar sagrado. Se botaram no teu comer, no teu beber e no teu olhar, no teu andar, no teu viver, nos teus cabelos, no teu passear, no teu trabalho, com a força divina, com a força do meu pai celestial. o olhar mau hei de tirar com as sete ciganas das ondas do mar sagrado.

Rezar três padre-nossos, três ave-marias, uma salve-rainha, e oferecer tudo a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Jesus na frente, Pai e Filho. Jesus me acompanhe com a Virgem Maria. Mais do que Deus, ninguém.

OUTRA REZA CONTRA O MAU OLHADO (TRÊS VEZES POR DIA)

Com dois te botaram, com três eu te tiro; com o poder de Deus, do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Benze-se a vítima do olhado com uma plantinha verde enquanto se diz a oração.

AINDA OUTRA REZA PARA TIRAR MAU OLHADO

Ana teve Maria; Maria teve Jesus, filho da Virgem Maria.

Manuel da Vera Cruz. Fulano (aqui se diz o nome da vítima do mau olhado), se tu tinhas mau olhado, por que não me disseste? Do teu corpo eu o tiraria. Olhado, quebranto, olhar excomungado, afastai-vos do corpo de Fulano (aqui se diz o nome da vítima) para as ondas do mar sagrado. Ide para algum lugar onde não se ouça nem cantar o galo.

Rezem-se três padre-nossos, três ave-marias, e um credo.

PARA BENZER ESPINHELA CAÍDA

São Pedro fez sua casa com quatro janelas: duas para o mar, duas para terra. Esta espinhela eu tenho de levantar.

ORAÇÃO DA PEDRA CRISTALINA

Minha pedra cristalina, que no mar foste encontrada, e para a terra trazida para junto do cálice e da hóstia consagrada: treme a terra, porém não treme Nosso Senhor Jesus Cristo no altar; assim tremam os corações dos meus inimigos quando olharem para mim.

Benzo-te em cruz, e não tu a mim, entre o sol, a lua, as estrelas e as três Pessoas da Santíssima Trindade.

Meu Deus, na travessia avistei meus inimigos; meu Deus, que faço com eles?

Com o manto da Virgem Maria sou coberto, e com o sangue de meu Senhor Jesus Cristo sou protegido. Tens vontade de atirar porém não atiras! Se atirares contra mim, cairá água do cano da espingarda; se tiveres vontade de ferir-me, a faca da tua mão cairá; se me amarrares, os nós se desatarão; e se me trancares, as portas se abrirão.

Salvo fui, salvo sou, e salvo serei. Com a chave do Sacrário me fechei.

Rezar um padre-nosso, três ave-marias e três "*gloria-patri*", e

oferecer tudo às Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ORAÇÃO PARA ABRANDAR O CORAÇÃO DOS INIMIGOS

Assim como vejo a luz do dia, vejo meu Senhor Jesus Cristo e a Virgem Maria, tão grandes no céu, como eu sou pequenino aqui neste vale de lágrimas. E assim como andou meu Senhor Jesus Cristo por cima das ondas do mar, também quero e desejo que eu possa o impossível fazer, que é impedir que os meus inimigos venham contra mim. E aqueles que vierem a mim se esqueçam da raiva e do ódio que tiverem, e transforme-se o ódio em indiferença, e a má vontade em boa vontade, pelas Cinco Chagas do meu Senhor Jesus Cristo.

PARA NÃO SENTIR ÓDIO NEM RAIVA

Amo-te com o amor de Cristo interno; ama-me tu com o amor de Cristo interno, pois na realidade somos um só. Não há discórdia nem luta no reino de Deus, e como vivo nele, só há, no meu coração, amor para com todos os filhos de Deus. O amor enche meu coração, minha mente, meus negócios, e cura todos os meus sofrimentos.

BENZEDURA PARA A PELE

Minha pele manifesta a pureza, a harmonia, a bondade, e a delicadeza do meu Cristo interno; meus pensamentos são sempre dirigidos para a beleza e para o brilho do divino modelo que em mim habita. Em todas as minhas relações com os meus irmãos, só exprimo a brandura e o amor do meu Cristo interno, e só vejo em tudo o bem e a bondade do Pai que há em mim. Não há em mim desgostos, nem irritabilidade, nem críticas, mas somente o puro, bondoso e alegre amor do meu Cristo interno.

CONJURO PARA SER BEM SUCEDIDO NA VIDA E GANHAR DINHEIRO

Forças do bem e do mal, vinde em meu socorro. Desejo possuir todas as coisas de que um homem precisa para viver bem. Alma de Creso, rei da Lídia, tu que foste muito rico; tu que possuíste muito ouro, socorre-me. Onde quer que estejas, ouve o meu apelo. Ajuda-me. Diz-me em sonhos como poderei ter dinheiro e ouro para viver melhor. Traze até mim o ribeiro Pactolo, onde eu possa encontrar o metal mais precioso. Lúcifer, anjo das trevas, a quem poderei vender meu corpo (nunca, porém, minh'alma), dize-me onde obterei as riquezas de que preciso. Midas, se tu existes, vem para o meu lado e descobre a mim como posso obter o metal vil que todos adoram.

CONJURO PARA NÃO SER FERIDO NEM ATINGIDO POR NENHUMA ARMA

Eu vos conjuro, armas de todo o feitio e gênero: punhais, setas, lanças, bastões, clavas, armas de fogo e armas brancas; armas que usam pólvora e explosivos e armas que dependem da força do homem; armas pequenas; armas afiadas e armas botas; armas que já existem e armas que estão para ser feitas: que não atinjam nenhuma parte do meu corpo, nem me firam, nem derramem gota do meu sangue, nem quebrem nenhum dos meus ossos, nem toquem nenhum dos meus órgãos, nem tirem minha visão, nem prejudiquem nenhum dos meus sentidos.

Pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, pelos setenta e dois nomes de Deus, pela virtude infinita e poder supremo que Ele tem, conjuro-vos a que não me façais mal; conjuro-vos, pela mesma lança com que o soldado romano feriu o peito de Jesus, do qual manou

sangue e água, a que tombeis diante de mim, esteja eu de frente ou de costas, sem que eu seja tocado nem de leve; conjuro-vos, armas de todos os tamanhos e feitios, que não façais ferida em mim. Que seja tudo pela virtude dos santos nomes de Deus que aqui menciono: † Adonai † Agiel † Agla † Aglaia † Alim † Alma † Azel † Cados † Calip † Carsali † Cattival † Ciel † Dei † Delis † Der † Dilaton † Elói † Emanuel † Eola † Esul † Gamiel e Pamion † Hel † Helo † Hictimi † Hie † Israel † Já † Jacer † Jae † Jafaron † Jaufta † Jelim † Jeni † Josi † Jot † Lenino † Lon † Lucaf † Mamiel † Miel † Oborel † Oncha † Paliei † Pantenon † Patriteron † Pavix † Rambói † Rasael † Sadon † Sed † Utanzaraf † Va † Via † Xadai † Zael † Zulfi.

PARA DESALOJAR UMA PESSOA QUE ESTA INCOMODANDO

Todos já ouviram falar do pássaro feio, tão curioso e tão estranho, que voa de dia e de noite, e enche de medo o coração da gente. Eu, porém, não venho aqui para tremer de medo, e sim dou a minha palavra de honra em que breve espero torcer o pescoço desse danado pássaro feio que se chama (aqui o nome da pessoa que se quer desalojar). Pássaro feio, tu abelhudas, e fuças, e roubas! Este lugar não pode ser para nós ambos: um de nós tem de desaparecer daqui. Teu pai foi enforcado pelo roubo de cavalos! Tua mãe foi queimada na fogueira porque era bruxa; e o teu único amigo é o Diabo de Cartola, aquele filho de uma rameira. Some-te, medonho! Some-te, cão nojento! Ninguém deseja ver-te mais aqui. Vai-te para longe, para o meio daqueles que são iguais a ti. Lúcifer te acompanhe.

PARA QUEM TEM MEDO A NOITE

Com Deus me deito, / Com Deus me levanto, / Na graça de Deus

/ E do Senhor Espírito Santo. / Nossa Senhora das Dores / Me cubra com seu manto: / Coberto sou, / Não terei medo nem pavor.

PARA FAZER A COMIDA COZINHAR MAIS DEPRESSA

Enquanto se mexe a panela, diz-se: “Aço, domei, gomi, pitó, / Faça o feijão sair melhor. / Aço, domei, gomi, fitinha, / Assado era, assado tinha.”

ORAÇÃO CONTRA O FURTO

Copie esta oração e coloque-a (junto com a medalha do Arcanjo Rafael) no lugar onde estiverem os objetos que se deseja evitar sejam furtados. A medalha pode ser de metal e comprada ao joalheiro, ou pode ser feita de cartolina e recortada bem redonda. Neste caso, desenhe as letras hebraicas exatamente de acordo com o modelo abaixo. As letras são (da direita para a esquerda, pois é assim que se lê o hebraico): **res** (r), **pê** (p), **álef** (quase a) e **lâmed** (l). Ficando da seguinte maneira: l a p r

Imparibus meritis pendent tria corpora ramis:

Dymas et Gestas † in medio est Divina Potestas.

Alta peti Dymas infelix infima Gestas:

Nos te res nostras conservet Summa Potestas: Hos versus dicas ne furto tua perdas.

Medalha do Arcanjo Rafael.

ORAÇÃO MEDIEVAL DE ARREPENDIMENTO

Ó Jesus, piedoso senhor, torna-te a mim — teu servidor — e perdoa-me a minha culpa e o meu erro, que fiz contra ti, eu, mesquinho pecador. Torna-te a mim, perdoa os meus pecados, á mui piedoso, e não sejas muito queixoso contra mim, mas com misericórdia, torna-te a mim.

ORAÇÃO MEDIEVAL PARA MELHORAR DE VIDA

Gritar quero com grande ruído — que todo o mundo me responda, e lá dentro do Paraíso cada um santo me ouça, e por mim tanto faça que ao bom Jesus rogue que a sua face me mostre.

Vai gritando, meu coração, com esquentado fervor, e passa todo o céu, e vai-te ante o teu senhor, e apresenta-te ante esse imperador, e ele te fará rico, se bem souberes pedir.

ORAÇÃO MEDIEVAL PARA RECOMENDAÇÃO DA ALMA A DEUS

Quando o meu corpo for morto, todo cristão, com orações, me dê sua ajuda; que do meu senhor Jesus a minha alma seja recebida, o qual todo é meu conforto, e que ele me traga a bom porto, e que o diabo me não confunda, nem me possa subjugar.

ORAÇÃO PARA DEIXAR DE BEBER E DE FUMAR

Meu Santo Agostinho, bispo de Santa Mônica, tu que tiveste mocidade agitada e te converteste ao bom caminho, vem para o meu lado e ensina-me a evitar o mal e a querer o bem. Dá-me forças para abandonar o vício; faze-me detestar as bebidas e o tabaco. Desejo ardentemente deixar para sempre estes hábitos execráveis de beber e de fumar, para tornar-me uma criatura equilibrada e sadia. Santo Agostinho, protege-me. Faze-me desprezar estas imundícies engarrafadas e esses fumos que saem dos cigarros, dos charutos e dos cachimbos, pois isto é obra dos demônios. Santo Agostinho, vale-me, ampara-me, socorre-me.

PARA BENZER OS PÉS

Ó poder do Pai, que residis em mim, aplainai os caminhos e facilitai-me andar por ele com estes pés. Com o divino amor agindo em mim, nada me é difícil. Ó Pai, fazei todas as coisas por meu intermédio, e assim minha vida será fácil, calma, e livre de responsabilidades pesadas.

ORAÇÃO PARA QUEM VAI VIAJAR

Copia-se a mão esta oração, que é mantida num escapulário perto do corpo durante as viagens: “Meu São Cristóvão, mártir da Síria, venho pedir-te, humildemente, que me protejas nesta minha viagem, e nas demais que eu fizer por terra, por mar e pelo ar. Assim como conduziste o Menino Jesus nos teus ombros poderosos, e o puseste são e salvo no outro lado do rio, assim também te peço que me protejas e ampares, e me livres dos males, e me ponhas são e salvo no meu porto

de destino.

Rogo-te, São Cristóvão, cujo nome quer dizer portador de Cristo, que não saias de perto de mim durante esta minha viagem, para que meu corpo não seja tocado nem atingido, nem maculado, e para que eu chegue ao meu destino sem feridas, sem arranhões, sem quebraduras de nenhuma espécie, meu São Cristóvão, em tuas mãos deponho meu corpo, a fim de que o transportes seguramente, com a graça de Deus, como transportaste o Menino Jesus. Amém.

ORAÇÃO A SÃO MIGUEL, PARA QUEM VAI VIAJAR

Copia-se esta oração no dia de São Miguel (29 de setembro), antes do nascer do sol, e é conduzida num escapulário perto (to corpo da pessoa que vai viajar: "São Miguel Arcanjo, comandante da guarda do Paraíso, protege-me de todos os males nesta viagem que farei por estes mares bravios, e em todas as outras que eu fizer por cima das águas. Livra-me das tentações do demônio e dos ataques dos inimigos.

Por teu intermédio, peço que Deus não me abandone um só instante nesta viagem e nas demais que eu vier a fazer. São Miguel Arcanjo, protege-me, e faz com que eu chegue são e salvo ao porto do destino. Com a tua força de guarda do Paraíso, guarda-me dos perigos, livra-me dos males, e põe-me no caminho certo e seguro, para que não haja descaminho nem erros, nem desastres, nem qualquer dificuldade nesta viagem e nas outras que eu fizer por cima das águas."

ORAÇÃO AOS SANTOS CRISPIM E CRISPINIANO, PARA QUEM VAI FAZER VIAGEM A PÉ

São Crispim e São Crispiniano, mártires da Gália, vós que sois os patronos dos sapateiros, olhai para estes meus pés, com os quais

vou fazer uma caminhada. Aplainai os caminhos para que eu por eles passe levemente, sem cansar-me e sem ferir-me.

São Crispim e São Crispiniano, mostrai-me o caminho certo, para que eu não me perca, nem me confunda, nem me atrapalhe, nem me desoriente, mas, ao contrário, saiba sempre qual a estrada certa e direita que me leve ao meu destino.

São Crispim, São Crispiniano, irmãos martirizados, peço-vos que me faciliteis a jornada, e que sempre eu encontre planos os caminhos, direitas as estradas, desimpedidas as pontes, e que os meus pés não se magoem nem se cansem e que eu chegue ao destino sem tardança e também sem sofrimento.

São Crispim! São Crispiniano! A vós me dirijo para que me protejais.

ORAÇÃO A SANTA CATARINA PARA A MULHER CONQUISTAR O CORAÇÃO DO HOMEM QUE ELA DESEJA

Formosíssima Santa Catarina, tu que dominaste com a tua só presença os cinqüenta mil homens da casa do Padre Santuário, dá-me a tua proteção para que eu possa dominar apenas um homem, que é fulano (aqui se diz o nome do homem desejado).

Santa Catarina, formosa e pura, padroeira das mulheres novas e solteiras, abrandai o coração de fulano (aqui se diz o nome do homem desejado), para que ele só pense em mim, só deseje a mim, e não se interesse por outra mulher que não eu.

Se ele estiver comendo, que não coma; se estiver bebendo, que não beba; se estiver dormindo, que não durma, enquanto não vier a mim e não falar comigo.

Fulano (aqui se diz o nome do homem desejado), pelo poder e

encanto de Santa Catarina, tenho-te subjugado aqui sob o meu pé esquerdo; e nunca mais pensarás noutra mulher enquanto debaixo do meu pé esquerdo estiveres.

OUTRA ORAÇÃO A SANTA CATARINA

Catarina de Alexandria, santa padroeira das mulheres novas e solteiras, afastai de mim os meus inimigos, e fazei com que eles se sintam pregados no chão como Cristo foi pregado na cruz pelos seus algozes. E se algum inimigo desejar fazer-me algum mal, plantai-o no chão, e que crie raízes como as árvores, e não possa ir para trás nem para diante.

Não quero desgraça para ninguém, mas vos peço — formosa Santa que passaste pela casa de Abraão e que dominastes com o vosso encanto os quatrocentos homens bravios como leões — que os meus inimigos sejam confundidos e não me façam nenhum mal.

ORAÇÃO DAS TREZE COISAS PARA AMOLECER CORAÇÕES

Uma é a casa santa de Jerusalém, onde Jesus Cristo nasceu.

Duas são as duas tábuas em que Moisés recebeu a lei que nos governa.

Três são os três cravos que cravaram Jesus Cristo na cruz.

Quatro são os quatro evangelhos: São João, São Mateus, São Marcos e São Lucas.

Cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Seis são os seis primeiros selos que o Cordeiro abriu no Apocalipse.

Sete são as sete cartas que São João, no Apocalipse, escreveu às sete igrejas da Ásia.

Oito são as oito primeiras epístolas de São Paulo.

Nove são os nove coros de anjos que para o céu subiram.

Dez são os dez mandamentos da Lei de Deus.

Onze são as onze mil virgens que estão em companhia de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Doze são os doze apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Treze são os treze reis que tudo partem e arrebentam, assim como eu hei de arrebentar ou partir o coração de... (fulano ou fulana).

ORAÇÃO A SANTO ANTÔNIO DE LISBOA, TAMBÉM CHAMADO DE PÁDUA, POR TER VIVIDO NAQUELA CIDADE ITALIANA, ONDE MORREU

Meu querido Santo Antônio, que tantos milagres tens feito, ajuda-me a conseguir casamento. Tenho-te venerado tanto! Desejo, agora, que me ampares e me tragas aquele que será meu esposo perante Deus e perante os homens. Suplico-te, ó Santo milagroso e benfeitor, que não te esqueças de mim, e que me dês aquilo que mais desejo. Rogo-te, amorável Santo, que me concedas esta graça, e que eu seja conduzida para diante do altar pelo braço de um cavalheiro forte, bondoso e inteligente. A ti confio meu desejo, e nas tuas mãos deposito as minhas esperanças.

CONJURO CONTRA TODA ESPÉCIE DE MAL FÍSICO

† Mal, quem quer que sejas, de onde quer que venhas, seja qual for teu começo e tua origem, eu te ordeno e mando, em nome de Jesus Cristo (a quem tudo obedece no céu, na terra, e nos infernos), que deixes em paz fulano (aqui se diz o nome da pessoa que se quer livrar do mal), esta criatura de Deus aqui presente. Ordeno-te em nome † do Pai, † do Filho, e † do Espírito Santo. Assim seja.

Rezai cinco padre-nossos, cinco ave-marias e cinco "*gloria-patri*" em honra das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ORAÇÃO PARA DEFUMAR A CASA

Enquanto se defuma a casa, dir-se-á a seguinte oração:

Defumo esta minha casa, em louvor de Deus e do Santíssimo Sacramento para que saia por esta porta qualquer mal que aqui dentro houver; em nome da Santíssima Trindade, ordeno e mando que todos os males que aqui estiverem se vão para cima de quem os mandou.

E pelo imenso poder e força da Santíssima Trindade, que entre pela porta desta casa toda a felicidade que o ser humano possa ter.

ORAÇÃO DITA AS AVESSAS PARA DESFAZER O MAL QUE NOS TENHA SIDO POSTO POR PESSOAS QUE CONHEÇAMOS

Aossep adadaflam aut a erbos metlov es lam od saçrof sasse euq. Odut medop oãn euq, lam od saçrof sad aihnapmoc an sátse ut euq ossap oa, levíssop e onamuh, mob é euq oliuqan éf ahnim alep, seõçnetni saob sahnim salep, laossep omsitengam uem olep, meb od

saçrof salep odigetorp uotse ue mérop, lam sereuq em euq ies. Oproc uem o arap etsezif euq edadlam a (aqui se diz o nome da pessoa contra a qual se dirige esta oração*) it, erbos aiacer*.

ORAÇÃO CONTRA QUEM NOS QUER MAL

Confunde-te, ó tu que me queres mal; perde-te nas encruzilhadas do mal; sufoca-te na atmosfera dos abismos infernais; e que o mal que me desejas recaia sobre a tua cabeça e o teu corpo.

Deus me protege e me ampara, e por isso não deixará que tu, ó fulano (aqui se diz o nome da pessoa contra quem se dirige a oração), me prejudiques nem possas perturbar a claridade serena dos meus dias felizes. És mesquinho, ó fulano (aqui se repete o nome da pessoa), e estás com o demônio; eu sou magnânimo, e tenho Deus ao meu lado para proteger-me. Não podes mais do que Deus. Os malefícios que me desejares reverterão a ti. Mais do que Deus, ninguém!

PRECE A BEATA CATARINA

Senhora Beata Catarina, vós que foste filha de uma rainha, Rainha de Santidade, a qual foi rainha de Espanha, aqui venho rogar a tua proteção e o teu socorro. E assim como as armas dos teus inimigos nada puderam contra ti, assim as armas dos meus nada poderão contra mim. E o fogo das armas deles será como água para mim, e o aço das suas lâminas se dobrará e amolecerá antes que entre no meu corpo.

Defendei-me dos meus inimigos, e se eu estiver dormindo, acordai-me, pelo amor de Deus.

Com o poder da Senhora Beata Catarina, os meus inimigos terão olhos porém não me enxergarão; e da hóstia consagrada farei meu escudo, o qual me protegerá contra os golpes de quem me quiser mal.

Senhora Beata Catarina, amparai-me.

Meu Jesus, pelo amor de Vossa Mãe Maria Santíssima e da hóstia consagrada e do mistério da Cruz, rezarei cinco padre-nossos e cinco ave-marias.

Senhora Beata Catarina: em memória da sagrada Morte e da Paixão de meu Senhor Jesus Cristo, em louvor das Cinco Chagas que nele abriram, livrai-me dos meus inimigos. Se eu estiver dormindo, acordai-me; se estiver trabalhando, alertai-me; se estiver viajando, avisai-me, para que não ofendam a mim.

ORAÇÃO PARA NÃO TER NERVOSISMO NOS EXAMES E LEMBRAR-SE DA MATÉRIA ESTUDADA

Meu Santo Tomás de Aquino, autor da Suma Teológica e da Suma Contra os Gentios, fazei com que eu me sinta calmo, tranqüilo e sereno diante das bancas examinadoras, e que não me esqueça daquilo que estudei. Preparei-me convenientemente, fiz o que me era possível fazer; agora vos peço que me ajudeis e que não permitais que eu seja dominado pelo nervosismo. Peço-vos que mantenhais no meu cérebro, nos momentos oportunos, tudo aquilo que meus olhos leram nos livros, que meus ouvidos ouviram da boca dos professores; fazei com que eu possa repetir, sem hesitação e sem trabalho, aquilo que estudei, e que possa responder, com precisão e segurança, a todas as perguntas que a banca me fizer.

Santo Tomás de Aquino, protegei-me. Santo Tomás de Aquino, amparai-me nesta dificuldade. Santo Tomás de Aqui- no, vinde em meu socorro.

ORAÇÃO PARA LIVRAR-NOS DO RAIO

Lego que comece a trovejar, passe uma fita branca pelo braço, pescoço ou cintura da imagem de Santa Bárbara. Repita isto de hora em hora, enquanto durar a tempestade. Lave a boca três vezes, com três bochechos de água de cada vez, e reze da seguinte maneira: “A vós rogo, virgem Santa Bárbara, padroeira dos bombeiros e dos artilheiros, que não permitais que me atinjam esses raios do céu. Fazei com que todos eles passem longe desta casa e deste lugar onde estou, e onde estão aqueles que me são caros. Pela vossa pureza e bondade, suplico-vos, ó virgem Santa, que me protejais, até que finde esta procela. Amém.”

ORAÇÃO PARA PEDIR TEMPO ESTIVAL, POR OCASIÃO DE GRANDES CHUVAS E INUNDAÇÕES

Deus Onipotente, salvador nosso, que com o universal dilúvio punistes o gênero humano, e salvastes na arca o vosso servo Noé com toda a sua família, não nos castigueis com outro flagelo semelhante; fechai os abismos das vossas águas; dai ao ar a serenidade que conforta e alegra; lembrai- vos da promessa que fizestes ao vosso servo e à sua descendência, de que não mais destruiríeis a terra com dilúvios; concedei-nos o sossego de que precisamos para que vos louvemos aqui na terra a abundância de frutos com que vossas liberais mãos nos presenteiam; e para que, no fim da nossa vida, salvos da inundação e das culpas que atingem o mundo, cantemos vossos louvores por toda a eternidade.

ORAÇÃO PARA PEDIR CHUVA

Deus em quem vivemos, e pelo qual nos sacrificamos e existimos, concedei-nos a graça da chuva benfazeja, para que, ajudados com os vossos benditos socorros, gozemos com maior confiança os bens eternos. Seja tudo pelo amor de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

REZA CONTRA O MAL DOS SEIOS

† Cristo, viveu, † Cristo foi morto, † Cristo ressuscitou! Assim como estas palavras dizem a verdade, fazei a graça de curar o seio doente do lado esquerdo (ou direito) de (o nome da mulher enferma) com toda a rapidez.

(Reza-se esta oração três vezes seguidas, e dizem-se três padre-nossos em honra da Santíssima Trindade.)

REZA PARA TORCEDURA

Que coso eu, São Frutuoso, com os poderes de Deus e da Virgem Maria? Coso carne pisada, nervo deslocado, músculo torcido, osso quebrado. Senhor São Frutuoso, eu rezo esta torcedura. A São Frutuoso ofereço, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Assim seja.

REZA PARA CURAR DOR DE DENTES

Indo eu por um caminho, / Santa Apolônia vi, / Assentada numa pedra, / Desatinada de dor. / Perguntei-lhe eu assim: / “Que te dói, Santa Apolônia?” / “Dor de dentes, Senhora...” / “Então, Apolônia, / Pelo sol nascente, / Pela lua poente, / Por Nosso Senhor Jesus Cristo / Que te pôs neste sofrimento, / Assim te passe, Apolônia, / Essa péssima dor de dentes.”

O paciente toma três pedrinhas, diz esta oração três vezes, e de cada vez que disser a oração, joga para trás de si uma das pedrinhas.

Santa Apolônia foi virgem e mártir de Alexandria, no Egito (ano 249 da nossa era). É festejada em 9 de fevereiro.

REZA PARA MENSTRUAÇÃO ANORMAL

São Marcos Mateus está cortando mato em campo seco. Sangue, tem-te em ti como Jesus Cristo Se teve em Si. Sangue, tem-te na veia, como Nosso Senhor Jesus Cristo Se teve na ceia; sangue, tem o que é eterno, como Jesus Cristo teve na montanha. Sangue, tem-te que importe, como Nosso Senhor Jesus Cristo teve na hora da Morte.

ORAÇÃO PARA ENTRAR E SAIR

Sem perigo entrei, sem perigo hei de sair. Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo foi salvo na pia do Seu santo batismo, debaixo da arca de Noé, assim eu me fecho com a chave do Senhor São Pedro; eu me tranco, Jesus de Nazaré, e com um credo me encomendo; Jesus, Maria e José, a minha alma vossa é. Amém.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Piedosa mãe Virgem das Mercês, a vós recorro, pelas vossas entranhas dulcíssimas; ouvi a esta aflita que vos chama em desespero,

ó vós que sem dor paristes; pelo nascimento do vosso glorioso servo São Raimundo Nonato, cujo nascimento foi milagroso, rogo me favoreçais neste parto, e vos prometo ser vossa humilde escrava, para melhor vos servir e a vosso filho Jesus Cristo. Amém.

REZA PARA SEZÕES

Tomam-se umas finas de coirana, faz-se com elas um rosário, e reza-se assim: “Ficai-vos aí, Sezões, até quando eu vier buscar-vos.” Reza-se três vezes e pendura-se o rosário de coirana em determinado lugar, e quem estava com as sezões nunca mais deverá passar por ali.

REZA CONTRA DOR DE CABEÇA

Deus vos salve, Senhor São Marcos! Jesus é Filho; Jesus é criador; Jesus é redentor. Assim como Jesus Cristo é Filho, é criador e é redentor, entrai na igreja, deixai esta dor. Rezai esta dor de cabeça. Se for sol, procurai os ares; se for sereno, procurai as baixas; com pano de linho enrolai um jarro de água fria; com os poderes da Virgem Maria libertai esta cabeça da dor que a agonia.

PARA CURAR VENTOSIDADE

Deus é o sol; Deus é a lua; Deus é a claridade; Deus é a suprema verdade. Assim como estas palavras são certas e verdadeiras, sai daqui, em nome de Deus, ventosidade.

PARA NOS LIVRARMOS DAS DOENÇAS CONTAGIOSAS

Bem-aventurados Sebastião e Roque, intercedei por nós a Nosso Senhor Jesus Cristo, para que estejamos livres de toda epidemia, de qualquer doença contagiosa e de toda moléstia do corpo e da alma. Orai por nós, bem-aventurados Sebastião e Roque, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

Oremos: Onipotente e Sempiterno Deus, que pelos merecimentos de Vossos Santos Sebastião e Roque livrastes os homens das doenças contagiosas, atendei às nossas súplicas para que, recorrendo agora a Vós para uma semelhante graça, mereçamos, por intercessão deles, ser livres e salvos de todo o perigo do contágio pestífero. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO DUMA PESSOA QUE, EMBORA NÃO CANONIZADA, TENHA PRATICADO O BEM DURANTE A VIDA INTEIRA

Invocação a todos os seres celestiais para a saúde, felicidade, prosperidade dos meus semelhantes.

Ó espírito de... (aqui se diz o nome que a pessoa teve durante a vida), misterioso ser do espaço, que por tua concepção misteriosa levas para o oceano divino teu tributo de energia, eu te conjuro e te invoco para que me sejas propício em meus honrados desejos: sorte, saúde, planos, projetos, trabalhos e aspirações, e que as más paixões, intenções e superstições de meus inimigos não me persigam. Dá-me orientação para o bem. Que assim seja. Em nome de Deus, Amém.

(Não é preciso que a pessoa diga em voz alta esta oração: basta que a traga sempre junto do corpo, o mais junto possível, dentro dum escapulário, ou num bolso interno da roupa. Se, num caso especial, tiver de ser lida, o portados deverá fazê-lo numa sexta-feira de madrugada, e à luz duma vela. Recomendavam os antigos que esta oração não devia ser molhada, e por isso o portador terá o cuidado de

mantê-la dentro de receptáculo que não deixe passar água de mar, nem de rio, nem de chuva. Contudo, e umidade do suor do portador não prejudica.)

REZA PARA DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA

Deus todo-poderoso, pai da luz, da qual Vos vêm todos os bens e todos os dons perfeitos, imploro a Vossa misericórdia infinita; deixai-me conhecer a Vossa sabedoria eterna, ela que rodeia o Vosso trono, que tudo criou e faz, que tudo conduz e conserva. Dignai-vos enviar-me do céu, Vosso santuário, e do trono da Vossa glória, a fim de que ela seja em mim e em mim se opere; que ela é a mestra de todas as artes celestes e ocultas e possui a ciência e a inteligência de todas as coisas; fazei com que ela me acompanhe em todas as minhas obras; que pelo seu espírito eu alcance a verdadeira inteligência; essa grande obra por fazer aqui embaixo, eu a comece, a prossiga e a conclua com júbilo e glória; que, contente, dela usufrua para sempre.

NOVENA ÀS ESTRELAS

Desde a Antiguidade é conhecida a influência dos astros sobre os seres humanos. Desde a Antiguidade, também é reconhecida a eficácia do recurso às estrelas para que nos ajudem a superar as dificuldades que sempre encontramos na vida. Esta novena às estrelas é coisa antiga de muitos séculos, e sempre deu bons resultados.

Escolhei uma estrela, ou astro, e se for possível saberdes o respectivo nome, tanto melhor; todas as noites, à mesma hora, ponde-vos em pé, começai a fitá-la, e recitai a seguinte oração:

“Minha estrela distante, poderosa e benfazeja: Concede-me que eu obtenha... (aqui, mencionai a coisa que desejais obter), e que me

corra tudo bem para que eu receba o que desejo."

Fazei isto noves noites consecutivas. Se o astro escolhido estiver tapado por nuvem na hora aprazada, deverá ser começada nova contagem da novena. (Ficam, portanto, anuladas as preces já feitas.)

Quando a coisa desejada tiver de ser alcançada, muito dificilmente haverá nuvem a tapar o astro; quando, porém, não se tiver de alcançar a coisa pedida, existirá sempre nuvem a impedir que seja visto o astro.

ORAÇÃO DIÁRIA DESTINADA A PACIFICAR O ESPÍRITO

Esta é uma espécie de oração que se deve dizer todos os dias. Levantai-vos cedo, fazei vossa ginástica, fazei vossas abluções, comei vossa refeição e dizei em voz alta (se estiverdes sozinho), ou silenciosamente (se houver alguém perto) as seguintes palavras:

"Hoje, hoje, hoje começa a minha vida. Estou lavado, repousado, tranqüilo. Dormi bem, refiz minhas energias, deixei para trás os dissabores. Tenho novas forças para lutar contra as dificuldades que me surgirem. Estou cheio de otimismo. Sei que poderei resolver os problemas que este dia me trouxer, como todos os outros dias me trouxeram. A imaginação pode mais que a vontade. Imagino-me a vencer as dificuldades; imagino-me sorridente e feliz apesar dos empecilhos que me aparecerem. Serão derrotados os meus inimigos; os que me quiserem mal verão que o mal cairá por cima deles. Grande é o meu magnetismo pessoal; minhas forças psíquicas são imensas; minha energia não diminui com o trabalho, e quanto mais trabalho mais forças encontro para continuar. Não devo nada a ninguém, e por isso não temo ninguém. Todos são meus semelhantes, e ninguém é melhor do que eu. Cada um tem sua tarefa, e cada um deve executá-la com entusiasmo e competência. Sou aquilo que sou. Naquilo que faço,

dou o máximo de mim mesmo. Espero que os outros procedam assim, também. Cada um deve ser o rei na sua função. Não terei medo hoje, nem ficarei nervoso. Meus nervos me pertencem: eu os domino, e farei com eles o que desejar. Não me exaltarei, não me zangarei, não temerei."

ORAÇÃO FENÍCIA PARA AFASTAR AS FORÇAS DO MAL

Af, af, goriadã, goriadã. Goniél, semperníli pô adnó ex-quezí efrél. Teriã. adnatã, continá. Liédna golía datiefél paliá. Af se íne defô pariél semperníli distará. Sevarta ad gônia gatuâma ête destiliá. Continá ésse goniél. Estê quenía semperníli, goriadã, goriadã.

ORAÇÃO DA VIRGEM DAS VIRGENS

Ó Santa Maria, eterna Virgem das virgens, mãe de misericórdia, mãe de graça, esperança e refúgio de todos os aflitos, por aquela espada de dor que atravessou a vossa alma puríssima quando o vosso unigênito Filho Jesus Cristo Nosso Senhor padeceu o suplício da morte na cruz; e por aquele amor filial que O fez compadecer-se de vossa dor materna, e recomendar-vos ao Seu discípulo São João, herdeiro do perfeito amor que Ele vos tinha; rogo-vos, Senhora, que tenhais compaixão de mim, e que me deis remédio na enfermidade, na pobreza, na consternação e em qualquer outra aflição que eu encontrar neste mundo.

Ó refúgio poderoso dos sofredores, mãe benigna de misericórdia, libertadora dos infelizes descendentes de Eva, escutai os meus rogos e vede as lágrimas de sofrimento e dor que eu derramo. Vejo-me oprimido por causa das minhas culpas; não tenho a quem recorrer senão a vós, minha puríssima Virgem Maria, mãe do meu Senhor Jesus Cristo e solícita advogada do gênero humano; rogo-vos, portanto, pelas vossas misericordiosas entranhas, onde conduziste

vosso Filho Santíssimo; e pela glória que Ele teve no tempo de Sua aliança com a natureza humana, quando tomou a nossa carne mortal para salvação nossa; pela agonia que o vosso Filho teve em Seu coração, quando orou a Seu Eterno Pai no monte das Oliveiras; pela fiel companhia que vós Lhe fizestes em todo o decurso de Sua paixão e morte; pelas traições, pelos opróbrios, pelas injúrias, testemunhos falsos e bárbara sentença contra Ele proferida; pelas duras cordas com que O prenderam, cruéis flagelos com que O açoitaram e rigorosos espinhos com que O coroaram; pelas lágrimas e suor de sangue que Ele derramou; pelo sumo pejo que sentiu, quando Se viu despido no Calvário; pelo incomensurável tormento de Sua sede sem alívio; pela ferida da lança que Lhe penetrou o lado amorosíssimo; pelos grossos cravos que traspassaram as Suas mãos e pés sacrossantos; pela recomendação que Ele fez de Sua Alma Santíssima a Seu Eterno Pai; pela benigna misericórdia que Ele usou com o bom ladrão; pela honra e glória da Sua triunfante Ressurreição; pelas aparições que Ele vos fez e aos discípulos e apóstolos no espaço de quarenta dias; pela gloriosa Ascensão, em que à vossa vista e dos mais fiéis, foi levado ao céu; pela graça do Espírito Santo que Ele derramou no coração dos discípulos; pela amorosa compaixão e fidelíssima sociedade que neste mundo Lhe fizeste; pelo gozo inefável de vossa maravilhosa Assumpção, quando, na presença e companhia de vosso mesmo Filho, e de toda a Corte Celeste, foste elevada ao empíreo e nele cercada de glória e delícias sempiternas; por tudo isto, Senhora, e por tudo o mais que foste e fizeste, vos peço que ouçais os meus rogos e me concedais e faciliteis a súplica que agora vos faço, com toda a humildade e devoção que me é possível. E como eu creio, conheço e confesso que o vosso Filho sacrossanto vos atende e vos honra de tal modo que não vos nega nada de quanto requereis, nem deixa frustradas as vossas súplicas; espero e confio, minha adorada Senhora, que experimentarei fiel, pronta e eficazmente, o desejado socorro de vossa material consolação, segundo a doçura do vosso coração misericordioso, tudo conforme à benigna clemência de vosso Santíssimo Filho. (Aqui se dirá qual a graça que se deseja obter.)

E não só para o feliz despacho daquela especial rogativa para a

qual invoco o vosso nome e a poderosa virtude do vosso augusto patrocínio; mas também para que vos digneis de inspirar-me viva fé, esperança firme, ardente caridade, intenso amor de Deus e do meu próximo, contrição verdadeira digna e suficiente satisfação, diligente cautela para o futuro, total desprezo do mundo, imitação das dores do vosso Amabilíssimo Filho quando eu tiver de padecer a morte; fiel cumprimento dos meus votos, constante perseverança nas boas obras, contínua mortificação do meu amor próprio, verdadeiro arrependimento de todos os meus pecados no fim da minha vida; e para coroação de tudo, a gloriosa bem-aventurança na deliciosa companhia que no empíreo também quisera ter com as almas de meus pais, de meus irmãos e de meus parentes, por todos os séculos. Amém.

PRECE DIRIGIDA AO SALVADOR DO MUNDO

Amabilíssimo Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus que do seio do eterno Pai Onipotente foste mandado ao mundo para absolver os pecados, remir os aflitos, soltar os encarcerados: compadecei-vos dos verdadeiramente arrependidos, consolai os oprimidos e atribulados, dignai-vos de absolver, e livrar a mim, criatura Vossa, da aflição e tribulação em que me vejo. De Deus Padre Todo-Poderoso recebestes a missão de remir o gênero humano com o Vosso precioso sangue. Assim, dignai-vos de ordenar que se estabeleça perfeita concórdia entre mim e os meus inimigos, e que sobre mim resplandeça a Vossa paz, a Vossa graça, e a Vossa misericórdia. Fazei com que se extinga todo o ódio e furor que contra mim tiverem os meus inimigos, assim como Esaú perdeu toda a aversão que tinha contra seu irmão Jacó. Estendei, Senhor Jesus Cristo, sobre mim, criatura Vossa, o Vosso braço e a Vossa graça, e dignai-vos de livrar-me de todos os que me tiverem ódio, como livrastes Abraão das mãos dos caldeus: e seu filho Isaac da consumação do sacrifício; a José da tirania de seus irmãos; a Noé do dilúvio universal; a Lot do incêndio de Sodoma; a Moisés, a Arão, Vossos servos, e ao povo de Israel, da perseguição de Faraó; a Davi da escravidão do gigante Golias; a Judite do soberbo e impuro

Holofernes; a Daniel da cova dos leões; aos três mancebos Sidraque, Misaque e Abdênego, da fornalha; a Jonas, do ventre da baleia; à filha de Cananéia, da perseguição do demônio; a Adão, das penas do inferno; a Pedro, das ondas do mar; e a Paulo, do sofrimento do cárcere.

Amabilíssimo Senhor Jesus Cristo, filho de Deus vivo, atendei-me também a mim, criatura Vossa, e vinde com presteza em meu socorro pela Vossa Encarnação, pelo frio e pelo calor, pelos trabalhos e aflições em que me vejo; pelos acoites que padecestes; pela lança que traspassou o Vosso peito, pela coroa de espinhos e pelos cravos com que fostes torturado; pelo fel que bebestes, e pela cruel morte que por todos nós padecestes.

Rogo-vos, por todas essas coisas, e pela Vossa descida ao limbo, pela Vossa Ressurreição gloriosa, pelas freqüentes consolações que destes aos Vossos discípulos, pela vossa admirável Ascensão e pela vinda do Espírito Santo, pelo tremendo dia do Juízo, como também por todos os benefícios que tenho recebido da Vossa bondade. Vós me criastes do nada. Vós me remistes. Vós me fortalecestes contra as tentações do demônio e me prometestes a vida eterna.

Por tudo isto, meu Redentor e Senhor Jesus Cristo, humildemente vos peço que agora e sempre me defendais do maligno adversário, de todos os perigos, para que depois da presente vida mereça eu gozar na bem-aventurança a Vossa Divina Presença.

Meu Deus e meu Senhor, compadecei-vos de mim, miserável criatura Vossa. Ó Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó, compadecei-Vos de mim, criatura Vossa, e mandai em meu socorro o Vosso Santo Miguel Arcanjo, que ele me guarde, me proteja, me ampare e me defenda dos meus inimigos carnais e espirituais, visíveis e invisíveis.

E vós, Miguel, Santo Arcanjo de Deus. defendei-me na última batalha para que eu não pereça no tremendo juízo. Arcanjo de Cristo, Miguel Santo, rogo-vos, pela graça que merecestes e por Nosso Senhor Jesus Cristo, que me livreis de todo o mal e do último perigo

na hora da morte. São Miguel, São Gabriel e todos os anjos e arcanjos de Deus, socorrei a esta miserável criatura. Rogo-vos humildemente que me presteis o vosso auxílio para que nenhum inimigo me possa causar dano, tanto no caminho como em casa, assim na água como no fogo, esteja eu velando ou dormindo, falando ou calado, e tanto na vida como na morte.

Eis aqui a cruz † do Senhor. Fugi, adversários e inimigos! Quem vence é o1leão da tribo de Judá. Salvai-me, Salvador do mundo, ajudai-me! Ajudai-me, Vós que pelo Vosso sangue e pela Vossa cruz me remistes. Salvai-me e defendei-me hoje e em toda a minha vida.

ORAÇÃO DA CABRA PRETA

Cabra Preta milagrosa, que pelo monte subistes, trazei-me fulano, que de minha mão se sumiu.

Fulano (*aqui o nome da pessoa que se quer trazer de volta*), assim como canta o galo, zurra o burro, toca o sino e berra a cabra, assim tu hás de andar atrás de mim.

Cabra Preta milagrosa, assim como Caifás, Satanás, Ferrabrás e o maioral do inferno fazem com que todos se dominem, fazei Fulano se dominar, para que eu o traga feito cordeiro, preso debaixo do meu pé esquerdo.

Fulano (*aqui o nome da pessoa que se quer trazer de volta*), dinheiro na tua e na minha mão não há de faltar; com sede nem tu nem eu não havemos de acabar; de tiro e faca nem tu nem eu seremos sacrificados; nossos inimigos não nos hão de enxergar; na luta venceremos, com os poderes da Cabra Preta milagrosa.

Fulano, com dois eu te vejo, com três eu te prendo; com Caifás, Satanás e Ferrabrás, venceremos.

(*Rezar esta com uma faca de ponta na mão e diante de uma vela acesa*.)

O ESPÍRITO PRECISA DO CORPO

O homem que deseja aplicar as suas forças anímicas em toda a plenitude não pode nem deve comer carne de nenhuma espécie. Também não pode beber nenhum tipo de bebida que contenha álcool, nem aquelas que, embora sem álcool, sejam preparadas com produtos químicos. Assim, a única bebida que o homem pode ingerir é a água pura das fontes e os sucos das frutas (quando extraídos na ocasião em que forem ser bebidos: os sucos engarrafados, comprados nas mercearias, contêm produtos químicos, e portanto não devem ser bebidos por aqueles que zelam pela própria saúde). Afora isso, qualquer bebida será prejudicial ao homem que deseja tornar-se espiritualmente forte. (A água das torneiras, que é tirada dos rios, recebe grande quantidade de cloro — produto químico — para que fique em condições de ser bebida. Sem o cloro, a água dos rios, carregada de imundícies, não poderia ser bebida sem causar envenenamento. Mesmo, porém, quando fervida e filtrada, a água das torneiras é prejudicial à saúde por causa do cloro que contém.)

A carne dos animais herbívoros é alimento secundário, porque eles comem os vegetais e os transformam em carne e gordura. E vai o homem e come a carne deles — que é o vegetal modificado, ou transformado. Com isso, o homem faz com que o seu organismo deixe de fabricar os tecidos a partir do elemento primário (que é o vegetal), e que os encontre já meio feitos. O organismo do homem deve saber produzir os seus próprios tecidos, o sangue, e todas as matérias de que precisa para viver. Se o homem tentar ajudar o seu próprio corpo, dando-lhe material já meio trabalhado, e organismo por assim dizer se esquece de fabricar o de que precisa.

O animal que mais se parece com o homem é o macaco. Pois bem: o macaco se alimenta de vegetais, e é mais forte do que o homem. O animal mais forte do mundo é o elefante, e no entanto se alimenta de vegetais, e não de carne. Há quem responda que os animais carnívoros também são fortes; mas aqui podemos rebater que, embora fortes, são preguiçosos, e quando não estão caçando, estão sempre repousando. O elefante se movimenta, e chega mesmo, quando domesticado, a trabalhar para o homem. Os leões e tigres não

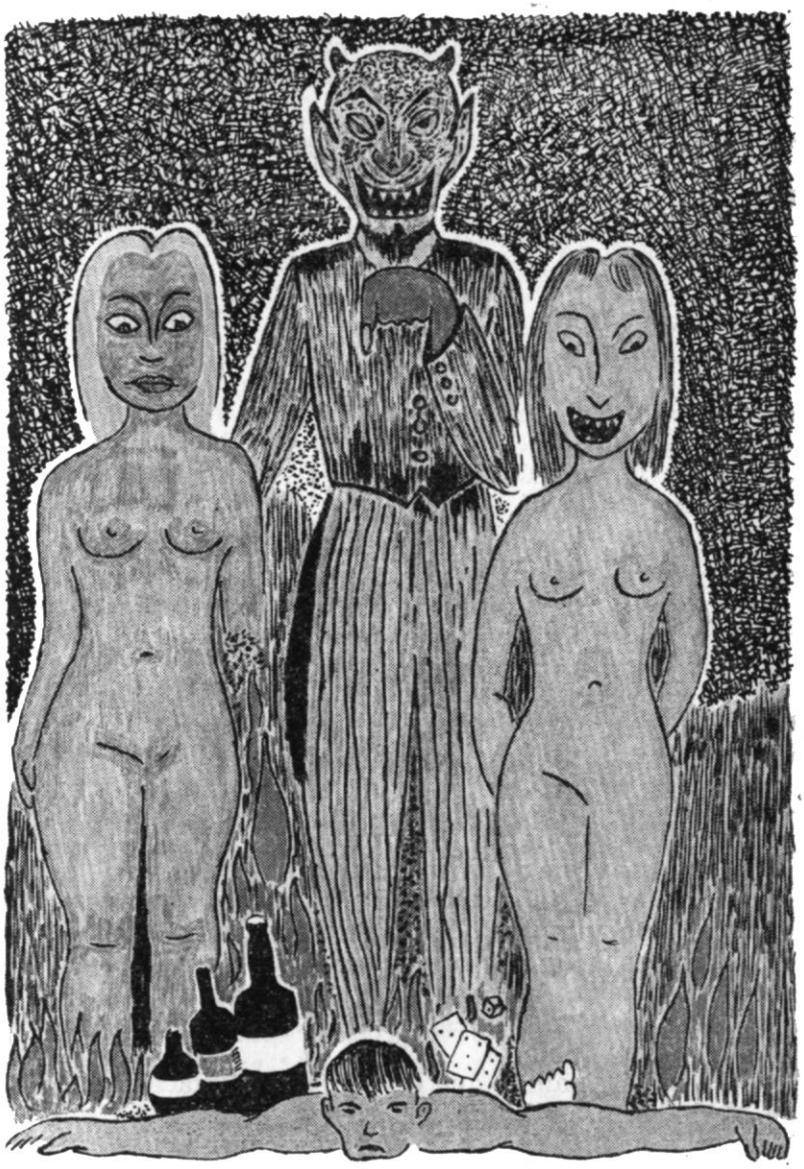
trabalham para o homem.

A dentadura do homem não é de animal carnívoro, e sim de vegetariano. Basta comparar a dentadura do homem com a dos carnívoros para perceber que ele não é da mesma espécie deles.

A carne do peixe também é secundária, porque o peixe de modo geral se alimenta de outros peixes. Alguns se alimentam de imundície, e até de cadáveres humanos, quando os encontram. Há crustáceos que roem os cadáveres dos afogados. Esses crustáceos são muitas vezes pescados pelos homens e comidos gostosamente.

Quem quiser, todavia, seguir os regimes vegetarianos, deve consultar pessoas entendidas no assunto, e não fazer as coisas aloucadamente. Não se pode substituir de repente a carne por um prato de salada. Os vegetais contêm tudo de quanto o nosso corpo necessita para ter uma vida sadia, sem achaques. Mas é preciso que o indivíduo saiba extrair deles os elementos necessários à vida. A qualidade e a quantidade dos vegetais comidos devem ser vigiadas para que a pessoa não fique enfraquecida.

Quem não compreende nada a respeito do vegetarianismo pensa que ser vegetariano é comer saladas. Não é isso. Há centenas, talvez milhares de pratos que são preparados sem carnes, sem peixes, sem leite e sem ovos. Há frutas, castanhas, raízes, verduras, legumes, leguminosas, cereais — e tudo isso possibilita o fazimento de muitas comidas gostosas que alimentam e agradam ao paladar.



Um homem esmagado ao pêso dos vícios.
Alegoria do século XIX.

Com cereais, legumes, verduras, raízes, castanhas e frutas se preparam sucos, sopas, cozidos, aferventados, cozinhados, açordas, etc., que contêm tudo quanto o nosso corpo exige para funcionar direito. Mas é preciso saber dosar e preparar tudo a contento, para que

o organismo não fique desnutrido nem debilitado. As pessoas que desejarem comer somente vegetais devem consultar os entendidos no assunto, ou então comprar livros que tratem disso.

Os cereais que podem ser comidos são apenas os cereais integrais (completos). O arroz branco (polido) e a farinha branca de trigo não servem para o consumo. O arroz deve ser aquele do qual só se extraiu a casca. É um arroz mais escuro do que esse que se vende nos armazéns, mas é muito mais gostoso. Depois que a pessoa se acostuma com o arroz integral (completo, não polido), não quer mais saber do outro. O arroz integral realmente alimenta, ao passo que o arroz branco é composto de amido somente, e portanto não serve para nada. Pode-se fazer uma experiência muito fácil com uma ninhada de pintos. Divide-se a ninhada em duas partes. A uma se dá apenas arroz branco, e à outra se dá arroz integral (completo, não polido, mas sem a casca). Dentro de alguns dias, a parte que se alimentar de arroz branco estará toda enfraquecida, e os pintos que a formam não podem nem sequer levantar-se do chão. E se não se der logo outro alimento a eles, e não se suspender o arroz branco, morrerão todos. Enquanto isso, a parte da ninhada que se alimenta de arroz completo ou integral (de cor escura) estará sadia e alegre, e não terá nenhum problema.

Os cereais são: arroz, aveia, centeio, cevada, milho e trigo. Os diferentes tipos de feijão não são cereais, e sim pertencem à família das leguminosas.

As pessoas que quiserem manter sua força psíquica não devem fumar. O tabaco não traz nenhuma vantagem para o corpo, e no entanto pode trazer muitos malefícios. Os médicos modernos descobriram que o tabaco pode causar câncer nos pulmões. Assim, o homem que gosta de si mesmo, que deseja manter-se íntegro e conservar sua força psíquica, não bebe nem fuma.

Duas coisas ainda que devem ser observadas: a prática da ginástica e a utilização das massagens orientais. Também neste ponto, deve o interessado consultar pessoas entendidas, para não fazer coisas erradas que o prejudiquem. A ioga ensina a respiração correta, faz movimentarem-se as juntas, e estimula a circulação. O homem que

tem a circulação perfeita, as juntas não emperradas, e que respira corretamente, não pode ter doenças. Além disso, com a alimentação vegetariana, não poderá vir a sofrer de nenhum tipo de moléstia. Viverá mais tempo do que os que comem carne, e sempre com boa saúde.

E não se deve ingerir produtos químicos, de nenhuma espécie, nem mesmo como remédio, pois são prejudiciais. Quando alguém se sentir doente, deve procurar curar-se através da homeopatia, ou com plantas e raízes, e até com jejuns. Mas, também neste ponto, ninguém deve fazer nada sem consultar as pessoas entendidas. Há médicos homeopatas em várias regiões, e livros que ensinam como obter a cura de qualquer doença por meio das plantas.

*

* *

O cérebro tem uma força maravilhosa. Tudo podemos conseguir com essa força, mas é preciso aprendermos a usá-la com segurança e nos momentos oportunos. A força dos explosivos pode ser usada para destruir, mas pode ser também usada com objetivos pacíficos; terá, porém, de ser disciplinada e canalizada. O motor do automóvel é posto a funcionar com pequenas explosões dos gases emanados da gasolina. Nesse caso, a gasolina está disciplinada e canalizada para movimentar os pistões. Por isso, o motor do automóvel se chama “de explosão” cada explosão faz com que os pistões se movimentem, e por sua vez movimentem os eixos. Mas a mesma quantidade de gasolina que faz andar o carro durante muitos quilômetros bastaria para destruí-lo, reduzi-lo a pedaços; para tanto, em vez de disciplinar as explosões. faríamos explodir de uma só vez toda a gasolina que estivesse no tanque.

Também o nosso pensamento deve ser disciplinado para que não se espalhe nem se perca o poder que ele tem, sem resultados positivos para nós.

Saber concentrar-se é segredo que poucas pessoas conhecem. Os antigos sabiam concentrar-se, e por isso conseguiam bons resultados.

Ainda hoje, certos orientais conhecem a técnica da concentração, e a utilizam com proveito.

Quando estiverdes fazendo alguma coisa, concentrai o vosso pensamento naquilo que estiverdes fazendo, e o resultado será positivo. Tentai fazer tudo com a máxima perfeição. Quando estiverdes andando pela rua, prestai atenção a tudo quanto vos cerca. Não vos percais em sonhos, em fantasias, quando estiverdes andando pela rua: olhai para tudo com intenção de ver (porque olhar não é ver): vede quem vem, quem vai, quem anda ao vosso lado, à vossa direita, à vossa esquerda, e à vossa retaguarda. Vede onde ficam os sinais de trânsito, e não atravesseis a rua sem olha-los e sem olhar os carros. Não atravesseis a rua somente porque as outras pessoas estão atravessando, mas sim porque verificastes antes a cor dos sinais do tráfego e a posição dos carros em relação a vós.

Ao entrardes numa casa, num restaurante, numa loja, reparai em tudo rapidamente. Há indivíduos que entram numa loja de tecidos e perguntam se há sabonete para vender; outros entram numa livraria, onde só há livros expostos, e perguntam se há papel, lápis, cadernos e tinta para vender. Prova isto que os indivíduos não reparam em nada: são distraídos, vivem com a cabeça nas nuvens. Esta distração lhes é prejudicial, e por causa dela ocorrem todos os dias muitos desastres, que poderiam ser evitados.

Quando andardes pelas calçadas, não penseis que elas são vossas: lembrai-vos de que elas pertencem a todos, e há outros indivíduos que precisam utilizá-las. Assim, não fiqueis andando em ziguezague, nem fiqueis andando no meio da calçada quando ela for estreita. Conservai-vos à direita, e dai passagem a quem vai apressado.

Não andeis por fora da calçada, exceto quando fordes atravessar a rua. Não pareis no meio da calçada para conversar, principalmente se ela for estreita. Não jogueis detritos na rua. Não cuspais na rua. Não jogueis nada de dentro de casa para fora, porque o que atirardes pode atingir quem vier passando.

Procurai não ficardes zangado nunca. Quando uma pessoa se

zanga dá sinal de fraqueza, e envenena o organismo. Aquele que facilmente se encoleriza está sujeito a ser dominado por alguém que tenha o espírito mais forte e que não se deixe impressionar pelos problemas da vida.

A zanga não resolve problemas. Quem está zangado, nervoso, irritado, não tem capacidade para saber o que deve fazer numa situação difícil; quem está calmo pode avaliar o que está acontecendo, e adotar providências que sejam convenientes e apropriadas.

Quem se zanga não se controla, e acaba fazendo coisas que não devia. A zanga não ajuda, e sim atrapalha.

Qualquer indivíduo pode aprender a dominar-se, e não se deixar encolerizar com o que lhe acontece. Perguntai a vós mesmo: Por que estou zangado? Para que fiquei zangado? Ficarão mais simples as coisas, se eu me zangar?

Há ocasiões em que, realmente, o indivíduo se sente irritado, aborrecido, encolerizado com o que vê; mas se ele pensar que não vai conseguir nada pelo fato de zangar-se, acabará convencendo-se de que é melhor manter-se calmo e tentar encontrar solução para aquilo que o irrita. No começo não é fácil; mas aos poucos, se quisermos, poderemos ir dominando os nossos impulsos, e acabaremos ficando calmos em qualquer circunstância. Será melhor para cada um de nós.

Não digais palavrões, porque as palavras desse gênero têm força negativa. Quem usa palavrões atrai sobre si essa força negativa, e portanto se enfraquece para receber o malefício que outras pessoas poderão desejar-lhe. O uso de palavras obscenas, de calão, de gíria cria círculos de magnetismo contraproducente. A pessoa que recorre a essas palavras para expressar-se demonstra falta de educação, falta de vocabulário, falta de equilíbrio. Quem sabe o que quer e está em paz interior não precisa dessas coisas; quem conhece bem a língua que fala não necessita usar palavras condenadas pela sociedade.

A palavra é o pensamento exteriorizado. Já disseram alguns filósofos que a palavra é o pensamento em voz alta. Os homens se comunicam por meio de palavras e sem elas ficam eles por assim dizer

peados (ou por outra: amarrados), e o pensamento não flui normalmente.

Quando um homem se encontra com outro que pertence a outra nação e que fala outra língua que ele não entende, fica sem poder comunicar a esse outro as coisas que estão guardadas na cabeça. Quando se encontram dois homens que falam línguas diferentes uma da outra, ficam os dois mudos, porque nada do que um diz o outro entende. Então se calam, porque logo notam que são estranhos entre si. Não adianta nada a nenhum deles emitir os sons da fala, se a outra pessoa não entende essa fala.

Quando os romanos chegaram à Península Ibérica (onde hoje ficam as terras de Portugal e de Espanha), não sabiam falar a língua dos celtas, e tudo quanto queriam dizer tinha de ser dito por meio de gestos. Mas a comunicação era precária, porque o gesto pode ser mal interpretado.

A oração é o meio que o homem tem para comunicar-se com Deus e com os espíritos. E quando Moisés esteve no monte Sinai para comunicar-se com Deus, tiveram de falar a língua hebraica. E por isso ainda hoje se diz que o hebraico é a mais antiga das línguas, e é a língua sagrada, porque foi falada por Deus. E embora Jesus Cristo falasse aramaico para comunicar-se com os homens do seu tempo, é bem possível que falasse também o hebraico, pois discutiu com os doutores da lei, segundo nos dizem as Sagradas Escrituras.

Ao invocar o nome de Deus e o nome do demônio, usam os homens as suas diferentes línguas. E a Igreja Católica usou sempre o latim para comunicar-se com Deus, embora devesse usar o hebraico, pois esta é, como fica dito acima, a língua sagrada.

Os tibetanos fazem as rodas de oração, nas quais rodas estão escritas as orações que eles desejam dizer aos seus deuses. E cada vez que a roda faz um círculo completo ao girar sobre si mesma, entendem os tibetanos que fica rezada a oração que está escrita na roda. Assim, poupam esforço, e não dizem com a boca as suas orações; mas isto não é bom, porque a palavra escrita não tem a força da palavra que sai

da boca para formar o som que se pode ouvir.

H I S T Ó R I A M E D I E V A L
D E C U R A S M I L A G R O S A S

É muito antiga a história da Imperatriz Porcina. Já o Rei Afonso X, de Castela (o qual é do século XIII), conta esse belo episódio em versos no seu livro Cantigas de Santa Maria.

Apresentamos aqui uma versão puramente medieval. Qualquer filólogo ou lingüista reconhecerá que a sintaxe e o vocabulário são medievais sem tirar nem pôr; e se quiser investigar mais profundamente o caso, verá que, embora o tema seja conhecido na Idade Média, o fato é que a versão, tal como a damos aqui, não é encontrada em nenhum livro antigo. Noutras palavras: o tema é antiqüíssimo, porém a redação que apresentamos não é.

Mas embora esteja escrita com todas as características da linguagem arcaica, pode ser lida — e compreendida — por qualquer leitor moderno, pois a pontuação e a ortografia foram modernizadas.

Ora, as duas coisas que mais dificultam a leitura dos textos antigos são justamente a ortografia e a maneira de pontuar, ou seja, a falta de pontuação. Realmente: os antigos raramente usavam sinais de pontuação, e quando o faziam era arbitràriamente. Pontos de interrogação, vírgulas, separação dos diálogos — enfim, todos os recursos de que hoje dispomos para dar clareza aos textos eram simplesmente ignorados pelos escritores medievais. Pois bem: na versão que aqui apresentamos, foi usada com todo o rigor a pontuação, e ao mesmo tempo a ortografia também está rigorosamente modernizada. Haverá um que outro vocábulo que pareça estranho ao leitor moderno, porém o sentido da história facilmente lhe dará o significado daquilo que à primeira vista poderá parecer obscuro.

É uma história muito edificante, esta da Imperatriz Porcina. E mostra, à maneira medieval, como são castigados os indivíduos que praticam o mal por motivos torpes ou mesquinhos. Quem mata em defesa própria tem desculpa na lei de Deus e na lei dos homens; quem mata por maldade, ou com intuito de roubar ou satisfazer seus baixos apetites — não tem perdão neste mundo nem no outro.

CAPÍTULO I

De como o imperador Lodônio se foi em peregrinação aos Santos Lugares e deixou no trono sua mulher e seu irmão dele.

Lodônio, imperador de Roma, era casado com Porcina, filha do rei da Hungria, mulher de altas virtudes e de grande formosura.

Vivia na corte o príncipe Albano, muito estimado do imperador, que era irmão dele.

Estava o poderoso Lodônio casado com a nobre Porcina fazia já dois anos, e não havia dela filhos. E não se queixava disso, porque entendia que, se lhe não vinham herdeiros, era porque Deus assim o

determinava. E contentava-se com as muitas caridades que fazia, ora amparando viúvas, ora socorrendo os pobres, ora apadrinhando bons casamentos para as órfãs que em aquele tempo havia em a cidade. Fazia, enfim, todas as obras de caridade que podia, e as fazia em nome de Jesus Cristo e da Virgem Santíssima.

Havia Lodônio prometido ir em romaria à Terra Santa (Jerusalém), para ver os lugares onde Nosso Senhor Jesus Cristo cumprira a sua missão de Salvador do mundo. Ali deveria ficar um ano, em penitência e atos piedosos.

Decidida a viagem, quis ele deixar tudo em boa ordenança, e assim determinou de ficarem por governantes a sua mulher Porcina e o príncipe Albano, pois esta era a vontade do povo. E a todos os súbditos pediu que obedecessem a Porcina e a Albano como se fosse a ele imperador, que ambos tinham qualidades abundosas para substituí-lo por um ano, enquanto ele fora estivesse; mais disse que, se partia para longes terras, era para que se cumprisse a vontade de Deus.

Feito o discurso ao povo, dirigiu-se o imperador ao salão de refeições; e tendo acabado de almoçar, foi-se à câmara da imperatriz. Esta, como adivinhando o imediato apartamento cio esposo, estava banhada em lágrimas. Então ele, procurando esconder a tristeza que lhe ia na alma, falou a ela desta guisa:

— Minha doce companheira, lume dos meus olhos, espelho em que revejo a minha pessoa: por que choras? Não sabes que é necessária a minha partida? Não vês que estou comprometido a fazer esta romagem?

Ela o olhou carinhosamente, e o imperador sentiu desfalecer o coração. E disse:

— Se queres, não irei, e sim mandarei outro no meu lugar. A viagem há de ser feita, e que não seja por mim será por alguém mais.

E a bondosa Porcina respondeu e disse:

— Muito amado esposo, não faças caso da fraca e mulheril

natureza. Que se eu chorava era pelo muito que te quero e pelo sofrimento que já antevejo que me virá quando estiveres alongado de mim. Mas se é preciso que vás, nunca eu impeça a tua ida, nem permita que faças as coisas pela metade mandando outrem no teu lugar. Pois isto seria o mesmo que não cumprires a promessa e caíres da graça de Deus. Vai, e não te comova o meu pranto. Que eu ficarei rezando pela tua volta, que breve seja.

Ficou mui contente Lodônio com aquela coragem de mulher, e quis sair de ali para que se não prolongasse o sofrimento de ambos. A valorosa imperatriz trabalhou-se de dominar os soluços e pensar no grande peso que às suas costas ficava com o governo do império. E decidiu que de tal forma se haveria, junto com Albano, em a mantença do reino, que ninguém haveria de sentir a falta do imperador enquanto ele ausente estivesse.

CAPÍTULO II

De como Albano, enganoso e cheio de más artes, quis filhar a própria cunhada para o mal.

Uma coisa ruim lhe estava, porém, reservada a Porcina: e era que Albano a amava, muito em secreto, havia muito; esperava ocasião por acometê-la. Ignorava ela que Albano era tredo e capaz de todas as vilezas para alcançar os seus intuitos malévolos. E ele estava mui contente com aquela ocasião, que assim tão de molde se lhe apresentava, de propor à cunhada a sua malvadez. Pois agora estava sozinho no reino, e a virtuosa dama, indefesa que se achava, nada podia fazer para resistir-lhe.

E logo no outro dia, pela hora em que se a cunhada preparava para levantar-se, e quase despida estava no leito, entrou-lhe ele pela câmara dentro, sem anunciar-se, e foi logo beijar-lhe as mãos, coisa que antes não tinha coragem para fazer.

Muito estranho lhe pareceu, à assustada imperatriz, aquele

proceder; que ela, muito casta, nunca jamais assim aparecera na frente de outro homem que não seu marido; e muito ruborizada de legítimo pejo, cobriu-se toda com as cobertas da cama, e não deixou que aparecesse nada do seu belo corpo senão a cabeça. E indignada com aquela vinda, cobrou ânimo e ousança e disse contra ele:

— Oh, Senhor, que vinda é esta tão desacostumada?

E ele respondeu e disse:

— Senhora minha, perdoai este meu ousão; que em verdade é a força do amor que me faz esquecer as regras da cavalaria. Quero que saibais, Senhora, que muitos dias há que me trabalho de esconder o que na alma sinto. Mas agora não posso evitar de dizê-lo. E é tão grande o meu amor por vós, Senhora dos meus dias, que outra coisa não quero senão que caseis comigo. Estamos na posse de toda a força e poderio, e ninguém se atreverá a embargar-nos. E se vos temeis do que diria o povo de nos ver assim unidos pelo matrimônio, irei tostemente matar meu irmão, para que nada exista que possa evitar a nossa dita. Dar-lhe-ei peçonha que o faça morrer em um dia, sem que lhe os físicos possam valer de alguma coisa.

E ele estava todo esse tempo em joelhos ao lado do leito, e retinha entre as suas as brancas mãos daquela formosa dona.

E ela, toda abrasada do mais santo furor, teve meios de sentar-se no leito sem que se lhe descobrisse o corpo; e tendo desprendido as suas das mãos daquele homem, assim lhe respondeu e disse:

— Grande deve ser o vosso ousamento, para que assim desrespeiteis a minha castidade. Esse atrevimento vosso receberia duro castigo se aqui estivesse o meu amado esposo. Tirai-vos asinha de ante de mim, que eu não vos veja nunca mais.

Como ele a visse desta guisa tão irada, tomou-se de receios, pois temia que aos brados dela acudissem as muitas pessoas do palácio e o encontrassem naquele estado; e deter minou sair-se por aquela vez, e voltar noite alta, quando então, com lhe tapar a boca, logo alcançaria o que tanto desejava.

E parou mente neste desejo e se foi para os seus aposentos. E no caminho encontrou um pajem que lhe pareceu muito fiel; e chamando-o à parte, lhe disse muito à puridade:

— Bom donzel me pareces, e capaz de guardar um grande segredo. Dar-te-ei copioso galardão se fores discreto e quiseres vir comigo a um lugar que sei.

E o pajem respondeu e disse contra ele:

— Senhor, podeis confiar de mim, que eu sei ouvir e calar, quando isto me é convinhável.

E Albano lhe disse a maldade que desejava praticar com aquela dona, filhando-a quando ela estivesse dormindo na sua câmara; e que precisava de alguém que o ajudasse naquela difícil empresa, pois não queria ser por ninguém descoberto; e que lhe daria ao pajem grossos dinheiros se ele nisso conviesse em ajudá-lo; e que tudo havia de ser feito muito em secreto, que ninguém soubesse do feito.

E o pajem respondeu e disse:

— Senhor, podeis estar seguro de que por mim ninguém virá a saber nada. Que eu, não por amor do dinheiro (que me não compra), senão pelo respeito que vos devo (o qual é muito), antes me deixarei matar que revelar a outrem essa embaixada.

E combinaram entre si a hora em que viriam juntos à câmara da imperatriz para aquele efeito.

Muito contente ficou Albano com aquela tramóia, pois evidente lhe parecia que o pajem faria quanto lhe ele pedisse. Mas não lhe sucedeu como cuidava, porque o pajem, quando de ali saiu, se foi pronto e pronto aos aposentos reais e tudo revelou à boa Porcina.

A imperatriz lhe deu grande e festivo gasalhado, e o premiou com muitas moedas de ouro. E chamou os seus guardas e soldados e lhes ordenou que prendessem Albano e o pusessem numa torre muito alta que em o paço havia.

CAPÍTULO III

De como o imperador voltou dos Lugares Santos, e foi recebido pelo irmão, que lhe fez um aleivoso falamento.

Esteve o imperador Lodônio apartado do reino, em sua romagem pelos Santos Lugares, um ano cumprido; e acabada aquela obra piedosa se fez na volta de Roma. E estava mui contente porque ia rever aquela a quem tanto queria. E adiante de si mandou um heraldo que o anunciasse ao povo e fizesse saber à imperatriz que mui prestes seria com ela em palácio.

Ficou Porcina muito contente de aquilo ouvir, e logo mandou preparar grandes festas para receber mui dignamente o seu rei e senhor. E parou mente no estado em que se encontrava Albano, preso numa torre havia um ano; e determinou perdoá-lo do mal que havia feito, pois achava que devia estar curado daquela má tenção. E se foi para diante da torre em que o homem estava, e falou-lhe desta guisa:

— Senhor, eu vos perdôo todo o mal que fizestes; que agora vem de volta meu marido e senhor, e é bom que se esqueçam males passados; e eu não quero mais ouvir falar de todos aqueles feitos que tínheis em mente fazer; antes vos peço que os não mencioneis a ninguém, e, pelo contrário, recebais o vosso irmão como amigo e como bom irmão.

E logo mandou que abrissem a porta da torre para que se saísse o príncipe e se ajaezasse para a festa que iam oferecer ao imperador.

Foram-se os dois juntos para o paço, como se nenhuma daquelas coisas houvera passado. Porém ele cuidava em si como se poderia vingar daquela dona por todo aquele revés que lhe fizera sofrer. Que durante aquele tempo se lhe enchera o coração de muito rancor por ela, de guisa que já não a podia ver que se lhe não enchesse a boca de fel.

Ao outro dia foi ao encontro do irmão, mas de tal guisa ia vestido que ele o não conheceu. E era que levava um trajo de dó, que a ele todo cobria, e também ao cavalo; e aparentava no rosto haver muito sofrimento no coração; e que em vez de alegre, ia triste de ver de volta o outro. E tanto que lhe chegou diante, muito se trabalhou o imperador de o reconhecer; e por fim, sabendo que era Albano que ali estava, lhe falou e disse:

— Irmão, que dó é esse que trazes? É morto alguém a quem muito querias? Que novas me dás de minha querida imperatriz? É morta? Fala, irmão, que já não posso mais de tanta agonia.

Albano deixou passar um instante calado; e logo alevantando a cabeça, respondeu-lhe desta guisa:

— Irmão, pelo muito respeito que vos devo, pois que sois imperador e eu não sou nada, temo contar-vos a verdade. Pois é tão grave o que passou, e tão mesquinho, que não sei com que palavra comece.

Vendo o imperador aqueles rodeios, tomou-se de susto, não fosse acontecer que a imperatriz houvesse caído em pecado. E voltando-se para o irmão, lhe disse mui decidido.

— Irmão, qualquer que tenha sido a falta, não te detenhas com receios; que eu, como imperador, tenho de saber tudo; e castigarei os culpados, venham de onde vierem: que já adivinho estares fora disso, pois sempre fiel me tens sido.

E o falso irmão, com ar mui merencório, respondeu e disse:

— Irmão, se, portanto, é esta a vossa determinação, não me deterei mais, e tudo vos declararei, como cumpre. Vós me deixastes aqui em companhia da imperatriz para que juntos reinássemos sobre o vosso reino. E eu a tratei feita irmã, pois da esposa do meu irmão se tratava. Mas antes me houvesse alongado deste palácio, pois estando eu na segunda noite dormindo em minha câmara, me surgiu em seus trajes noturnos e abeirou-se do meu leito. E eu pensei que fosse uma visão do demônio, e comigo dizia: “Senhor Jesus Cristo, livrai-me das artimanhas deste danado, que me aqui aparece em forma de minha

casta cunhada. Que eu me não deixe embair por esta visão, que aqui está para perder-me e perder minha cunhada." E eu rezava mui contritamente o Padre Nosso para afastar de mim aquela figura do diabo. Mas eis que ela começou a falar e disse: "Amigo, não me tomes por um fantasma, que sou de carne e osso. Aqui me tens; filha-me, que eu sou a tua cunhada Porcina. Eu de há muito perdida de amores ando por ti; e agora é boa ocasião para que te cases comigo, pois te farei imperador; e em chegando meu marido, farei dar-lhe tal peçonha que morrerá morte ruim, sem que lhe os físicos possam valer de nada." Mas eu, que a vi cheia de má arte e enganosa, entendi que estava possuída do demônio, e mandei que se saísse da câmara para sempre; e ela se encheu de fúria e se foi para os seus aposentos. Porém logo, por ordem dela, me vieram prender dois soldados, que me levaram à torre que sabeis, e lá me deixaram preso até hoje, quando me foi buscar e me trouxe, com mostras de mui grandes cortesias, para que vos viesse receber; e me pedia por tudo que vos nada dissesse de quanto passou em aquela noite, pois ela já estava sossegada e não pensava mais em fazer maldade.

Quando o grande imperador isto ouviu, caiu pelas pernas do cavalo abaixo, e esteve ali esmorecido no chão grande espaço de tempo. E lhe os seus fizeram voltar a si com deitar-lhe água fria no rosto. E depois que ele voltou a si, tão grande foi o ódio e a má vontade que tomou contra a sua esposa, que a não quis mais ver. E ordenou que três homens, dos de sua guarda, a matassem e a levassem a enterrar no meio de uma floresta, onde lhe ninguém não pudesse descobrir a cova. E mais disse aos homens que, se não fizessem como lhes ele dizia e ordenava, que os faria matar em meio de torturas. E os três homens se foram logo à câmara da rainha e a filharam que dormia e a levaram consigo para o ermo.

A imperatriz, quando estas coisas viu, tomou-se de grande medo e se pôs a rezar com muita devoção; e sabia que tudo aquilo eram más artes do cunhado, que assim se vingava por ela não ter acudido ao seu chamado para fazer o mal. E como seu coração não tinha fel, rogava a Deus perdoasse ao cunhado aquele mal que lhe ele agora fazia de a

mandar matar.

E como em aquele momento se trigasse a lua de subir ao céu, aqueles três homens repararam em quão formosa era a dama que levavam. E por uns instantes se deixaram ficar admirando aquela grande formosura, que era de rainha, mas bem podia ser de uma santa; até que um deles começou de falar e disse:

— Amigos, estranha presa levamos, e estranho é o fim a que a destinamos. Pois se havemos de matá-la, que são ordens do nosso grande imperador, aproveitemo-nos dela primeiro, e depois lhe demos a morte, que é má rez, e se o não fosse não a mandaria matar o nosso imperador.

E um segundo acudiu e disse:

— Amigo, de prol são as tuas palavras. Pois somos homens, filhemos a mulher, que para isto são todas feitas. E não poderá denunciar-nos, pois que logo será morta.

E o terceiro guarda ria-se muito, e, como era de poucas palavras, a tudo assentia com a cabeça. E se determinavam de executar aquela vontade má de pensamento; que fácil lhes parecia a empresa.

E a triste que estas coisas ouvia, respondeu e disse:

— Não queirais fazer mais do que vos mandou aquele que para isso tinha poder. E não cuideis de tocar em mim, que vos custará isto a vida.

Eles não pararam mente em aquilo que lhes uma fraca mulher dizia; e rindo e gargalhando, como demônios que se saíssem dos abissos infernais, acometeram-na e começaram de lhe rasgar os vestidos.

Vendo, pois, que aqueles homens a despiam, se pôs ela a dar grandes brados, que repercutiam em toda a floresta: e quanto mais lutava por libertar-se dos seus algozes, tanto mais se encanzinavam eles naquele mau intento.

E aconteceu de por ali passar a comitiva de um conde que se fazia na volta de Itália, vindo de Jerusalém, aonde fora em visita

aos Lugares Santos; e tanto que aqueles brados ouviu, foi na direção deles com todos os acompanhantes e criados; e quando chegou ao meio da floresta viu quanto sucedia com a desconhecida. E a imperatriz Porcina já esmorecia e não podia mais lutar por livrar-se daqueles brutos.

E conde, quando aquilo viu, se tomou de grande fúria, e sem mais detença ordenou que os criados tostemente acudissem e dessem morte àqueles cães: assim foi feito, e os três ficaram logo para ali estendidos com as cabeças decepadas.

A imperatriz quando aquelas coisas viu, tão medonhas, tomou-as por milagre; que não imaginava que ninguém a pudesse vir salvar em aquele ermo; e assim como estava, maltratada e seminua, pôs os joelhos em terra e agradeceu a Deus em primeiro lugar o haver-lhe enviado aquele conde e os criados para salvarem-na.

O conde, nome Clitaneu, não quis receber os agradecimentos dela; e falou-lhe desta guisa:

— Senhora, não sei quem sois, mas vejo, pelos vossos vestidos, bem que maltratados, que sois de alta linhagem. Quem quer que sejais, muito me praz de ter chegado em boa hora para salvar-vos das mãos daqueles tredos. E também tenho for milagre o haver-me Deus concedido praticar esta boa ação logo na minha vinda de Jerusalém. Sou eu que vos devo agradecer por terdes sido o instrumento de que se Ele valeu para me experimentar.

E tendo-a revestido em panos que trazia, para que não sentisse vergonha, pediu-lhe muito humildosamente lhe dissesse quem era, e porque ali estava; que sabia que ela era de alta linhagem, pois as vestes rotas assim diziam, e a sua formosura o confirmava.

E a imperatriz, que se não queria descobrir, nem dizer o que passara, lhe respondeu em esta guisa:

— Mui nobre e poderoso Senhor: peço-vos me deixeis guardar comigo a minha coita; que grande é ela para que me vejais em tal estado; por agora vos direi que sou uma pobre mal-aventurada inocente que sofre por amor de uma aleivosia; e mais vos peço que me

leveis em vossa comitiva, pois como escrava, onde quer que estejais, vos servirei.

Muito contente ficou o magnate de ouvir aquelas palavras, e como homem piedoso que era, lhe respondeu e disse:

— Senhora, escrava sede, mas de Deus; que vos eu não quero para isso, pois vejo que sois bem nascida. Acompanhai-me ao meu palácio, e ficai tranqüila, que nunca mais perguntarei que segredo é o vosso.

Os criados, por ordem dele, forneceram-na com uma cavalgadura, das muitas que levavam, e assim se partiram para o palácio que perto de ali demorava.

CAPÍTULO IV

De como o conde voltou para o seu castelo, e do mais que lá se passou.

Em chegado ao castelo, foi o conde recebido com festivo gasalhado de sua mulher, Sofia de nome, que muito saudosa estava com aquele grande apartamento em que estivera o marido. E depois que lhe ele contou o que passara naquelas partes de Jerusalém, disse:

— Trago-te esta formosa dona, que é bem nascida, e a encontrei em triste condições nas mãos de três brutos que a queriam filhar. E os meus criados os mataram, que iam fugindo quando nos viram chegar.

E eu prometi que nunca jamais não lhe falaria deste segredo, de guisa que ela pudesse deixar-se ficar tranqüila em nossa companhia.

E a condessa tomando-a pela mão disse:

— Muito me praz haver comigo dona tão formosa; que sem dúvida é bela a sua alma. pois diziam os antigos que o rosto é a janela em que a alma se debruça; e também vejo que sois bem nascida, porque disso tendes o aspeito. Ficai nesta casa até quando vos prouver, que vos ninguém perguntará nada do vosso passado.

E de ali em diante se tomaram as duas de grandes afeição, porque Porcina era muito boa, e tudo fazia por agradar a condessa. E a condessa a tratava como se sua irmã fosse, e procurava por todos os meios fazê-la sentir-se ditosa. E como Porcina se agradasse muito do filho pequeno que a condessa tinha, esta lhe entregou para que o criasse; e com ele dormia Porcina em sua câmara.

CAPÍTULO V

De como o irmão do conde se perdeu de amores pela imperatriz e a quis filhar de modo aleivoso.

Tinha o conde um irmão, Natan de nome, que perdido de amores andava pela formosa Porcina; e trabalhava-se, quanto em ele era, para se encontrar a sós com ela e filhá-la; e tão grande era o seu fervor amoroso, que muito coitado ficava no dia em que lhe não punha os olhos em cima.

E um dia, como todos dormissem um sono depois do jantar (que era isto na força do verão), foi-se aquele homem para onde Porcina, e entrou de falar-lhe em esta guisa:

— Misteriosa Senhora, que de um mundo desconhecido viestes, e a quem um segredo muito secreto encobre; rainha de minhas noites

perdidas e lume que me alumia nesta negra escuridão em que vivo: perdoai a este mísero e mesquinho tão grande ousio, pois não posso por mais tempo esconder o que passa nesta minha alma coitada; e sabei que vos amo, e que vos quero para minha mulher perante o século e perante Deus. E por agora me deixai beijar essas mãos de princesa, que outras tão brancas nunca vi, nem tão maviosas.

E ele fincava em terra o joelho e trabalhava-se de tomar nas suas as mãos de Porcina. E ela, em vendo quão mal parada ia aquela entrepresa, levantou-se e disse contra ele:

— Guai, Senhor, que me perdeis. Olhai em que fica a minha honra e boa fama se me aqui virem neste estado os demais habitantes do palácio. E só porque não desejo ser vista em vossa companhia não os faço vir com meus brados. Que vos eu nunca dei aso a que achásseis em mim alguma coisa má, e muito menos que me vísseis enganosa. Assim que, Senhor, tirai-vos de ante de mim sem tardança, que de outra guisa direi a Sofia e ao Senhor Conde quanto se aqui nesta câmara passou.

Muito irado ficou Natan quando aquilo ouviu, e coma era muito assomado, transformou-se-lhe ali mesmo o amor em má vontade. E parou mente em como haveria de vingar-se cruelmente daquela dona que tão mal o recebera quando ele julgara fácil a empresa de filhá-la. E se foi mui a contragosto à sua câmara dele, onde ficou engolindo o seu fel.

CAPÍTULO VI

De como Natan se trabalhou, quanto em ele foi, de vingar-se da formosa dona.

A noite daquele dia, quando, finda a ceia, todos se recolheram aos seus aposentos, entrou Porcina de chorar e maldizer-se daquela triste vida que levava; e o seu consolo único era aquele inocentezinho

que lhe a condessa entregara para que o criasse. E o menino dormia placidamente a seu lado, sem poder saber nada daquelas coisas que a seu derredor passavam.

Nisto veio Natan mui de manso até à porta da câmara onde aqueles dois inocentes dormiam, e se pôs a espreitar por uma fresta que a porta fazia, que não estava de todo cerrada. E ele como trazia o coração cheio de grande ódio, se pôs a imaginar o que faria para vingar-se tostemente daquela dona; e quando viu que ela, cerrando os olhos, parecia dormir, forçou mui de manso a porta da câmara e se pôs dentro; e ali, com o machado de fio muito agudo, que trazia, se foi direito para onde o menino, e vibrou-lhe golpes que morto o deixaram e desmembrado, lavado no próprio sangue. Com o estrondo que estas coisas fizeram para ser feitas, acordou em sobressalto a imperatriz e conheceu a vileza daquele seu inimigo. E ele já se tinha feito na volta de seus aposentos, que o não visse alguém naquele cometimento. Então ela se pôs a bradar em muito altas vozes, que retiniam por todo o palácio; e bradava que lhe haviam matado o filho caro, e que acudissem todos para ver aquela desgraça.

Quando a condessa chegou (que foi ela a primeira em acorrer ao chamamento), não pôde ver por mais tempo estado em que ficara o filho, e caiu para ali esmorecida, como se morta estivesse. E todos os demais habitantes do palácio chegavam e ficavam pasmados com tamanha perversidade.

E o falso irmão do conde também veio saber o que passara, e trazia o rosto mui compungido, como quem se doía de uma grande desgraça. E vendo o irmão naquele estado de tristeza, e a cunhada quase morta no chão, voltou-se para o conde e falou-lhe desta guisa:

— Irmão, quem matou este inocente merece duro castigo. E se não sabes quem o pôs em tal estado, pergunta antes a essa dona misteriosa que nunca jamais não quis revelar o seu segredo tão secreto. Má rez deve ela ser para que assim andasse na floresta por noite alta com três soldados. E tu que a trouxeste sem perguntar de onde vinha nem que destino levava, eis aí tens o fruto de tua boa ação.

Nisto se levantou a condessa, que à força de lhe atirarem água para o rosto, recobrara vida. E olhava muito merencória para aquele feito nunca feito que ali estava. E ouvindo as palavras que o cunhado dizia, não queria acreditar que aquelas coisas fossem assim, nem que a sua tão querida Porcina fosse capaz de tão monstruoso crime.

Via Natan que forçoso lhe era encanzinar-se no seu intento, de guisa que os seus parentes nunca pudessem perdoar a misteriosa dona. E chorando um muito fingido choro, voltava-se para eles e dizia:

— Irmãos, que fazeis? Deixais impune essa malvada para que outros crimes cometa? O sangue do vosso filho clama por vingança. Eis ali está o machado que serviu para esta matança. Que melhor prova quereis além dessa? Que vos não deixeis embair com a formosura desta mulher, que vos não quis deixar compartilhar o seu segredo.

A condessa e o conde não queriam acreditar em quanto ouviam, que impossível lhes parecia ter aquela dona tão ruim coração que a fizesse fazer tão mau feito. E choravam e se maldiziam, e indagavam a Deus o que haviam feito para assim merecerem tão duro castigo.

E Natan em todo esse tempo não deixava de pedir vingança para o sobrinho e morte para a dona misteriosa. E dizia que ele tomava a seu carrego matá-la e enterrar o corpo onde ninguém não o visse.

Porcina todas estas coisas ouvia, e estava como esmorecida e sem saber que dizer, pois sabia que não seria crida se dissesse a verdade. E determinou calar-se e não dizer nada por mais que com ela instassem.

E o conde e a condessa, vendo como emudecia diante das perguntas, pararam mente em que não devia ser culpada, e que estava muda por ser grande a dor que sentia; e não queriam saber de matá-la, como lhes o irmão dizia, porque não podia ser culpada quem tão bondosa antes se mostrara. E disse Clitaneu contra o irmão:

— Não a matemos, porém, que não sabemos se foi ela que fez este feito, ou se alguém entrou na câmara para este fim. Antes mandemo-la para uma ilha deserta que eu conheço, e que está dentro em o mar quarenta léguas da terra. E ali, à míngua de água e mantimentos, morrerá; ou se não for isto, devorá-la-ão as bestas-feras,

que muitas ali há.

À noite daquele dia, o conde chamou dois homens dos seus, muito esforçados e valentes, e falou-lhes desta guisa:

— Meus bravos: levai convosco essa dona misteriosa que mora neste palácio, e deixai-a naquela ilha deserta que sabeis. E não a deixeis em outra parte senão naquela ilha, nem a deixeis voltar convosco por nada; que o destino dela é morrer naquela ínsoa, ou seja, de fome, ou seja tragada pelas alimárias selvagens que ali há em grande cópia. E convosco irão duas mulheres deste palácio, para que seja guardada a honra que se lhe deve por ser de alta linhagem. E eu darei morte àquele que não cumprir minha ordem, como tenho dito.

E logo se meteram num pequeno barco de vela, o qual logo se afastou de terra, como o vento era de feição. E depois de navegadas as quarentas léguas, chegaram à dita ínsoa, e todos desembarcaram para cumprir aquela triste embaixada. E com soluços e lágrimas (que todos queriam muito à dona misteriosa) se despediram dela e se tornaram a embarcar no pequeno barco e se foram para donde tinham vindo.

E a coitada e mesquinha em se vendo só e desacompanhada naquela ínsoa deserta, se pôs a chorar um choro muito amargo; e conhecendo que ali era o fim dos seus dias e sofrimentos, pôs em terra o joelho e fez a sua costumeira oração. E acabando de encomendar a alma a Deus, quis despedir-se, em pensamento, do seu amado imperador, a quem uma aleivosia fizera ser tão cruel. E falou desta guisa:

— Oh meu amado esposo, como te amo apesar do muito mal que me fizeste. E quão pouco deves lembrar-te desta mísera que aqui vive os seus derradeiros instantes de vida! Ah, que eu sempre cuidei, quando em casa do conde vivia, de algum dia tornar a ver-te, para meu bem. E agora entendo que nunca mais te verei, pois breve serei devorada pelas alimárias que vivem neste ermo.

E lembrava-se do pai, rei da Hungria, que tão a gosto a havia casado com o imperador Lodônio; e lembrava-se do cunhado, o perverso Albano, por causa de quem estava agora naquele desterro; e

o perdoava pelo mal que lhe ele havia feito, porque ela não alimentava ódio no coração, tão bondosa era.

Nisto ouviu grande estrondo que vinha do bosco; e tão espantoso era o arruído, que se não teve que não caísse no chão esmorecida. E aquele estrondo era das alimárias selvagens que ali habitavam, as quais, sentindo cheiro de carne humana, se chegavam para ela, a fim de devorá-la.

Nisto apareceu no céu grande clarão, e com ele uma figura majestosa que fez parar de susto e medo aquelas bestas-feras; e estavam todas quedas, como demônios que vissem o sagrado sinal da cruz; pois outra não era a figura que a mesma Virgem Maria, que vinha em socorro daquela coitada. E vendo-a no céu, recobrou vida a imperatriz, e se pôs de joelhos para adorar a nossa mãe espiritual. E tanto que estava assim de joelhos sobre a terra nua, a santa figura da Virgem Maria se chegou para onde ela, e falou-lhe desta guisa:

— Minha filha Porcina, fica tranqüila que te nada acontecerá nesta ínsoa, por mais que nela demores. Confia em mim, que lá do céu te protejo pelo muito bem que fizeste e pelo bom coração que tens no peito, o qual te faz perdoar o teu pior inimigo. Nada temas, digo, porque nem as alimárias te molestarão, nem passarás fome e sede. Que essa erva que aí vês te dará o sustento enquanto cumprires o teu fado nesta ínsoa; e a água recolhê-la-ás da fonte que ouves cantar lá longe. E andarás por estas praias quanto te prouver, que até as avezinhas do céu se acostumarão com a tua presença. E mais te digo que desta mesma erva que comeres farás um maravilhoso ungüento com o qual darás saúde e quantos a ti procurarem para esse efeito.

E em isto dizendo, a figura da Virgem Maria desapareceu nas nuvens.

CAPÍTULO VII

De como Porcina avistou um navio, e de como foi por ele avistada.

Viveu ali Porcina tanto tempo quanto foi necessário para não viver noutra parte; e não a molestavam as alimárias, e ela não passava fome, porque se valia das ervas que lhe a Virgem Maria indicara; e não tinha sede, que a água da fonte era pura e cristalina. E estava ela um dia na praia deserta, quando viu apontar ao longe um navio que vinha naquela direção; e acenando-lhe ela com a mão, foi vista dos passageiros e da equipagem; e espantados eles de que ali vivesse, naquela ínsoa deserta, uma mulher si:minha e desamparada, determinaram aproximar-se a ver quem era. E quando chegaram às falas, antes que desembarcassem para filhá-la, lhe perguntaram quem era e o que fazia naquela ínsoa deserta e cheia de alimárias selvagens; e ela lhes respondeu e disse:

— Senhores, sabei que estou aqui por amor de um naufrágio que se nestas costas deu; e era que o navio em que vínhamos, eu e meu marido, naufragou nestas costas por ter dado num baixio; e tanta era a força do mar naquela época do ano (que foi isto seis meses há), que ninguém se salvou, por mais que todos se esforçassem por vencer as fortes ondas. E eu só, por milagre, escapei, e aqui me encontro há seis meses. E agora sinto que foi milagre o que me salvou, porque as alimárias desta ínsoa não me quiseram tragar, conquanto eu ande por toda a parte e as veja metidas nas suas furnas. Agora vos rogo, irmãos, que me convosco leveis, que já me pesa viver esta vida tão solitária e própria de ermitões.

Ficaram todos maravilhados com aquela história, e mui contentes de poder tirar de ali aquela mulher de tão formoso aspeito. E ela antes de se ir para o navio colheu grandes braçadas daquela erva que lhe a Virgem Maria dissera ser milagrosa. E com isto se tirou para sempre daquela ínsoa.

E naquele navio seguia viagem um poderoso senhor, que voltava de uns negócios e se dirigia para casa. E sabendo que Porcina estava só e desamparada, quis que ela fosse com ele para o seu castelo dele. Esse poderoso senhor (Alberto de nome) tinha em casa sua mulher

doente de umas hemorragias que nunca paravam. E ele já havia chamado ao seu castelo todos os físicos e mestres afamados que naquela região havia, e nenhum deles, com as suas meizinhas, havia podido fazer recolher o sangue ao seu lugar.

E tanto que Porcina ali chegou e soube daquele mal, pediu licença para curá-lo; e Alberto não confiava na desconhecida, pois os homens da ciência nada tinham podido fazer; e contudo lhe deu licença para tal, que bem podia ser que Deus quisesse obrar milagre por meio daquela mulher tão estranhamente achada.

E Porcina fez o seu ungüento como lhe a Virgem Maria dissera, e com ele untou todo o corpo da rica dona; e fazendo-lhe na testa o sinal da cruz, lhe falou e disse:

— Levantai-vos, que estais curada.

E ela se levantou e disse a todos que estava curada e que nada sentia. E parecia mui rija e mui leda, com o que todos se maravilharam. E perguntavam entre si:

— Que mulher é esta, que de tão longe vem e tão misteriosa, que sabe o mister de curar doenças?

E admiravam-se da sua formosura, que não desaparecia com o muito que sofrera.

Nisto veio ali pedir esmola um cego; e em o vendo a imperatriz, se condoeu muito dele, e quis experimentar nos olhos dele o seu ungüento maravilhoso; e untou-os com aquela meizinha que fizera com as ervas trazidas da ínsoa; e invocando o nome de Deus, fez voltar a luz aos olhos daquele cego. E ele, de tão contente por ver a luz do dia, não sabia que fizesse; e pondo em terra os joelhos, quis beijar as mãos da imperatriz; e ela se subtraiu e disse contra ele:

— Tirai-vos de aí, que esse milagre foi Deus que o obrou; que ele tudo pode e eu sou uma pobre mulher que nada sei e estava numa ilha deserta. Dai graças ao Senhor Deus e ao seu Filho, que só por graça deles posso fazer estas coisas.

E o homem chorava de contentamento; e os que ali estavam cada

vez se maravilhavam mais.

CAPÍTULO VIII

De como a fama dos milagres da dona espantosa chegaram aos ouvidos de Clitaneu e de sua mulher.

E a fama daqueles milagres chegou aos ouvidos de Clitaneu e de Sofia sua mulher. E eles foram muito contentes com aquelas novas porque Natan, que matara o sobrinho para perder a imperatriz, ficara gafo desde aquele dia em que ela fora desterrada. E eles tinham como certo que aquela misteriosa dona havia de curar Natan do mal que o consumia; e os físicos todos daquela região nada podiam fazer em favor dele, que já fedia muito pelas feridas que havia em o corpo todo.

E eles determinaram de o levar consigo ao castelo de Alberto, que era parente de Clitaneu; e puseram Natan numas andas e o mandaram conduzir pelos criados; e Clitaneu também ia na comitiva com sua mulher.

E em lá chegando foram muito bem recebidos de Alberto, que os aposentou muito bem aposentados nas ricas câmaras do castelo, pois era noite alta.

E eles queriam ver logo a imperatriz que dormia; porém Alberto, pelo muito que a respeitava por lhe haver curado a mulher, não a quis acordar.

E logo na manhã seguinte se foram todos à câmara da imperatriz, e sem a conhecer (que assim quis Deus que a não conhecessem), deram conta do que os ali trazia. E ela para logo os conheceu todos, porém nenhuma coisa disse que a denunciasse. E eles estavam muito pesarosos com o que podia acontecer, e paravam mente no que haviam de fazer se a dona espantosa não quisesse usar o seu poder em Natan. E ela disse contra eles:

— Senhores, quero ver o gafo.

E eles a levaram consigo para onde o gafo; e ele fedia tanto que homem não podia entrar na câmara sem sentir náuseas.

A imperatriz, que parecia nenhuma coisa sentir daqueles cheiros, se foi direita ao leito onde Natan estava; e reconhecendo-o, que outro não era senão o que tanto mal lhe fizera, lhe falou assim:

— Irmão, Deus vos salve e a vossa alma, que Ele tudo pode. Eu sou uma pobre mulher que nada sabe, e que só faz o que Ele determina.Quereis, pois, ser são como dantes éreis?

E ele respondeu e disse:

— Poderosa Senhora, sei quão grande é o vosso poder, que já ouvi falar dos belos feitos que fizestes. Outra coisa não quero que receber a vossa benção, que com ela me virá a saúde.

E ela disse contra ele:

— Irmão, é preciso que confesseis todos os vossos pecados, por grandes que sejam; e deveis dizê-los todos em voz alta para que todos aqui presentes os ouçam. E sem isso não poderei curar-vos, que é vontade do céu.

E ele, como desejasse mui sofregamente a saúde, se pôs mui trigosamente a confessar em altas vozes todos os seus pecados; e todos disse, menos aquele da morte do sobrinho e da perdição da imperatriz. E ela, que mais que ninguém conhecia aquele negócio, falou-lhe desta guisa:

— Se vós não confessais tudo, não vos posso salvar, que assim me ordena o Altíssimo.

E ele respondeu e disse:

— Senhora, já tudo confessei até aqui. Podeis, pois, curar-me. que nenhuma outra coisa não tenho para confessar.

E ela, conhecendo-lhe o ânimo danado, disse:

— Não me queirais enganar. Que sei que um grande pecado haveis cometido e que não quereis confessar. Lembrai-vos daquela a

quem perdeste só com acusá-la do mal que não tinha feito. E se este pecado não confessardes, não vos poderei curar.

Quando isto ouviu, soltou Natan grandes gemidos e todo se revolveu no leito, como quem a alma se lhe saia. E não podia olhar a misteriosa dona, de medroso que estava de quem tanto sabia de sua vida.

E Clitaneu, em aquelas coisas vendo, voltou-se e disse contra o irmão:

— Que pecado é este que tens na consciência, tão grande que não podes confessar? Se de feito queres cobrar saúde de quem a tem para dar, confessa logo esse crime, que não pode ser tão grave que Deus o não perdoe.

E ele respondeu e disse:

— Irmão, não posso, se me antes não perdoardes tu e a tua mulher.

E Clitaneu, que queria ver o irmão guarecido, toste- mente lhe disse que o perdoava de todos os pecados que ele houvera cometidos. E Sofia também disse que o perdoava.

Natan, quando isto ouviu, se pôs a fazer o raconto de tudo quanto passara em aquela noite em palácio; e nenhuma coisa escondeu de tudo aquilo, de guisa que todos souberam como aquele feito se fizera.

E quando aquelas coisas ouviu, a condessa caiu no chão esmorecida e ficou como morta. Outrossim, o conde não sabia que fizesse diante daquele caso tão estranho.

E a condessa, quando recobrou vida por amor da muita água que lhe em seu rosto deitaram, voltou-se para o cunhado e falou-lhe desta guisa:

— Oh alma pérfida e mesquinha! Quem cuidara que em teu coração tredo se escondesse tamanha vilania? Que peçonha te alimentou, em vez de leite, para que assim houvesses garras de tigre e boca de serpente? Por que não te filhou o demônio para os abissos infernais quando assim te viu tão a seu serviço? Ah, que torto te fez o

meu filho inocente para que assim o matasses como a besta-fera? E a minha querida Porcina, por que a perdeste, que já hoje não existe, morta de fome naquela ínsoa deserta? Ah, tredo, que te perdoei antes, quando de nada sabia!

Ouvia Porcina todas aquelas palavras; e começava de falar com Sofia para consolá-la daquele grande padecimento em que ela estava. Porém Sofia não parecia ouvir nada daquilo que lhe Porcina dizia; e Porcina, vendo que nada servia falar-lhe daquela guisa, determinou descobrir aos outros quem ela era; e logo que descobriu quem era, todos a conheceram, e começaram de lembrar-se das suas feições dela; e estavam todos mui contentes com aquele caso tão espantoso; e davam graças a Deus por lhes assim ter enviado a sua querida Porcina; e todos a abraçavam e beijavam, menos o gafo, que ainda estava no leito, cheirando mal.

Pediu Porcina e Clitaneu e a Sofia que perdoassem o gafo, pois ele já muito sofrera com aquela gafeira; e eles não queriam, que grande lhes parecia aquele malefício para que assim fosse perdoado. Porém ela tanto rogou que eles perdoaram.

E Porcina se pôs a untar o corpo de Natan com aquele ungüento feito das ervas que trouxera da ínsoa deserta; e logo invocando o nome de Jesus Cristo o tornou são e mais esforçado do que soía ser antes de lhe no corpo entrar aquela gafeira; e ele se tirou do castelo e se foi fazer penitência em um ermo que perto de ali havia.

E os que ali estavam não paravam de fazer honrarias a Porcina, e de louvar-lhe a virtude; e ela respondia a eles e dizia:

— Irmãos, eu não sou digna. Sou uma triste mulher que andava perdida numa ínsoa deserta e cheia de alimárias. E se estas coisas faço, é porque me Deus ordena, e só ele tem força e poderio para fazê-las.

A fama daqueles feitos corria mundo na boca do vente. Que todos os que tinham doença e ouviam falar daquela dona .espantosa e dos feitos que ela fazia iam em sua busca para que os curasse. E ela os fazia sãos e mais esforçados que antes soíam ser.

CAPÍTULO IX

De como o imperador ouviu falar dos milagres da dona espantosa, e de como desejou que ela viesse a palácio.

E aconteceu que o imperador de Roma também ouviu contar essas coisas como se passavam naquele castelo de Alberto, e ele foi muito contente por isso, que ele tinha o seu irmão em mui grave estado, doente de gafeira, o qual já muito fedia em todas as partes do corpo, ainda mais que Natan quando também era gafo. E ele, como imperador que era, não se podia tirar de ali, mas antes queria que a dona espantosa viesse ao seu palácio dele e ali fizesse o milagre de fazê-lo são e mais esforçado do que dantes soía ser. E a um duque da sua muita confiança ordenou que se fosse àquelas partes aonde o castelo, e que de lá trouxesse a dona espantosa que lhe curasse o irmão; e o duque assim fez, que era muito amigo do imperador, e se partiu logo para o castelo onde demorava a dona espantosa, a dar-lhe a ordem do imperador que viesse curar Albano daquela gafeira.

E em lá chegando foi mui bem recebido de Alberto; e perguntando onde estava aquela dona espantosa, lhe disseram que na sua câmara dela; e fazendo-a o conde chamar, veio ela mui contente de poder fazer outro feito caridoso; e em vendo-a o duque, muito se espantava da sua formosura, e se lembrava de a ter vista em outra parte, como se a tivera vista em sonhos, mas não sabia onde era. E ele não pensava que fosse a imperatriz, que tinha morrido tanto tempo havia. E sem mais detença lhe deu conta da embaixada que lhe o imperador confiara, e disse:

— Mui nobre e poderosa Senhora: Sabei que venho da parte do imperador, que roga e pede que venhais comigo ao seu palácio dele, onde tem seu irmão mui gafado de gafeira, que ele não sabe de onde lhe veio, e já cheira mal, e não há físico nem sábio que o possa já salvar; e vos pede que o queirais fazê-lo são como antes soja ser, pela força e poderio que vos deu Deus; e que se vós o fizerdes são como dantes soía ser, que vos fará mui grande senhora como bem mereceis

e é de justiça.

Ficou Porcina mui contente de aquelas palavras ouvir; e determinou de se partir naquele mesmo instante para o palácio do imperador.

Outrossim, todos os que ali estavam houveram por bem ir na comitiva de Porcina para a grande cidade de Roma, que de muito desejavam de conhecer como coisa digna de ser conhecida. Assim que, iam na comitiva Porcina e o duque, e Clitaneu e Sofia, e Alberto e sua mulher. E com tamanha freima iam que logo ao outro dia chegaram à cidade de Roma e se foram para o palácio do imperador. E tanto era o povo que ia atrás daquela comitiva, por saberem que ali ia a dona espantosa, que mais parecia um grave caso que se passava. E todos queriam ver a dona espantosa e beijar-lhe as mãos.

CAPÍTULO X

De como o imperador viu a dona espantosa e a não conheceu com esposa. E do mais que então se passou.

Em chegando aos paços imperiais, foram recebidos com grande honra pelo imperador que muito contente ficava de ali ver a poderosa mulher que lhe ia salvar o irmão. E em querendo ela beijar-lhe a mão, que era imperador, não lhe consentiu ele; e porque trazia ela o rosto coberto com um véu, à guisa das mulheres de Mafoma, não lhe pôde ele ver o rosto, exceto os olhos, porém os não reconheceu. E ela o estava vendo claramente visto, e não presumia que a vista a enganava; e ele sentia no coração um grande sobressalto, como se esperasse ver fazer-se ali um grande feito. E ela antes de se irem para a câmara onde o gafo jazia, disse contra o imperador:

— Alto e poderoso Senhor, a quem obedecem todos quantos na terra vivem: eu sou a mais humildosa de todas as vossas servas, e aqui

venho para em nome do Senhor curar o vosso irmão que tão grandes males sofre. E agora vos rogo e peço me leveis à câmara onde jaz vosso irmão.

Muito contente ficou o imperador com aquelas palavras que via serem de mulher humildosa e temente a Deus. E de ali se foram todos para os aposentos de Albano.

Muitos cheiros foram ali postos em toda a câmara, de guisa que se não sentisse o fétido que do corpo do gafo se saía; e com isso não deixava o fétido de sentir-se, tão forte era.

E todos entraram na câmara para ver o fazimento daquele feito. O gafo estava esmorecido como se morto estivesse, e tantos eram os seus padecimentos que era como se lhe a alma saísse do corpo; e a imperatriz o saudou com bons ares, e ele se animou como quem reconhece que ali estava a salvação. E ela disse contra ele:

— Senhor, é de mister confesseis todos os vossos pecados aqui diante de toda esta comitiva, de guisa que nenhuma malfeitoria se esconda; e se um só malefício ficar por dizer, não poderei salvar-vos, que esta é a vontade do céu.

E Albano quando estas coisas ouviu ficou muito espantado e medroso, que bem sabia que nada podia confessar daquela coisa que fizera. E respondeu e disse:

— Senhora, não é desta guisa que homem se confessa: mandai antes buscar um ermitão que aqui perto num ermo vive, e a ele confessarei todos os meus pecados, que não a outro, pois esta é a lei de Deus.

Então disse a dona espantosa:

— Senhor, de nada serve a minha vinda aqui, se não quereis confessar os vossos pecados aqui diante de toda esta companhia. Assim que, se não quereis fazer como cumpre, me deixeis voltar asinha para minha casa.

E o imperador em estas coisas ouvindo se voltou para o irmão e falou-lhe desta guisa:

— Irmão, que aficamento é este? Quem te agora salvar grande milagre faz, que mais morto és que vivo; e sinto que se aqui não estivesse esta dona espantosa, já estarias entregue aos vermes da terra. Que se te dá agora de confessares os teus pecados, se de outra guisa serás morto? Não te afiques mais, e antes confessa quanto fizeste.

E Albano lhe respondeu e disse:

— Irmão, quero antes que me perdoeis um grande mal feito que hei feito. E se me não perdoardes de antemão, não me confessarei, porém morrerei desta gafeira.

E o imperador lhe disse:

— Irmão, mil pecados te perdoarei para que vivas. Por que temes? Acaso não sou teu irmão?

E Albano determinou confessar todos os seus pecados; e confessou todos, até aquele da perdição da imperatriz; e nenhuma coisa ficou que não dissesse de toda aquela malfeitoria.

E o imperador, em ouvindo estas coisas, começou de lamentar-se e disse:

— Senhor Jesus Cristo, salvai esta alma danada. Que eu nunca pude pensar que ele tivesse o coração tredo. E me confiei dele, e fiz o que ele dizia; e agora vejo quão mal-aventurado fui em crer naquelas tramóias. Minha doce companheira, a quem eu tanto amava, que te perdi e me perdi a mim! Sei certo que me espera o inferno de tanto malefício que causei sem saber. Por que me não matou Deus nesta peregrinação que fiz aos Lugares Santos antes que me deixar fazer tão ruim feito?

E arrepelava-se e arrancava os cabelos da barba e da cabeça; e tanto que assim estava, o seu corpo começou de tremer, e ele com grande abalo se deixou cair no chão, e ali ficou esmorecido, como morto.

Os físicos do paço acudiram logo com as suas meizinhas, e se trabalharam, quanto em eles havia, de o fazerem recobrar alento: e tanto que ele a si tornou, com todos aqueles trabalhos, a imperatriz não

se teve que não se descobrisse. E voltando-se para ele, falou-lhe desta guisa:

— Senhor, não vos deixeis vencer pelo desgosto, que aqui está quem foi causa de toda essa desgraça. Sou do grande rei da Hungria a filha muito amada, a quem mandastes matar por desvairança. E me salvou o Senhor Jesus Cristo, e me protegeu a Virgem Maria, para que vivesse e voltasse a este convívio.

E em isto dizendo pôs em terra os joelhos e lhe quis beijar as mãos; e o imperador não consentia tal, e antes queria ele beijar-lhe as suas, porque então a conheceu como Porcina que era.

E tais coisas diziam um para o outro, e tantas e tão copiosas lágrimas derramavam, que não pode homem contar o que ali passou.

Clitaneu e Sofia, em aquelas coisas vendo, tão espantosas, não sabiam que dizer; e viam que ela agora era imperatriz e os podia matar pelo mal que lhe eles fizeram mandando-a para uma ínsoa deserta; e porém se deixavam cair em joelhos em volta dela e lhe pediam perdão daquele mal que haviam feito.

E Porcina os perdoou ambos os dois, que viu que não tinham culpa daquele caso horrendo, porém antes assim fizeram por amor de Natan. E contou a Lodônio como a eles devia a vida e a honra.

Em isto ouvindo, o imperador foi mui ledo, e disse a Clitaneu que lhe pagaria aquele feito com fazê-lo grande senhor.

E Porcina tomou Sofia como sua camareira-mor, pelo muito que lhe a ela queria.

E o imperador logo determinou mandar queimar vivo a seu irmão, gafado como estava. E dizia que mais não fazia por vingar-se porque não sabia de morte mais cruel que aquela, pois muito mais merecia quem tão tredo fora.

A imperatriz Porcina, em isto ouvindo, pôs em terra os joelhos e rogou que lhe a ele não quisesse fazer mal, pois já muito sofrera ele com aquela gafeira. E dizendo-lhe o imperador que o deixava para que morresse daquela gafeira, ela se foi contra o gafo e o untou com aquele

ungüento maravilhoso que da ínsoa trouxera. E logo, invocando o nome de Deus e da Virgem Maria, o fez ser são como dantes soja ser, e mais esforçado. E viu o imperador quão grande era a virtude de sua mulher, e mui ledo ficou porém.

Albano fez muitas e mui grandes penitências para libertar-se do peso daquele horrendo pecado, que ele muito arrependido estava de todo o mal que fizera.

O imperador não deixou nunca de praticar as boas ações que dantes praticava, e muitas esmolas dava e muitos benefícios fazia em nome de Deus e da Virgem.

E Porcina estava sempre curando de seus pobres e dando-lhes grandes esmolas, que ela grande coração havia.

E todos de aí em diante foram venturosos. que os protegia Deus e o povo todo os amava e queria.

E assim acaba a estória desta grande imperatriz que muito sofreu para depois ser ditosa.

A P Ê N D I C E

OS MANDAMENTOS DA COMUNIDADE JUDAICA

Não deixeis que os vossos pensamentos se desviem das palavras da Tora e das coisas sagradas, a fim de que a Xequina esteja presente sempre.

Não vos encolerizeis.

Não digais mal de criatura nenhuma, nem mesmo dos irracionais.

Não maldigais os seres, antes os abençoai, mesmo quando houver cólera no vosso coração.

Não façais juras, mesmo quando tiverdes a certeza da verdade.

Não mintais nunca.

A Xequina rejeita o mentiroso, o hipócrita, o arrogante e o maldizente. Não sejais vós nenhum desses tais.

Não participeis de banquetes, exceto se tiverem fundo religioso.

Associai-vos às alegrias e aos sofrimentos dos companheiros.

Conduzi-vos generosamente para com os semelhantes, ainda que eles transgridam as leis.

Encontrai-vos com um dos companheiros uma ou duas horas por dia para discutir assuntos místicos.

Passai em revista, com um dos companheiros, todas as sextas-feiras, as ações cometidas durante a semana, a fim de que haja pureza na expectação da Rainha de Sabá.

As ações de graças deverão ser ditas em voz alta, com nitidez de palavras e de letras, para que, à mesa, as próprias crianças possam repeti-las.

Confessai os pecados antes de cada refeição, e antes de deitar-vos.

ESCRITA SECRETA

Num livro chamado A Ponte de São Luís-Rei, conta-se o caso de dois irmãos gêmeos que falavam língua por eles mesmos inventada, ou a eles transmitida com exclusividade. Um padre da Cidade de Lima, no Peru, tentou penetrar o segredo constituído por aquele idioma estranho, porém nada conseguiu — talvez porque lhe faltasse habilidade para lidar com os gêmeos.

Há outros casos, registrados em livros, de pessoas que se comunicam por meio de idiomas secretos ou exclusivos, idiomas esses que talvez sejam inventados pouco a pouco, à proporção que as pessoas vão convivendo, mas que podem também ter sido recebidos sobrenaturalmente.

No livro Xenoglossia, o autor italiano Ernesto Bozzano conta vários episódios de médiuns que receberam do Além muitas comunicações em línguas que eles (os médiuns) não conheciam. As comunicações eram escritas em línguas que os participantes das sessões ignoravam por inteiro e eram imediatamente reconhecidas e

traduzidas.

Durante as guerras, e mesmo durante a paz, os serviços de espionagem dos diversos países criam escritas secretas, e estabelecem códigos. Esses códigos são muito difíceis de decifrar por quem não tem as respectivas chaves. A arte da escrita secreta chama-se criptografia.

O escritor norte-americano Edgar Allan Poe nos mostra, no conto O Escaravelho Dourado, como se deve fazer para decifrar uma comunicação feita em código ou escrita secreta.

Os sacerdotes germânicos antigos criaram letras de linhas retas. Com essas letras, escreviam as suas mágicas e os segredos da sua religião. E a esse conjunto de letras deram os povos germânicos o nome de runas, palavra que significa segredo, mistério, coisa oculta. Não se trata, portanto, de uma escrita inventada para o uso do povo, e sim de um alfabeto para uso exclusivo dos sacerdotes e dos curandeiros da época.

Damos a seguir a lista das 26 runas conhecidas, com os correspondentes valores no alfabeto latino. Quem quiser escrever alguma coisa secreta deverá passar cada letra do alfabeto latino para a sua respectiva runa. A pontuação é a mesma nossa, e os números também são os nossos. Podem ser escritas cartas em runas, mas nesse caso é preciso que a pessoa que vai receber a carta conheça o alfabeto rúnico, para fazer a transformação de runas para as letras latinas e entender o que está escrito. Assim, quando se quiser escrever em runas, deve-se primeiro ter certeza de que a pessoa que vai receber a carta ou bilhete sabe o valor de cada runa.

Aqui estão as 26 runas e os seus correspondentes valores em letras latinas:

A CORRENTE MILAGROSA

Tomam-se treze folhas de papel branco e escreve-se a mão, em cada uma delas, a carta cujo texto daremos abaixo. Tiram-se, portanto, treze cópias iguais. Conseguem-se treze nomes completos (nome de batismo e sobrenome), e mais os respectivos endereços corretos, de treze pessoas, as quais podem ser conhecidas ou desconhecidas, mas que não sejam amigas íntimas nem parentas de quem vai iniciar a corrente. Para cada uma dessas pessoas, manda-se, pelo correio, uma cópia da carta cujo texto daremos abaixo. Não se deve escrever o nome nem o endereço de quem está mandando a carta. Noutras palavras: a pessoa que receber a carta não deve saber quem a mandou. Também não se deve levar pessoalmente as cartas, nem mesmo para colOcá-las por debaixo das portas, pois sempre há o perigo de as pessoas a quem são dirigidas verem quem as está distribuindo.

Eis as palavras que devem ser escritas em cada folha de papel:

“Ser humano. meu semelhante:

Escrevo-te em nome das forças magnéticas do universo, em nome das forças do bem e do mal. Peço-te que tires treze cópias desta carta e envies cada uma das cópias a uma pessoa diferente, que não seja tua amiga íntima nem tua parenta. Estarás ajudando, assim, a um teu semelhante. Desejo alcançar um benefício (que não trará prejuízo para ninguém), e isto depende desta corrente magnética. Não deves quebrar esta corrente, pois se o fizeres estarás prejudicando alguém, e não terás vantagem nenhuma com isto. Ao passo que, se deres prosseguimento à corrente, farás um bem a mim e a ti mesmo, porque também poderás alcançar um benefício. Muitas pessoas que quebraram correntes como esta sofreram grandes males e prejuízos, ao passo que todas aquelas que deram prosseguimento às correntes alcançaram benefícios e vantagens. Não mandes dinheiro: manda só um pouco do teu magnetismo e da tua boa vontade. Que as forças magnéticas do universo te sejam favoráveis.

Faz-se o pedido às forças magnéticas do universo e às forças do bem e do mal. Se a corrente for mantida, será alcançado aquilo que se deseja; caso seja partida, poderão vir muitos males para quem a quebrou.

Também se pode iniciar a corrente depois de alcançado o benefício. Faz-se o pedido às forças magnéticas do universo e às forças do bem e do mal. Promete-se a elas que se fará uma corrente do tipo desta de que aqui se trata. Obtido o benefício, inicia-se a corrente da maneira como foi explicada acima, porém com ligeira diferença no texto: em vez de escrever: “Desejo alcançar um benefício”, deve-se escrever: “Alcancei um benefício.” O resto é igual.

O pedido às forças magnéticas e às forças do bem e do mal deve ser feito assim:

“Forças universais; forças magnéticas; forças do bem e do mal: Sou parte integrante de vós. Eu dependo de vós assim como vós dependeis de mim. Só desejo o equilíbrio das coisas. Preciso de... (faz-se aqui o pedido) para que seja mantido o meu equilíbrio. Preciso da

vossa energia para que tudo me saia como desejo, e para que fique tudo equilibrado. O magnetismo sai de um lugar para outro a fim de que a parte desequilibrada se torne equilibrada. É o magnetismo das coisas; é o equilíbrio perfeito da energia de todo o universo. O mecanismo do universo depende tão-só da perfeita distribuição de energias."

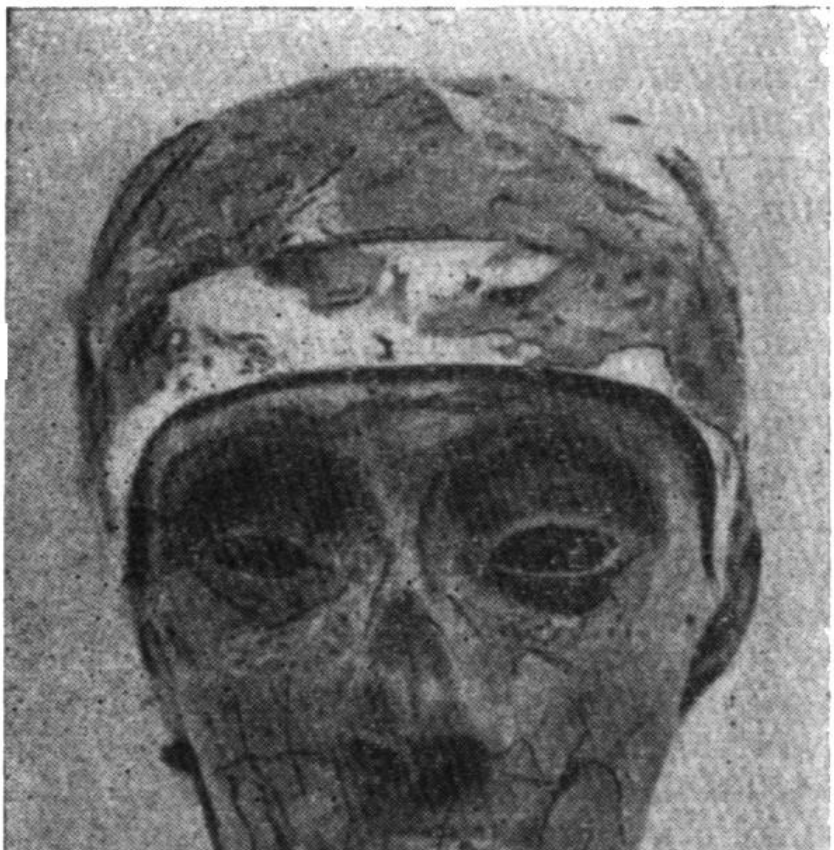
MÚMIAS

Múmias eram os corpos dos mortos que os egípcios em-balsamavam para que as almas, durante a sua peregrinação pelo espaço, pudessem reentrar neles e descansar. Para conservar um corpo, os egípcios retiravam dele as vísceras e o cérebro, enchiam-no de essências aromáticas, mergulhavam-no num banho de natrão, envolviam-no em faixas, e transformavam-no, assim, em múmia. Esta, fechada num caixão de madeira ou de gesso, era metida no túmulo com todos os objetos necessários à vida. A tampa do caixão era feita de maneira que reproduzisse a imagem do morto. Sobre o peito da múmia colocava-se um livrinho, chamado. Livro dos Mortos, onde estava escrito aquilo que a alma devia dizer diante do tribunal de Osíris:

"Não cometi nenhuma fraude; nunca atormentei a viúva; não fiz coisa proibida; não fui ocioso; nunca disse mal do escravo na presença

do seu senhor; não roubei os pães dos templos; não roubei as provisões dos mortos; nunca alterei as medidas dos grãos; não cacei nunca os animais sagrados; nunca pesquei os peixes sagrados; sou puro. Dei pão aos esfaimados, água aos que tinham sede, fato aos que estavam nus. Ofereci sacrifícios aos deuses, e banquetes fúnebres aos defuntos."

Por esse trecho do Livro dos Mortos se fica a saber qual a moral dos antigos egípcios, a qual pode resumir-se no seguinte: observar as cerimônias, respeitar tudo o que pertence aos deuses, ser sincero, honesto e benevolente.



TÁBUA DA ESMERALDA

(Encontrada por Alexandre o Grande, da Macedônia, na grande pirâmide do Egito)

É verdadeiro, sem mentira, e muito variável. Aquilo 4 que está embaixo é como aquilo que está no alto, e aquilo que está em cima é como aquilo que está embaixo, para serem feitos os milagres de uma só coisa. E assim como todas as coisas vieram e vêm de uma só, também todas as coisas nasceram nessa coisa única, por adaptação. O Sol é o pai dessa coisa única; a Lua é a mãe; o Vento a carregou no ventre; a Terra é a sua ama-de-leite, o pai de tudo, o Telein; o Querer de todo o mundo está aqui, a sua força é total, se convertida em terra.

Separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, suavemente, com grande paciência. Ele sobe da Terra ao Céu, e de novo desce à Terra, e recebe a força das coisas superiores e inferiores. Alcançarás por esse

meio toda a glória do mundo, e toda a obscuridade se afastará de ti. É a força de toda a força, pois vencerá todas as coisas sutis e pene, trará em todas as coisas sólidas.

Assim foi criado o mundo. Disto nascerão e sairão inúmeras adaptações, das quais o meio está aqui.

AS NÚPCIAS REAIS

Serão hoje, hoje, hoje, / As núpcias reais. / Se tomar parte nelas é o vosso destino, / Se por Deus fostes eleito para a alegria, / Ide à montanha dos três templos. / E observai os acontecimentos. / Cuidai de vós; / Examinai-vos a vós próprio. / Se vos não purificardes freqüentemente, / As núpcias hão de desgostar-vos. / Ai daquele que se demora lá embaixo.

A PROFECIA DE SANTA ODILA (século XVIII)

Escutai, irmãos! Vi o terror das florestas e das montanhas. Os povos ficaram gelados de medo. Chegou o momento em que a Germânia se mostrará mais belicosa do que todas as outras nações. Agora surgirá o terrível guerreiro, para iniciar a guerra do Mundo: aquele a quem os povos em armas chamarão o Anticristo, aquele a quem as mães amaldiçoarão, chorando, como Raquel, pelos filhos, embora não desejem ser consoladas. Nesta guerra combaterão vinte mundos (países). Das margens do Danúbio partirá o conquistador. A guerra que ele desencadear será a mais brutal que os seres humanos jamais viram. Serão flamejantes as armas, e os elmos dos soldados, eriçados de pontas, lançarão clarões, enquanto as mãos brandirão tochas inflamad e no ar; serão vistos guerreirc veis, os quais subirão até o ce s e projetá-las sobre as cidades nações ficarão

espantadas e perguntarão: “Donde vem esta loucura de fogo?”

Será revolvida a terra pela violência dos combates. As flores ficarão manchadas de sangue e os próprios monstros marinhos fugirão assustados para as maiores profundezas dos mares. Hão de espantar-se as gerações futuras, por não terem os adversários entravado a marcha das suas vitórias. Correrão torrentes de sangue humano em redor da montanha. Será a derradeira batalha.

Enquanto isso, o conquistador terá atingido o ápice dos seus triunfos por volta do sexto mês do segundo ano de hostilidades. Será esse o fim do chamado primeiro período de vitórias sangrentas. Então pensará o conquistador que já pode impor condições.

A segunda parte durará tanto quanto a metade da primeira. Será chamada “período de domínio”. Haverá muitas surpresas que farão tremer os povos. Mais ou menos a meio desse período, as nações dominadas pelo conquistador clamarão: “Paz! Paz!” Porém não haverá paz: não será o fim, mas sim o princípio do fim — quando se travar a batalha na Cidade das Cidades. Nesse momento, muitos daqueles que o cercam desejarão destruí-lo. Sucederão coisas espantosas no Oriente.

O terceiro período demorará pouco tempo. Será conhecido como “período de invasão”, porque haverá o justo retorno das coisas, e o país do conquistador será invadido por todos os lados. Os exércitos serão dizimados por um grande mal, e os homens dirão: “Eis a mão de Deus!” Os povos julgarão que está próximo o fim. O cetro mudará de mãos e as mães ficarão contentes. Os povos espoliados recuperarão o que haviam perdido e receberão ainda qualquer coisa mais. Será salva a região de Lutécia porque tem montanhas benditas e mulheres religosas. Todos se julgarão, todavia, derrotados. Mas os povos dirigir-se-ão para a montanha e darão graças a Deus. Os homens verão coisas tão abomináveis nessa guerra que as gerações futuras renunciarão à luta. A desgraça, porém, cairá ainda sobre aqueles que não temam o Anticristo, e então este suscitará novos crimes.

Mas há de surgir, enfim, a era da paz, e manter-se. E então os

dois cornos da Lua se reunirão à Cruz. Porque os homens, amedrontados, hão de adorar verdadeiramente a Deus. E o Sol resplandecerá com rara luminosidade.

A MISSA NEGRA

A missa negra é oficiada em homenagem a Lúcifer, e nela se faz tudo ao contrário daquilo que se faz na missa romana: começa pelo fim; as expressões de perdão e paz são trocadas por expressões de guerra e de ódio; em lugar da aceitação da vontade divina, lança-se um repto ao celestial poder; e a consagração é violentamente

profanada.

Conforme o lugar e o tempo em que é celebrada, pode a missa negra variar ligeiramente quanto às minúcias; mas o principal não varia: sempre haverá no altar um corpo nu de mulher, e os fins que se deseja alcançar serão sempre os mesmos: o crime e o sexo, ou então essas duas coisas de uma só vez.

Alguns livros dos fins do século XVII e do princípio do século XVIII trazem a descrição da famosa missa negra celebrada na França em janeiro de 1678. Traduzimos a seguir essa descrição, compilada de vários manuscritos:

Sete pessoas se dedicam afanosamente ao arranjo das coisas necessárias à missa que se vai celebrar em casa da marquesa de Montespan: a Voisin e a sua filha Margarida; A Chanfrein; a Trianon; Lesage, Romain e o padre Guibourg. É a missa negra, e o altar foi erguido num pavilhão que existe no fundo do quintal da marquesa.

Lesage dá por encerrado o mistério da quarentena; a Chanfrein trouxe um menino, certamente raptado num dos bairros pobres, ou simplesmente apanhado na rua, dentre vagabundos; Romain acende o forno; o carrasco já forneceu a quantidade suficiente de banha humana, extraída dos criminosos por ele enforcados no pátio da prisão.

A marquesa teve de pagar à Voisin as cem mil libras que prometera. É uma grossa quantia, mas a Voisin não faz por menos, e, afinal, que são cem mil libras para quem quer satisfazer um capricho? Com efeito: a marquesa, favorita de Luís XIV, deseja mudar as inclinações do soberano em relação à Fontages, e para isso está disposta a fazer o impossível. A bela Fontages está prejudicando a amizade que Luís XIV alimenta pela marquesa, e portanto deve ser eliminada; além disso, acredita a marquesa que um dia será rainha, e portanto não hesita em destruir a mulher de Luís XIV. Destruída esta, fácil lhe será convencer o soberano a casar-se de novo... desta vez com ela própria. Tudo isto lhe é soprado pela Voisin, que promete resolver os problemas todos, por mais difíceis que sejam. Pois não é 4 verdade

que os filtros e artes mágicas da Voisin podem tudo? Não é verdade que o amor, e também a morte, obedecem a essas artes e a esses filtros?

Aproxima-se o momento supremo; está escura a noite; duma porta secreta emerge o sacerdote, que vai rezar durante algum tempo no pavilhão.

Não é esta a primeira vez que o padre Guibourg oficia sobre um corpo nu de mulher: já o fez em várias ocasiões no seu castelo de Villebousin, mas aqui, na Rua Beauregard, neste pavilhão quase escondido no fundo sombrio do quintal, é realmente a primeira vez que ele se presta, ao culto infame; e por isso dá o máximo de si mesmo: não quer que a patrocinadora deixe, nem um minuto sequer, de confiar nele com todo o ardor.

Vem agora a Montespan, que se faz acompanhar de uma das suas damas (a senhorita des Oeillets). Cobre-lhe o rosto perfumada máscara, porém a Voisin logo a reconhece, pois são inconfundíveis aqueles ombros elegantíssimos, aquele talhe divino, e aquele porte orgulhoso. Sem delongas, a bruxa a conduz ao pavilhão.

A marquesa é que parece hesitar um pouco: estremece levemente, quase resiste, retarda os passos... Sim, já conhecia de perto a missa negra, e já expusera o corpo num altar semelhante àquele; mas isto em sua própria casa, em situação menos séria. Ali, naquele

pavilhão, sentia-se estranha. Não há, porém, lugar para desfalecimentos: já a Voisin a leva até um pequeno aposento, onde a senhorita des Oeillets começa logo a tirar as jóias e os vestidos de sua senhora. Enquanto isso, a bruxa diz a meia voz:

— Avante, marquesa! Não há o que temer!

Contudo, a Montespan não se mostra definitivamente resolvida; e quando chega às últimas peças da roupa, quando o seu corpo sublime está para desnudar-se por completo, ela ainda resiste. Sem perda de tempo, a Voisin bichana-lhe palavras de animação:

— Bem sabeis, querida marquesa, que é imprescindível a nudez total: vosso corpo tem de ficar todo nu sobre o negro pano do altar. Sem isto, não serão obtidos bons resultados.

A formosa dama se deixa vencer, mas ainda há uma coisa que a perturba, e ela pergunta com certa angústia:

— E o menino? Cairá sobre mim o sangue dele? Responde-lhe a Voisin com um elogio macabro:

— Não pode ser de outro modo, senhora; e as gotas de sangue parecerão rubis quando baterem de encontro a esse extraordinário mármore que forma o vosso corpo de ninfa.

Rebate ainda a marquesa com voz trêmula:

— Que horror! Sinto-me desfalecer. É terrível! Mas a Voisin é que não titubeia nunca:

— Lembrai-vos do trono, senhora! (diz ela com calor). Imaginai que, em vez do sangue do menino, é o sangue da vossa rival que se derrama sobre o vosso corpo: Lúcifer merece este sacrifício, bem sabeis, e sem Lúcifer nada se alcançará.

Começa então o ritual. Já agora se encontra no altar o corpo magnífico da grande dama. As linhas impecáveis daquele corpo; as curvas suaves; a brancura de neve — tudo isto que faz a loucura do rei sobressai de encontro ao negror do forro do altar. A almofada de veludo, também negra, posta debaixo da cabeça majestosa, parece fazer ressaltar a beleza da cabeleira cor de ouro, que desce, em ondas,

para o chão. As pernas, buriladas, roliças, de ancas poderosas, se afastam para a direita e para a esquerda, num abandono que seria obsceno se não fosse tão artisticamente sublime; os braços estão abertos em cruz; e as mãos seguram, cada uma delas, um castiçal de ouro maciço.

A luz palente das velas como que saltita pelos recantos escuros, envolve os objetos, dão contornos ao mesmo tempo suaves e excitantes àquele corpo de deusa. Sente-se no ar o perfume estranho que se evola dos turíbulos alimentados com incenso oriental; e as espirais de fumo parecem fantasmas que se elevam no ambiente e logo desaparecem. Reina silêncio quase total, porque se ouve tão-só o estalar do círio preto, e, talvez, o bater agitado daquele coração ardente que é o da marquesa.

Agora se ouvem passos leves e compassados: é o sacerdote que traz o cálice de ouro para colocar sobre o ventre da aristocrata. O objeto sagrado vem coberto com finíssimo pano de linho, por cima do qual foi posto um pergaminho novo, onde estão escritos os desejos daquela mulher. Começa o padre maldito a recitar, com voz monótona e rouca, mas firme, as palavras do rito; e a cada trecho responde a Voisin, que funciona como sacristã. E quando finalmente ela vibra a campainha, o sacerdote põe um joelho em terra e beija o púbis que ali está à mostra. A marquesa não pode evitar um estremecimento, ao sentir aquele contacto impuro.

Aproxima-se o momento da consagração: o sacerdote prepara no cálice uma estranha mistura: um pouco das cinzas dum menino queimado num forno é reunido a uma hóstia consagrada partida em pequeninos; para completar a pasta conjuratória, falta apenas certa quantidade do sangue duma criança. E ali está a des Oeillets, ajudante da Voisin, com o menino trazido pela Chanfrein. Guibourg o recebe e o levanta acima da cabeça; e enquanto a criança grita de medo, ele pronuncia solenemente as seguintes palavras:

— Cristo Jesus procurava atrair os pequeninos: "*Sinite parvulos venire ad me*." Eu, que dele fui sacerdote, sacrifico a ti, ó Lúcifer, este menino para que vá ele unir-se a ti, e para que assim me possas

conceder o que te rogo e requeiro. E com uma faca de dois gumes afiadíssimos, abre, sem hesitar, a carótida da vítima; esta ainda se debate, mas vai perdendo as forças, e os gemidos enfraquecem à proporção que o sangue mana da grossa artéria cortada e cai pesadamente no corpo marmóreo da marquesa. Completa-se o conteúdo do cálice com aquele sangue; e o cadáver do imolado é entregue à Voisin para que o atire dentro do forno. Antes que se extinga o círio negro, feito com a banha dum enforcado, o apóstata suspende até acima da cabeça o cálice no qual se encontra a horrenda mistura, e em voz solene começa a falar como se ele próprio fosse a Montespan:

— Eu (aqui diz o nome, apelido e títulos da Montespan) rogo e requeiro para mim, e somente para mim, o carinho do rei, e que ele nunca, jamais, em tempo algum, de mim se afaste ou se aborreça; e rogo também que faças com que a rainha fique para sempre estéril; e que o soberano deixe o leito conjugal.

Aqui termina a descrição da missa. Fazem-se a seguir alguns comentários a respeito deste assunto.

Os sérios problemas sociais que principiaram em 1793 e cumularam com a Revolução Francesa contribuíram para que fosse pràticamente abandonada a missa negra tal como era realizada no século XVII. Tão preocupadas estavam as pessoas com os dramas que se desenrolavam cada dia, que não tinham vagares para atividades sobrenaturais. E com efeito, só muito raramente se rezava a missa negra, e assim mesmo sem a pompa que antes a caracterizava.

Foi isto assim até 1850, mas, a partir de então, viram-se os europeus novamente magnetizados pelo estudo das coisas extraterrenas: começaram a investigar a Magia Negra e a Magia Branca; puseram-se a fazer experiências no campo do Ocultismo; fundaram centros espiritistas; descobriram novas ciências, como a Frenologia e o Magnetismo.

Parece que foi a França o país que mais se dedicou a essas atividades e pesquisas, embora toda a Europa demonstre o máximo

interesse por tudo isso. Temos de reconhecer, porém, que a missa negra restaurada não exibe o mesmo esplendor da original: já não se derrama o sangue de meninos sobre os corpos das mulheres; já não se obedece fielmente aos princípios tétricos da lei antiga, e o que se viu foi a busca de prazeres sexuais através de um misticismo confuso e vacilante.

O TRIUNFO DE BELZEBU — quadro atribuído ao Marquês de Sade.

Com efeito: a partir de 1850, os sequazes de Lúcifer já não têm a mesma fé que os antigos demonstravam: alguns são aventureiros sem orientação religiosa; outros são meros buscantes de gozos sexuais: são sádicos, masoquistas, degenerados de todas as espécies: em vez da invocação dos demônios verdadeiros, invocam os demônios do prazer e do vício.

Há exceções, todavia, e uma delas é Eugênio Vintrás, mencionado em todos os livros que tratam destes assuntos.

Foi ele o fundador de uma seita chamada O CARMELO, também conhecida como OBRA DA MISERICÓRDIA.

Considerava-se Vintrás a reencarnação do profeta Elias, e, como tal, usava barba longa, envergava túnica de sacerdote antigo, e exibia ares de visionário: olhar desvairado e gestos pomposos. Com isso tudo, logrou reunir muitos seguidores, que viam nele pelo menos um ser misterioso e dotado de poderes estranhos. Talvez fosse realmente um homem extraordinário, de grande força mística, ou talvez andasse em busca de prazeres inauditos, mas o fato é que as autoridades francesas o consideraram infrator das leis.

Os prosélitos de Vintrás celebravam suas missas aos sábados, e de maneira peculiar: mantinham-se nus durante a cerimônia toda; gritavam: “Amor! Amor! Amor!”; e terminavam caindo nos braços uns dos outros. Consta nos livros que tais missas degeneravam sempre em desenfreadas orgias. Uma delas (a mais citada) foi celebrada em Paris em 1845. Havia sido proibida por Vintrás (que na ocasião se encontrava em Londres), mas talvez por isso mesmo despertou mais interesse. Durante ela, materializou-se um demônio, que para isso aproveitou o fluido magnético de três pessoas em estado sonambúlico. Em seguida, entrou na posse erótica de uma rapariga que lhe foi entregue em sono cataléptico. O sacerdote que devia realizar a consagração do ato ficou inibido por causa da oposição de Vintrás (o

qual, mesmo à distância, fazia sentir sua influência). Debalde se esforçaram os indivíduos presentes ao ato: brotava-lhes o sangue pelos olhos, pelo nariz e pelos ouvidos; com o esforço que desenvolviam, faziam com que estremecessem e se entrechocassem os móveis do recinto; o ambiente ficou saturado de eletricidade. Nada disso, porém, logrou modificar aquele estado de coisas: definitivamente estuporado, o sacerdote se viu impossibilitado de desenhar no espaço os sinais mágicos da consagração, e assim a rapariga, deflorada pelo demônio, permaneceu em estado cataléptico até morrer.

O sucessor de Vintrás foi um certo abade Boullan, que imprimiu nova orientação ao CARMELO, mas incentivou-lhe o caráter sexual (que ele chamava misticismo). Atingiu excessos inacreditáveis a perversão moral do abade. Para termos idéia de como se passavam as coisas, basta dizer que a cópula sodomita (coito anal), por ele imposta aos escolhidos do CARMELO, era considerada união celeste.

Missas como a que descrevemos acima, e que apresentavam elementos de cunho realmente satânico, não se realizam mais nos tempos modernos, a não ser, talvez, muito excepcionalmente. Em nossos dias, celebram-se missas negras em casa dalgum milionário norte-americano excêntrico, ou na oficina dalgum artista desequilibrado: improvisa-se um altar, compram-se objetos semelhantes aos que se usavam antigamente, procura-se fazer o que mandam os livros malditos — e eis celebrada a missa negra. O resultado é, às vezes, mais ridículo do que diabólico, e a intenção é mais de busca de prazeres e emoções estranhas do que de invocação do demônio. Comparecem quase sempre indivíduos curiosos que desejam saber o que se passa nesse campo, e também homens e mulheres esgotados que esperam descobrir nessas coisas algum estímulo novo para os seus embotados sentidos.

Pode-se dizer, portanto, e em resumo, que já não existe a missa negra como ato demoníaco, embora a imprensa noticie, de vez em quando, o reaparecimento desse gênero de atividade. (Trata-se, quase sempre, de informações imprecisas, fragmentárias, com pouca base real.)

O bode do sabá.

Em 1865, houve em Charleston, nos Estados Unidos, um templo dedicado a Lúcifer, no qual se celebravam, todas as noites, cerimônias infernais. Nas quartas e sextas-feiras, a cerimônia consistia na celebração da missa negra. Entoava-se o hino dedicado a Satanás, hino esse composto por um certo Josué Carducci, que era considerado bom poeta.

É longo este hino, e portanto não nos parece razoável transcrevê-lo todo aqui; daremos, nada obstante, algumas estrofes dele, para que o leitor faça uma idéia do assunto:

“Quando no copo cintila o vinho,

Assim como no fundo da pupila brilha noss'alma;

Quando correm a Terra e o Sol,

E trocam palavras de amor;

Quando sucede o espasmo duma cópula invisível

Que atinge os montes e fecunda a planície,

A ti chegam meus cantos atrevidos:

A Ti, imenso princípio do Ser.

Matéria e Espírito,

Razão e Sentimento.”

Naquele templo, chamado Luciferino, costumava-se recitar uma litania (ou ladainha) maldita, da qual damos aqui a íntegra.

LITANIA DOS MALDIZENTES

Em nome de Satanás, espírito do mal, senhor das trevas — amém!

Satanás esteja convosco — amém!

E com o vosso espírito — amém!

Satanás, amaldiçoai-nos;

Príncipe das fornicações, amaldiçoai-nos;

Rei da Luxúria, amaldiçoai-nos;

Pai do Incesto, amaldiçoai-nos;

Satanás, que fazeis com que

Os homens se destruam como feras, amaldiçoai-nos;

Serpente do Gênesis, amaldiçoai-nos;

Satanás, que movestes o braço de Caim, amaldiçoai-nos;

Satanás, que fizestes Noé cair no sono, amaldiçoai-nos;

Protetor dos ladrões e assassinos, amparai-nos;

Ânfora de peçonha, ajudai-nos;

Mestre das Ciências Malditas, velai por nós;

Príncipe imenso dos espaços infinitos,

Matéria e Espírito, Razão e Força, nós vos adoramos.

Satanás esteja conosco — amém!

E com o nosso espírito — amém!

Terminou a missa demoníaca.

Sejam nossos poderes mágicos invioláveis

Em toda a superfície da terra,

Nas profundezas do mar,

E no espaço infinito.

Amém! Amém! Amém!

No livro intitulado HISTÓRIA DA MAGIA EM FRANÇA, de autoria de Júlio Carinet, descreve-se um templo que existiu em Paris no começo do século XIX, o qual era mantido por bruxos e bruxas de todo gênero. Nesse templo, segundo o mesmo autor, entoava-se, durante uma das cerimônias sacrílegas, a seguinte

LITANIA NEGRA

Lúcifer, miserere nobis;

Belzebu, miserere nobis;

Leviatã, miserere nobis;

Bael, príncipe dos serafins, ora pro nobis;

Belfegor, príncipe dos querubins, ora pro nobis;

Astarô, príncipe dos tronos, ora pro nobis;

Asmodeu, príncipe das dominações, ora pro nobis;

Anducias, príncipe das potestades, ora pro nobis;

Belial, príncipe das virtudes, ora pro nobis;

Perriel, príncipe dos principados, ora pro nobis;

Eurinomo, príncipe dos arcanjos, ora pro nobis;

Juniel,principe dos anjos, ora pro nobis.

Belfegor, pai da luxúria, ora pro nobis.

Esta parte da litania negra parece querer dar a entender que as entidades celestes se encontram sob o domínio das infernais. Seguem-se nomes desconhecidos na literatura demoníaca. Talvez se trate de pessoas de certa notoriedade naquela época, mas não se sabe se a intenção do autor da litania é desmoralizá-las ou prestar-lhes homenagem. Eis as estrofes em que aparecem tais nomes:

Fereal, pai dos assassinos, ora pro nobis;

Bordão, pai dos ladrões ora pro nobis;

Perrier, pai dos bêbados, ora pro nobis;

Termina a ladainha com uma seqüência de nomes que não estão seguidos de apostos:

Ataúde, ora pro nobis;

Bôca Fumegante, ora pro nobis;

Pedra de Fogo, ora pro nobis;

Carnívoro, ora pro nobis;

Cuteleiro, ora pro nobis;

Candeeiro, ora pro nobis;

Grande Bode, ora pro nobis.

OS TRÊS ESPÍRITOS MAUS

TODOS NÓS MORREREMOS UM DIA

Lembremo-nos sempre de que vamos todos morrer. Diz a Bíblia: "És pó, e ao pó reverterás." Significa isto, noutras palavras, que não valemos nada, que não somos nada, que somos poeira que o vento leva. Os antigos punham num quadro a figura de um esqueleto, e por baixo da figura as seguintes palavras: "*Fuit quod es; eris quod sum*." Este latim quer dizer: "Eu fui o que tu és; tu serás o que eu sou."

"Fui o que tu és", porque o esqueleto, quando vivo, teve carne, sangue, nervos e músculos, e estava animado pelo sopro da vida, tal como qualquer um de nós; "tu serás o que eu sou", porque todos nós perderemos o sopro da vida, os músculos, os nervos, o sangue e também a carne.

Um dos escritores antigos pergunta num dos seus livros: "O que é a formosura, senão uma caveira bem vestida?" E ele mesmo responde que, de fato, se tirarmos as carnes da mais bela mulher, ela se tornará caveira, igual às outras caveiras, tão desagradável de ver-se como qualquer uma. E entre esta caveira da mulher bela e a caveira da mais feia das mulheres não se fará distinção, porque são iguais.

Por ocasião de umas escavações que se fizeram no lugar onde outrora existira uma grande cidade, foi descoberto um cemitério. Cavou-se ali durante algum tempo, e surgiram sempre mais ossadas e fragmentos de ossos. E embora se soubesse que havia também ossadas dos reis daquela antiga cidade, não foi possível distinguir qual daqueles ossos pertencera aos reis: os ossos eram todos parecidíssimos entre si, e nem os mais sábios arqueólogos da expedição foram capazes de saber qual a caveira do rei, e qual a caveira do último dos escravos. Tudo era pó, e havia tudo voltado a ser pó.

Muita gente se esquece disso, e vive cheia de orgulho e preconceito. Há, em torno de nós, muitos exemplos de pessoas

orgulhosas, mas vamos narrar apenas dois casos, para ilustrar a nossa tese.

Um rapaz ainda novo trabalhava de amanuense num grande banco. Durante uns oito anos, preencheu fichas, datilografou cartas, arquivou documentos — executou, enfim, aquelas tarefas que se espera que um amanuense execute num escritório duma grande firma. A noite, ele freqüentava a escola de Direito, a fim de tornar-se advogado. Não era aluno brilhante, e ao contrário recorria sempre a fraudes para conseguir aprovação nos exames escritos; porém não se podia dizer que fosse dos piores.

Quando, finalmente, recebeu o diploma de bacharel, casou com a filha dum dos diretores do banco onde trabalhava, e por intermédio desse diretor conseguiu ser nomeado advogado do mesmo banco. Pois bem: daí por diante passou a mostrar uma cara solene, o seu modo de andar ficou mais solene ainda, e os antigos companheiros ele os cumprimentava como se lhes fizesse um favor, e sempre que podia os evitava e fingia que os não via para não falar-lhes. Ele não era grande advogado, nem ficou rico pelo fato de exercer aquela profissão, mas naturalmente se julgava superior aos demais empregados, que continuavam a ser amanuenses como ele tinha sido. Mesmo, porém, que fosse rico e famoso, para que servia tanto orgulho? Como homem, como ser humano, ele não era melhor do que ninguém. E quando morrer, os ossos dele serão iguais aos ossos de todos aqueles indivíduos que ele desprezou. Mas é assim a vaidade humana.

O outro caso é o de um sujeito que, à força de bajular patrões, na empresa em que trabalhava, chegou a ser chefe do gabinete dum dos diretores. Bastou isto para que ele não cumprimentasse os demais funcionários: falava tão-só com os que estavam acima dele na hierarquia. Depois de muita bajulação e de muita curvatura da espinha dorsal, conseguiu outros postos de relevo, e juntou algum dinheiro. Considerava-se rico, e desprezava os que não tivessem tanto dinheiro quanto ele. Era rico no físico, mas pobre de espírito: não via que o corpo teria de voltar a ser pó, e que só o espírito pode ser cultivado.

Há muitos outros exemplos de tipos mesquinhos como estes dois. O mundo está sobrecarregado deles. Morrerão, porém. E nascerão outros para substituí-los. Mas o fim de todos é sempre o mesmo: vem a morte e os leva para que prestem contas do que aqui fizeram.

Í N D I C E

A antiguidade deste livro 3

Introdução 8

O aprendiz de feiticeiro, ou advertência 13

Maneira de evocar os espíritos 17

A escrita mediúnica 21

A arte de interpretar sonhos 25

Aparições, tesouros enterrados e avisos por meio de sonhos 27

Hipnotismo 40

Maneiras de hipnotizar 43

Primeiro método 44

Segundo método 43

Terceiro método 43

Quarto método 47

Quinto método 47

Para fazer sair o paciente do estado hipnótico 48
Cartomancia 52
Figuras 54
Primeiro exemplo 56
Segundo exemplo 57
Terceiro exemplo 57
Palavras e algarismos 63
Algarismos que se harmonizam 64
Os corpos do homem e as viagens astrais 66
Viagens astrais 69
Para visitar, sem sair de casa, uma pessoa amiga 70
Modo de escolher e usar a bola de cristal 73
Secretos dos antigos 78
1. Para abrandar a tosse 78
2. Também é contra a tosse 79
3. Contra o mal dos cães 79
4. Contra a epilepsia 80
5. Sinapismo 80
6. Dos sacerdotes brâmanes 81
7. Contra a azia e a má digestão 81
8. Para garganta inflamada 82
9. Para as espinhas 82
10. Reconstituinte 82
11. Para sentir menos o cansaço 83
12. Contra dores de cabeça 83
13. Para curar o vício da bebida 84

14. Para se não embebedar 84
15. Para tirar o mel das colméias 84
16. Para curar o resfriado 85
17. Cura pelo vinagre e pela urina 85
18. Contra vermes e tosse das crianças 86
19. Contra formigas, mosquitos e percevejos 86
20. Contra as pulgas 87
21. Contra as moscas 87
22. Contra os mosquitos 87
23. Contra os ratos 88
24. Contra percevejos, piolhos e pulgas 88
25. Contra percevejos 88
26. Contra a sarna 89
27. Contra os catarros 98
28. Das boas qualidades do Ovo 90
29. Para refinar a pólvora 90
30. Para saber o sexo da criança que vai nascer 90
31. As virtudes da artemísia 91
32. Tempo de dormir 91
33. Para tirar nódoas de azeite 92
34. Virtudes da pele da cobra 93
35. Para conservar a castidade 93
36. Para multiplicar a cera 94
37. Para aumentar a memória 94
38. O elixir da longa vida 94
39. Proveitoso para os lavradores 95

40. Para resistir ao frio 95
41. Para suportar a sede 96
42. Ungüento da guerra 96
43. Para secar o leite das mulheres 96
44. Contra os sofrimentos dos rins e da bexiga 97
45. Também contra os sofrimentos dos rins 97
46. Para rejuvenescer 99
47. A pedra da camurça 99
48. Dos casados que não têm filhos 100
49. Para ter voz boa e clara 101
50. O elixir da coragem 101
51. Contra a calvície 101
52. Para os cabelos se conservarem pretos 102
53. Para que os cabelos e as unhas cresçam depressa 102
54. Para que as unhas e os cabelos cresçam pouco 103
55. Para que a barba e os cabelos fiquem pretos 103
56. Para que não nasçam cabelos 103
57. Para conservar louros o cabelo e a barba 103
58. Para conservar negros o cabelo e a barba 104
59. Receita de Paracelso para a formação do homúnculo 104
60. Pílulas para ter sonhos que serão interpretados 105
61. Para que a pessoa não seja ferida 105
62. Para livrar-se alguém da perseguição dos fantasmas 106
Medicina caseira 109
Contra dor de cabeça 109
Vermífugo 109

Contra dores de cabeça 109
Contra diabete e doenças dos rins 109
Para eliminar vermes 110
Para retardar a menstruação e para fazê-la vir 110
Contra disenteria 110
Para acalmar os nervos e ter sono 110
Contra a caspa 110
Contra dores de dentes 110
Para aliviar as dores provocadas por pancadas 110
Contra os efeitos das pancadas 110
Contra os males da vesícula, dos rins, do fígado e dos ovários 110
Contra furúnculos 111
Contra inchações 111
Contra as impurezas do sangue 112
Contra os gases intestinais 112
Reconstituinte 112
Contra a tosse 112
Contra o mau hálito 122
Para eliminar as verrugas 112
Contra os males dos rins 113
Contra erisipela 113
Contra o resfriado e a febre 113
Contra os males dos intestinos e do fígado 113
Contra dores de garganta 113
Contra obstruções nasais 113
Contra as inflamações das amídalas 113

Rituais, sortilégios e fórmulas mágicas 115
O sortilégio do frasco 115
Para sonhar com a solução dalgum problema 115
Para ver os trabalhos que o futuro nos reserva 116
Mágica para moça casadoiras 117
Para saber o nome do futuro marido 117
Mágica do poço 117
Sortilégio dos cinco pregos 117
Para ligar namorados 118
Para acender uma lâmpada espantosa 119
Para obter felicidade 119
Para alcançar tranqüilidade 120
Para conhecer o pensamento de outra pessoa 120
Para ganhar no jogo 120
Para acertar na loteria 121
O poder milagroso do azevinho 121
Para livrar-se dos fantasmas 123
Para que o morto nos livre de doenças 123
Para que os maus espíritos não nos incomodem 123
Palavra cabalística 124
Paia transformar em amigos os espíritos inimigos 124
Para que o espírito conceda o perdão 125
Para que o homem se livre dum espírito de mulher 125
Pedido às almas do purgatório 126
Contra a perfídia das mulheres 126
Contra a perfídia dos homens 127

Contra a perfídia de amigos e sócios 127
Para que não tenhais inimigos 128
Para obter a fidelidade do amante 128
Para que o vosso marido vos seja fiel 129
O sortilégio da palmilha 129
Para que a mulher vos seja fiel 130
Para que o parceiro não alcance o prazer carnal com outrem 130
Feitiço da cobra 130
A força da malva 131
Quando a moça deseja casar 131
Para promover matrimônio 131
Amuleto para se fazer amar 132
Para impedir o contentamento carnal de alguém 132
Como saber se o ausente é fiel 133
Para tornar infeliz uma pessoa 133
O poder do fogo 133
A agulha poderosa 135
Como estorvar os negócios de alguém 136
Como prejudicar um rebanho 137
Para danificar uma colheita 137
Destruição de quem nos esteja causando mal 137
Para acertar na loteria 138
Para ficar invisível 139
Os dias mais aziagos do ano 140
Rezas, conjuros, benzeduras e súplicas 141
Reza para mau olhado 141

Outra reza para mau olhado 141
Ainda outra para tirar mau olhado 141
Espinhela caída 142
Oração da pedra cristalina 142
Pata abrandar o coração dos inimigos 143
Para não sentir ódio nem raiva 143
Benzedura para a pele 143
Conjuro para ganhar dinheiro 144
Conjuro para não ser ferido por nenhuma arma 144
Para desalojar alguém que nos incomoda 145
Para quem tem medo à noite 146
Para que a comida cozinhe depressa 146
Oração contra o furto 146
Oração medieval de arrependimento 147
Oração medieval para melhorar de vida 147
Oração medieval de recomendação da alma a Deus 148
Para deixar de beber e de fumar 148
Benzedura dos pés 148
Oração para quem vai viajar 149
Oração a São Miguel (para viajantes) 149
Aos Cantos Crispim e Crispiniano (para quem viaja a pé) 150
Oração a Santa Catarina para conquistar o coração dos homens 150
Outra oração a Santa Catarina 151
Oração das treze coisas 152
Oração a Santo Antônio de Lisboa 153
Conjuro contra toda espécie de mal físico 153

Oração para defumar a casa 153
Oração dita às avessas 154
Contra quem nos quer mal 154
Prece a Beata Catarina 155
A São Tomás de Aquino para não ter nervosismo nos exames 156
Oração contra o raio 156
Para pedir tempo estival 157
Para pedir chuva 157
Contra o mal dos seios 157
Reza para torcedura 158
Contra dor de dentes 158
Reza para menstruação anormal 158
Para entrar e sair 159
A Nossa Senhora das Mercês 159
Contra sezões 159
Contra dor de cabeça 160
Contra ventosidade 160
Para nos livrarmos das doenças contagiosas 160
Invocação de um bom espírito 161
Para desenvolver a inteligência 161
Novena às estrelas 162
Para acalmar o espírito 163
Orarão fenícia contra as forças do mal 163
Oração da Virgem das virgens 164
Prece dirigida ao Salvador do Mundo 166
Oração da Cabra Preta 168

O espírito precisa do corpo 169
História medieval de curas milagrosas 178
Apêndice 212
Os Mandamentos da Comunidade Judaica 212
Escrita secreta 214
A corrente milagrosa 216
Múmias 218
Tábua da Esmeralda 220
As Núpcias Reais 220
A profecia de Santa Odila (século XVIII) 221
A Missa negra 223
Todos nós morreremos um dia 238